

SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

LUCIA HELENA VENDRUSCULO POSSARI
Organização





Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso

Reitora

Maria Lúcia Cavalli Neder

Vice-Reitor

João Carlos de Souza Maia

Coordenador da Editora Universitária

Lucia Helena Vendrusculo Possari

Conselho Editorial



Presidente

Lucia Helena Vendrusculo Possari

Membros

Ademar de Lima Carvalho (UFMT - Rondonópolis)
Antônio Dinis Ferreira (ESAC - IPC - Portugal)
Ana Carrilho Romero (FEF)
Andréa Ferraz Fernandez (IL)
Eduardo Beraldo de Moraes (FAET)
Giuvano Ebling Brondani (ICET)
Janaina Januário da Silva (FAMEVZ)
Lucyomar França Neto (Discente - FD)
Maria Cristina Theobaldo (ICHS)
María Eugenia Borsani (CEAPEDI - Argentina)
Maria Santíssima de Lima (Técnica - SECOMM)
Maria Thereza de Oliveira Azevedo (IL)
Marina Atanaka dos Santos (ISC)
Marliton Rocha Barreto (UFMT - Sinop)
Maurício Godoy (IF)
Michèle Sato (IE)
Roberto Apolonio (FAET)
Solange Maria Bonaldo (UFMT - Sinop)
Yuji Gushiken (IL)



LUCIA HELENA VENDRUSCULO POSSARI
Organização

SEMIOSSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

CUADRA-MT
2014

© Lucia Helena Vendrusculo Possari, 2014.

A reprodução não autorizada dessa publicação por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A EdUFMT segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S471 Semioses : do cotidiano à cibercultura / Organização Lucia Helena Vendrusculo Possari. – Cuiabá : EdUFMT, 2014.
121 p. : il. color. ; 30 cm.

Coletânea de trabalhos acadêmicos.
Diversos autores.

ISBN: 978-85-327-0528-0

1. Semiótica da cultura. 2. Cibercultura. 3. Semioses - Cultura. 4. Mediações culturais. 5. Cultura - Produção de sentidos. I. Possari, Lucia Helena Vendrusculo.

CDU 316.7:007

Ficha Catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Jordan Antonio de Souza - CRB1/2099

Supervisão técnica

Janaina Januário da Silva

Revisão textual e normalização

Responsabilidade dos autores

Capa, diagramação e projeto gráfico

Neemias Souza Alves

Programação

Téo de Miranda



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso
Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.367 - Boa Esperança
CEP: 78.060-900 - Cuiabá, MT
Fone: (65) 3615 8322 - fax: (65) 3615 8325
www.editora.ufmt.br - edufmt@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea de textos congrega escritos, produtos de trabalhos acadêmicos, apresentados pelos alunos das disciplinas **Estudos de Cultura Contemporânea, módulo Semiótica da Cultura** e da Disciplina: **Tópicos especiais em comunicação e mediações culturais IV: convergência de mídias, divergências nas produções de sentidos**, ambas ministradas por mim, em 2013.

Os textos são resultantes de desafio que fiz aos mestrandos, para que seus trabalhos de conclusão de curso tivessem a densidade de um artigo científico e que fossem publicáveis. Aceitaram e venceram o desafio!

A temática transita entre Semiótica da Cultura - com a quase infinita possibilidade de pesquisa, de objeto e de abordagem – e a Cibercultura, não menos aberta a linhas de fuga.

A proposta deixou livre o tema. Cada um pôde optar pela aproximação com seu projeto de pesquisa de mestrado, ancorando-se nos pressupostos teórico metodológicos semiodiscursivos.

O texto **Processos comunicativos perigosos da/na cibercultura: ciber-crimes no Facebook**, de Adriele Cristina Rodrigues e Lucia Helena Vendrusculo Possari, aborda como, no virtual, constituem-se sujeitos cujas produções de sentidos afetam o mundo físico, envolvendo justiça e polícia. Objetiva-se apresentar a culminância de desentendimentos resultantes de produção de sentidos nas redes onde a produção de sentidos leva a litígios. O ciber-crime é estudado como prática simbólica.

Impressões e sentidos da Copa do Mundo de Futebol para alunos da EJA de Várzea Grande-MT, de Lairce Aleluia de Campos e Francisco Xavier-----, é o produto de uma imersão em escola que Oferece Educação de Jovens e Adultos, a fim de compreender a relação dos alunos com a Copa do Mundo de 2014, realizada em Cuiabá em junho. As impressões pontuadas pelos estudantes incluem os sentidos de modernização, nacionalismo e crítica aos investimentos voltado para o mundial.

Em **Virtualização da informação e as bibliotecas virtuais/digitais**, Jordan Antonio de Souza e Andréa Ferraz Fernandez, propõem reflexão sobre a importância das tecnologias, sistemas e ferramentas digitais da comunicação e informação na virtualização e

digitalização do texto/informação durante o processo de transformação pelo qual passam as bibliotecas convencionais, no atendimento e adequação às demandas relacionadas aos interesses do novo perfil de usuários hiperconectados, que solicitam informações disponíveis na internet.

O texto: **Café para São Benedito – tradição é fé**, de Márcia Screnci Ribeiro e Debora Tavares, se apoia principalmente na Semiótica da Cultura, teoria de Ivan Bystrina para compreender a atitude que, de acordo com os devotos está baseada na fé. Foram entrevistados três devotos a fim de descobrir de que maneira o ritual se propaga e qual o sentido que tem. Entre os devotos de São Benedito existe um ritual de agradecimento que é o ato de servir o primeiro café coado do dia à imagem do santo, que deve ficar na cozinha para garantir a fartura da casa.

Jordan Antonio de Souza, Thiago Kchimel Moura e Lucia Helena Vendrusculo Possari, no texto **Do livro impresso ao e-book: a transição do papel para o virtual** apresentam a transição do livro impresso para o digital no contexto da cibercultura, com relação a implicações na escrita e leitura, com o propósito de refletir sobre a evolução do livro impresso para o digital, discutindo brevemente sobre um pouco da trajetória do livro, as mudanças de suportes físicos empregados para garantir o registro do conhecimento, até o surgimento de sua versão eletrônica e os dispositivos criados exclusivamente para a leitura destas obras.

O texto: **Mídias e espaço escolar: corpos e celulares em sala de aula** de Elisana Alves da Silva e Icléia Rodrigues de Lima e Gomes traz como o advento das novas tecnologias tornou evidente as dificuldades atravessadas pela escola em relação a forma de lidar e acompanhar as mudanças tecnológicas cada vez mais velozes. O uso de aparelhos celulares no espaço escolar divide opiniões em favoráveis e contrárias ao mesmo tempo em que tal temática é alvo de políticos, que tentam através de projetos de lei demonstrar mais preocupação com as influências negativas que sua presença possa causar no espaço da sala de aula do que propriamente com as contribuições que possam ser positivas.

Eveline Teixeira Baptistella e Juliana Abonízio, no texto **O cachorro santo e as éticas de proteção animal: uma reflexão a partir da semiótica da cultura**, contam o mito do cachorro santo Guinefort, alvo de adoração na Europa Medieval, dando a ver relações entre homens e animais, que criam laços interespecieis e determinam comportamentos de respeito aos animais não-humanos que se concretizam na primeira realidade: conceito de Bystrina.

O texto: **As máscaras: objeto histórico dos rituais**, de Ivoneides Maria Batista Amaral e Maria Thereza Azevedo de Oliveira estudam as máscaras utilizadas na dança dos mascarados em Poconé, Mato grosso. Explicam que se trata de processo coletivo que surge na comunidade como uma manifestação ritualística que presta homenagens à religiosidade e crenças de um povo, criando possibilidades de olhar para o mundo através da linguagem do corpo e das máscaras, dialogando com o universo cultural vasto de ritual e combinações de signos.

Cláudia Moreira, Neemias Souza Alves e Lucia Helena Vendrusculo Possari estudam as **Obras da Copa e GPS: usos e produção de sentidos**, propondo reflexões acerca do uso do GPS, no momento em que Cuiabá se prepara para ser uma das sedes da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014, e, ao mesmo tempo em que são realizadas diversas obras de mobilidade urbana, que submetem os condutores a inúmeros desvios de trajeto. Entender como o GPS se comporta neste contexto e verificar se ele é uma ferramenta utilizada pelos motoristas, na tentativa de encontrar os caminhos corretos são os principais objetivos do texto.

Assim nos apresentamos, tencionando colaborar para a difusão do conhecimento produzido nas disciplinas do Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea.



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

SUMÁRIO

Processos comunicativos perigosos da/na cibercultura: cibercrimes no Facebook

Adriele Cristina Rodrigues e Lucia Helena Vendrusculo Possari.....11

Impressões e sentidos da Copa do Mundo de Futebol para alunos da EJA de Várzea Grande-MT

Lairce Aleluia de Campos e Francisco Xavier21

Virtualização da informação e as bibliotecas virtuais/digitais

Jordan Antonio de Souza e Andréa Ferraz Fernandez 27

Café para São Benedito – tradição é fé

Márcia Screnci Ribeiro e Debora Tavares 41

Do livro impresso ao e-book: a transição do papel para o virtual

Jordan Antonio de Souza, Thiago Kchimel Moura
e Lucia Helena Vendrusculo Possari.....53

Mídias e espaço escolar: corpos e celulares em sala de aula

Elisana Alves da Silva e Icléia Rodrigues de Lima e Gomes 69

O cachorro santo e as éticas de proteção animal: uma reflexão a partir da semiótica da cultura

Eveline Teixeira Baptistella e Juliana Abonízio83

As máscaras: objeto histórico dos rituais

Ivoneides Maria Batista Amaral e Maria Thereza Azevedo de Oliveira..... 99

Obras da Copa e GPS: usos e produção de sentidos

Claudia Moreira de Jesus Silva, Neemias Souza Alves
e Lucia Helena Vendrusculo Possari..... 111



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

Processos comunicativos perigosos da/na cibercultura: ciber Crimes no Facebook

Adriele Cristina Rodrigues¹
Lucia Helena Vendrusculo Possari²

Resumo: Pesquisa-se de que maneira, no virtual, constituem-se sujeitos cujas produções de sentidos afetam o mundo físico, envolvendo justiça e polícia. Objetiva-se apresentar a culminância de desentendimentos resultantes de produção de sentidos nas redes onde a produção de sentidos leva a litígios. O cibercrime é estudado como prática simbólica, que se dá através de um aparato tecnológico, que o veicula digitalmente. Os cenários são o Facebook e sites onde são narrados os fatos e seus desdobramentos. A metodologia é de abordagem qualitativa e a construção teórico-metodológica é semiodiscursiva. Na difamação e na injúria, através textos escritos, fotos e vídeos, serão analisadas como processo de interação e de interatividade através da netnografia.

Palavras-chave: Cibercultura. Produção de sentidos. Cibercrime. Facebook.

1 Introdução

A informática se torna o paradigma central na ressignificação do mundo. Dias (2012) aponta que a internet organiza uma outra territorialidade dentro dos campos. Como exemplo a autora cita a implementação dos governos eletrônicos (e-gov), das cidades digitais e dos programas de Ensino a Distância (EAD). Segundo Dias, essas novas territorialidades político-econômico-social da sociedade são reestruturadas em seu modo de atuação, produzindo e sendo produzidas por uma cultura digital. Nesse processo, cada vez mais natural para as pessoas, surge um novo espaço de organização dos sentidos.

Não é possível negar que o conceito de ciberespaço produziu um deslocamento na rede de significação do mundo. O uso da Internet constitui o ciberespaço e institui com ele novas formas de sociabilidade com os *chats*, as redes sociais de relacionamento, os fóruns de discussão, os *blogs*, as conversas instantâneas, etc. Hoje, o ciberespaço está por toda parte constituindo o real da cidade, do espaço urbano, tecendo novas formas de relação entre os sujeitos, com uma linguagem própria, uma temporalidade outra. Novas formas de identidade, de subjetividade, construindo o espaço-tempo virtual. (DIAS, 2012, p. 17)

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT. Email: adriele_cr@hotmail.com

² Doutora em Comunicação e Semiótica. Professora e orientadora do Programa de Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT. Email: luciahvp@hotmail.com

Dias (2012) remete a história para nos mostrar o quanto o ciberespaço altera de maneira profunda a nossa sociedade. O Renascimento proporcionou uma ruptura do homem com Deus, passando do divino para a matéria. Hoje, com a internet, a matéria retoma a sua forma virtual, deslocando o real e produzindo novas formas de subjetividade. O ciberespaço se torna um local de representação do mundo real, onde o atual e virtual se misturam e coexistem.

A constituição desse ciberespaço produz uma complexidade no modo de relação social, pois esse virtual é formado por sujeitos. A internet passa a ser um ambiente novo, que mistura e cristaliza o real com o virtual. Esse ponto pode ser facilmente percebido quando as pessoas sofrem algum tipo de discriminação na internet e procuram a justiça fora desse virtual, no mundo real.

A rede de informática exige um estudo na produção desses sentidos. Tudo o que é produzido no ciberespaço provoca consequências na vida real. Essa relação complexa entre o virtual e real produz novas formas de relação social e afetiva, uma vez que a materialidade é outra. Para Dias (2012, p. 19), “é preciso aprender um novo sentido de afeto”, inclusive quando falamos de crimes digitais.

A possibilidade de construir novas realidades, ou novos “eus” (*fakes*), permitem as pessoas que procuram causar danos a alguém, um espaço amplamente livre e de difícil controle. E se o objetivo for prejudicar a honra subjetiva ou discriminar alguém as redes sociais se tornam um prato cheio, já que na internet o espaço-tempo é outro, o anonimato é possível e você tem a possibilidade de apagar parte dos rastros. Por isso, dentro dos crimes, nossa identidade é o IP.

Para analisar tais sentidos produzidos pelos processos comunicativos perigosos na cibercultura utilizaremos como foco a rede social com maior número de internautas, o Facebook e demais sites que retratam cibercrimes. Recortamos a difamação e injúria como campo de análise, investigando além do post inicial, como textos escritos, fotos e vídeos, portanto, analisando-se a interação, as respostas e os encaminhamentos.

O nosso estudo netnográfico terá o recorte para a Análise de Redes Sociais (ARS) que trata-se de uma compilação de métodos. O nosso foco dentro da análise será para as chamadas interações de desgaste. A construção teórico-metodológica é semiodiscursiva à luz da Análise de Discurso.

Para embasar nossa pesquisa e embasamento teórico empregaremos autores como André Lemos, Cristiane Dias, Henry Jenkins, Alex Primo, Lucia Helena Possari. Para a metodologia utilizaremos Fragoso, Recuero e Amaral, Eni Orlandi e Helena Brandão.

2. Desenvolvimento

A influência da internet e suas tecnologias são tão marcadas na atual sociedade que, normalmente, estudiosos nos denominam de Sociedade da Informação. Percebemos

uma onipresença da internet, onde quase tudo hoje está relacionado, de alguma maneira, a esse meio. Essa ideia está bem visível no livro *Cultura da Convergência*, em que Jenkins (2009, p. 185) aponta que: “numa cultura de caçadores, as crianças brincam com arco e flecha. Na sociedade da informação, elas brincam com informação.”

Mas a questão é: porque essa sociedade contemporânea se sente tão atraída pela internet? Não podemos nos esquecer de que somos hoje um leitor diferente de décadas passadas. Não somos mais aquele público que fica parado, que pouco interfere e que quase nada modifica. Somos hoje leitores virtuais, contemporâneos, que se sentem “livres” para navegar e construir percursos comunicativos de seu interesse, sem seguir algo pré-estabelecido.

Outra característica que confere à internet uma maior atração e, talvez a principal delas, seja a interatividade. Interação é a condição de atuar conjuntamente para a construção de sentidos. Já a interatividade diz respeito à ação do receptor na qual ele tem o poder de interferir ou até modificar o que está sendo objeto de construção de sentidos de conhecimento.

O poder interagir possibilita aos internautas novas experiências de se comunicar, o que faz com que a internet se torne um meio de comunicação tão influente e atrativo nos dias atuais.

Nesse processo de facilitação tecnológica, qualquer signo pode ser recebido, estocado, difundido por computador, por telecomunicação e informática, cujos suportes multimídia e linguagem hipermídia possibilitam o hipertexto com a liberdade de escolha, de nexos iniciativa de direções e rotas. (...) Essas potencialidades envolvem transformações sensórias, perceptivas e cognitivas que trazem novas possibilidades de sensibilidade corporal, física e mental. (...) (POSSARI, 2009, p. 54)

A internet possibilita aos internautas também um espaço de Inteligência Coletiva, onde quase tudo é construído, discutido, acumulado. Por representar um lugar de experimentação e inovação, a internet se torna um ambiente de fluxo de ideias e, consequentemente, de influências.

Mesmo lidando com a não-presença (que definimos como qualquer forma de interação mediada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs), a internet permite processos comunicacionais nunca previstos pelos pesquisadores da comunicação. Mesmo longe presencialmente o ciberespaço permite que as pessoas se emocionem, discutam e tornem essa tecnologia um mundo a parte. Não há como discutir que a internet não seja um campo de atração, já que possibilita um mundo virtual modificador da realidade.

É, então, no contexto da cibercultura que a pesquisa se realizará, buscando compreender-se como são os processos de interação e interatividade que resultam em conflitos, delimitando-se os textos verbais e não-verbais que veiculam injúria e difamação.

A pesquisa sobre a cibercultura, estudada por Lemos (2010), ou ciberespaço, se torna pertinente nos dias atuais. Segundo Dias (2012), o ciberespaço simboliza a existência virtual das coisas do mundo, como dinheiro e as relações afetivas, a partir das condições materiais das práticas sociais, políticas, históricas e ideológicas. Transações, encontros, trocas, quase tudo pode ser resolvido ou feito pela internet. E, quando afirmamos aqui que quase tudo pode ser feito, queremos apontar também os casos em que envolvem danos.

A internet é vista por muitos como o meio salvador da sociedade, por ser um espaço que permite a interação, interatividade, o se envolver, comunicar, namorar, trabalhar, denunciar. Porém, não podemos nos esquecer de que a internet é formada por pessoas, e, tal como na sociedade, existem pessoas nem sempre estão interessadas em fazer o bem.

Não se pode deixar de lado, pois, o estudo das tensões que percorrem todo o ciberespaço. Os discursos tentadores de que a facilitada comunicação através da Internet promoverá por si só mais bem-estar, amizade, crescimento intelectual e nos conduzirá finalmente a um regime mais democrático esconde deliberadamente toda discórdia e mesmo hostilidade debaixo do tapete. Os slogans cativantes de construção de um mundo “mais humano” a partir de mais comunicação também ignoram que o conflito é próprio do humano e que comunicação é sinônimo de transmissão inquestionável nem de intercambio consensual. (PRIMO, 2007, p. 198)

O que podemos verificar é que o meio internet corriqueiramente se torna o grande vilão responsável pelos prováveis danos que a sociedade sofre digitalmente, como exemplo, quando um internauta sofre injúria nas redes sociais. Diversos pesquisadores e a sociedade de uma maneira geral afirmam: “A internet é a culpada por tudo isso que está acontecendo na sociedade”, ou até mesmo discursos apocalípticos de que o meio veio para destruir a convivência. Com o crescente uso da rede esse discurso equivocado está diminuindo, mas sabemos que ele ainda é muito forte dentro da própria academia.

Ao pesquisar os processos comunicacionais na cibercultura queremos mostrar que a internet é um meio desenvolvido por sujeitos, tal como os outros meios. A internet pode ser considerada tão vilã por alguns porque ele possibilita o anonimato e o pouco contato entre os interagentes.

Ao analisar as produções de sentido que atravessam as interações danosas dentro da rede social queremos mostrar, também, que a internet é feita e construídas por pessoas. O nosso objetivo não é tratar a internet como a vilã do século (e nem como a salvadora), mas sim mostrar que ela, como qualquer outro meio de comunicação, é feito por e para as pessoas.

Também queremos mostrar como o termo cibercultura reflete a sociedade contemporânea. A mudança gradual da palavra cibernética para cibercultura, ou ciberespaço, já

mostra uma mudança da sociedade ao olhar o meio internet. A mudança de um aparelho meramente tecnológico para um espaço onde floresce uma cultura digitalmente atravessada. Como afirma Lemos (2010), a cibercultura é a sinergia entre o tecnológico e social.

A internet passou a ser tratada aos poucos, e de certa maneira rapidamente, de um meio tecnológico para um espaço rico em trocas de significados e sentidos. Tornando-se um mundo a parte, a rede passa a ter um território próprio, no qual se desenvolvem atividades, discussões, se conhece pessoas. Enfim, dentro da internet passa a brotar uma nova cultura.

Essa cultura que acontece dentro do espaço digital, denominada cibercultura, não tem um território fixo, é composta por diversas vozes e não possui regras estabelecidas. É dentro desse espaço que diversas pessoas, inclusive caráteres, agem. É nesse cenário, com o recorte nas redes sociais, que queremos verificar quais as características que permeiam essa cibercultura dentro dos relacionamentos conflituosos.

O criminoso acredita que, ao fazer o que bem entender na rede virtual, não terá consequências para a vida real. Esse entendimento pode ser explicado quando analisamos o virtual como uma nova organização de tempo, não localizável, um espaço sem fronteiras delimitadas que propicia ao sujeito uma nova experiência da realidade.

Analisando de maneira simplista é como se o indivíduo tivesse a possibilidade de ter várias identidades. A internet permite ao internauta navegar por hipertextos da maneira que interessa, sem ter como exigir, por exemplo, uma identidade para entrar em determinado site.

O ciberespaço torna-se um espaço de cooperação e conflito, onde muito conteúdo considerado importante é gerado, mas também muitos problemas surgem. Ladrões roubam senhas, perfis de comunidade virtuais e até fotos comprometedoras com o objetivo de roubar e chantagear, como foi o caso da atriz Carolina Dieckmann. *Podemos pensar aqui a vida privada como barganha.*

Quando falamos em crimes pela internet não podemos nos esquecer das comunidades virtuais. Essas comunidades, como o Facebook, ampliam as opiniões e, conseqüentemente, dão visibilidade a chacotas, comentários maldosos e até preconceituosos, o chamado *cyberbullying*. O formato das comunidades possibilita a essas interações proporções gigantescas, podendo a vir configurar até crime.

Primo (2007) afirma que as comunidades virtuais não possuem uma autoridade central no ciberespaço, o que facilita a desordem. A possibilidade de interação anônima e a dificuldade de se impor sanções físicas ou monetárias também são características que facilitam os crimes pela internet.

A grande diferença do ciberespaço é que não precisa ser um criminoso na vida real para causar prejuízos a alguém. Basta ter a vontade. Pela dificuldade de se controlar o que acontece nesse meio grande parte das pessoas se sentem livres para expor as suas opiniões, mesmo que elas firam alguém.

Um grande exemplo para ilustrar essa configuração é a série Catfish, programa da MTV. Nesta série mostra como pano de fundo as novas maneiras de relacionamento pela internet. Algumas pessoas passam anos namorando virtualmente, sem nunca terem se visto. A série tem como objetivo aproximar essas pessoas, que até então não se conhecem pessoalmente.

Como resultado todos os casais que foram apresentados pela série estavam envolvidos por mentiras. Mulher que se passou por homem, fotos trocadas, mentiras enquanto ao nome, sexo, família, profissão. A série serviu para mostrar o quanto é fácil criar um perfil *fake* e viver outra vida, e, normalmente, vivê-la de maneira real, mesmo não sendo.

Com o propósito de pesquisar mais essa relação conflituosa na internet, minha pesquisa tem como tema ‘Processos comunicativos perigosos: crimes na/pela internet’. O nosso objetivo será estudar a produção de sentidos na rede social Facebook e nos sites onde são narrados os fatos e seus desdobramentos, que acabam culminando em desentendimentos que se desdobram em litígios. Pesquisa-se de que maneira, no virtual, constituem-se sujeitos cujas produções de sentidos afetam o mundo físico, envolvendo justiça e polícia.

Práticas sociais mediadas pela linguagem como a chantagem, a difamação, a calúnia são ressignificadas e determinadas como fatos ilícitos praticados no ciberespaço (...) sugerindo que o ciberespaço, para além de um espaço público, é uma região que conecta pessoa, cuja ordem e organização complexa governada pelo Estado, ultrapassa a arquitetura dos territórios físicos. O crime, no ciberespaço, coloca como questão para nós humanos a face oculta de nossas práticas diárias através dos objetos que simbolicamente utilizamos. (BARBAI, 2011, p. 56)

Nossa finalidade será analisar a internet além da cooperação, mas também do conflito. O ciberespaço é algo recente e que está em constante mudança, por isso a necessidade de conhecer mais como funciona e os sentidos que são dados no mundo virtual, já que, cada vez mais, ele altera a nossa realidade.

A pesquisa observará, portanto, a interação que gera conflito, porque “para uma abordagem relacional da comunicação, o relacionamento encontra-se na *conexão*, não em um ou outro participante, mas no *entre*” (PRIMO, 2007, p. 83).

A comunicação, para Fisher (1987, p. 8), não se trata apenas das ações de uma pessoa em direção a outra. Trata-se, isso sim, da *interação* criada pelas ações de ambos. Com efeito, em cada encontro as ações de cada interagente definem (ou redefinem) o relacionamento. O autor afirma que existe uma reflexividade entre o relacionamento e o si mesmo de cada participante. Além de participarem da definição de suas relações, os participantes também são definidos pelos relacionamentos. Isto é, as relações afetam os seus participantes, como também seus relacionamentos futuros (mas, claro, o impacto não será

o mesmo em cada participante, tendo em vista suas singularidades). (PRIMO, 2007, p. 103)

Observa-se a interação através da materialidade dos textos, assim como de suas condições de produção. Essa interação pode iniciar um conflito, tendo como efeitos de sentidos por parte do interlocutor uma ofensa, que o leva a considerar isto uma ação criminosa e buscar judicialmente uma reparação. Em nosso trabalho, o objeto, o cibercrime é estudado como prática simbólica e não com o foco em ação judicial.

Devido a internet possibilitar o uso de seus próprios recursos, tecnologias e aplicativos como ferramentas metodológicas, trabalharemos com a netnografia.

A netnografia como proposta de investigação na Internet, enriquece as vertentes do enfoque de inovação e melhoramento social que promovem os métodos ativos e participativos dentro do espectro do qualitativo (metodologia e prática social), integrando-se ao que a Internet tem provocado em nosso cotidiano, transformações importantes nas maneiras como vivemos. (Gebera, 2008, p. 2 apud FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 174)

Portanto o nosso cenário principal é a internet, já que, como afirmam, a internet pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda, que nosso caso é a produção de sentidos em conflitos digitais), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (ferramenta para coleta de dados sobre o tema).

A netnografia terá recorte para a Análise de Redes Sociais (ARS), com o foco nas interações de desgaste.

Esse tipo de estudo tem um cunho estruturalista e parte do princípio que, ao estudar as estruturas decorrentes das ações e interações entre os atores sociais é possível compreender elementos a respeito desses grupos e, igualmente, generalizações a seu respeito. (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 115)

A construção teórico-metodológica é semi-discursiva, onde serão descritos os processos comunicativos de interação e interatividade à luz da Análise de Discurso, enfocando-se nesse sentido, a linguagem verbal, suas condições de produção e o texto como materialidade dos discursos. Nosso objetivo será investigar o modo como os laços sociais se conectam na rede de sentidos de maneira danosa, produzindo uma discursividade eletrônica.

A Análise de Discurso utilizada na pesquisa será de linha francesa, que tem o foco mais nas condições de produção. Como afirma Orlandi (1999) estamos sujeitos a linguagem. Na internet essa condição se amplia, já que na rede, no nosso caso no Facebook, você é o que escreve, o que publica e o que curte.

Dentro da Análise do Discurso sabemos que toda a linguagem que o internauta produz dentro da internet vem carregada do não-dito, língua, ideologia e história. Nesse aspecto, a análise dos crimes digitais nos permitirão averiguar quais características que permeiam essas ações.

Já a análise semiótica aborda os signos, principalmente os indiciais e os simbólicos que fazem parte da convenção cultural. Analisa-se, para isso, além de textos escritos, também fotos, vídeos e imagens. Isso porque entendemos que todas as linguagens, todos os textos são simbólicos. Toda linguagem oferece lugar a interpretação.

Toda produção, seja em que linguagem/mídia for (...) pressupõe condições de produção. Aquilo que está sendo produzido como texto não encerra significados em si mesmo, o autor não é dono da verdade ou leitor, onisciente. Está a depender da polifonia, de tudo o que já foi dito/lido sobre o tema. É no intervalo semântico, no interdiscurso que se produzem os sentidos. (POSSARI, 2009, p. 72)

Portanto, é analisado o cenário discursivo em que é dada a interatividade dos interlocutores, levando-os ao conflito. Procura-se averiguar quais os símbolos, textuais ou não, que acabam por acarretar um crime virtual, e que tem mais chances de levar uma pessoa a procurar a justiça e/ou polícia.

3 Considerações ainda preliminares

Nossa pesquisa está em andamento e um longo caminho ainda precisa ser percorrido. Mas, com as análises até aqui propostas, já foi possível verificar algumas características da cibercultura, principalmente no que diz respeito aos danos.

Nesta etapa da pesquisa já é possível observar a cultura de se produzirem textos que engendram processos comunicativos perigosos, que, por sua vez, têm como efeitos de sentidos a injúria e a difamação.

Analisando de maneira ainda superficial é como se o indivíduo tivesse a possibilidade de ter várias identidades. A internet permite você navegar por hipertextos da maneira que interessa ao internauta, sem ter como exigir, por exemplo, uma identidade para entrar em determinado site.

Essa possibilidade de construir novas realidades, ou novos “eus” (fakes), permitem as pessoas que procuram causar danos a alguém, um espaço amplamente livre e de difícil controle. E se, o objetivo for prejudicar a honra subjetiva ou discriminar alguém, as redes sociais se tornam um espaço ideal.

A grande diferença do ciberespaço é que não precisa ser um criminoso na vida real para causar prejuízos a alguém. Basta ter a vontade. Pela dificuldade de se controlar o que acontece nesse meio grande parte das pessoas se sentem livres para expor as suas opiniões, mesmo que elas firam alguém.

Nota-se, até o momento, que o bullying tem como interlocutores, em maior número, os adolescentes. A difamação e a injúria é mais presente entre jovens e adultos, em sua maioria, mulheres. Foi possível verificar, também, crimes como racismo, crime inafiançável e imprescritível segundo a nossa Constituição Federal.

Acredita-se que, o criminoso ao fazer o que bem entender na rede virtual, não terá consequências para a vida real. Esse entendimento pode ser explicado quando analisamos o virtual como uma nova organização de tempo, não localizável, um espaço sem fronteiras delimitadas que propicia ao sujeito uma nova experiência da realidade.

Continuamos indagando esses processos comunicativos, através da netnografia. Procuramos, principalmente, identificar quais as produções de sentido que levam um internauta que sofreu danos sair do mundo virtual para buscar justiça no real.

Referências

BARBAI, Marcos Aurélio. *A criminalidade no espaço digital: a formulação do sentido*. 2011. Apresentação no LABEUB. Unicamp.

DIAS, Cristiane Pereira. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec, 2012. Coleção Significação e História 2.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Trad. Susana Alexandria. – 2. Ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. – 5. Ed. – Porto Alegre: Sulina, 2010. Coleção Cibercultura.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POSSARI, Lucia Helena Vendrusculo; NEDER, Maria Lucia Cavalli. *Material Didático para a EaD: Processo de Produção*. Cuiabá: EDUFMT, 2009.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007. Coleção Cibercultura.



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

Impressões e sentidos da Copa do Mundo de Futebol para alunos da EJA de Várzea Grande-MT

Lairce Aleluia de Campos¹
Francisco Xavier Freire Rodrigues²

Resumo: Este artigo objetiva compreender os sentidos que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) atribuem à Copa do Mundo de Futebol em Cuiabá (MT). Para identificar a percepção desses alunos a respeito da temática, foi distribuído um texto intitulado “Copa, Saúde, Estado e Educação” para que os discentes pudessem colocar suas impressões sobre o mundial. Aplicamos um questionário, em 2012, com quatro perguntas para 102 estudantes de seis turmas do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola José de Leite, localizada no bairro Cristo Rei, município de Várzea Grande (MT). Para proceder à análise, optamos em fazer um recorte e, desta forma, priorizamos a opinião dos estudantes sobre a realização da Copa do Mundo em Mato Grosso. Com base na análise de dados, verificamos os sentimentos dos estudantes acerca da Copa do Mundo de Futebol em Cuiabá (MT). As opiniões pontuadas pelos estudantes incluem os sentidos de modernização, cultura/turismo e crítica aos investimentos no mundial por parte do governo local.

Palavras-chave: Efeito de sentido. Copa do Mundo. Nacionalidades.

1 Introdução

Este texto nasceu em 2012, durante as aulas da disciplina “Tópicos especiais em Comunicação e Mediações Culturais: Futebol, Mídia, e Sociabilidades”, ministrada pelo Professor Doutor Francisco Xavier Freire Rodrigues, no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO). Na sala de aula, com as discussões calorosas a respeito da Copa do Pantanal para a Capital, a temática ganhou força e nos motivou a refletir acerca do sentido desse grande evento para os alunos da escola pública.

Dialogando com o professor Francisco Xavier, optamos por utilizar um artigo jornalístico trabalhado em sala de aula de aula da EJA. Os alunos interpretaram o texto e responderam às perguntas, colocando as suas impressões sobre a realização de alguns jogos da Copa do Mundo em Cuiabá. A tônica desta pesquisa foi dialogar com esses estudantes para entender o significado do evento na concepção dos alunos. Defendemos a ideia de que o esporte configura-se como um dos fenômenos mais marcantes e complexos da sociedade moderna. Com isso, a sua importância decorre, em grande parte, pela difusão, por sua capacidade de construir senti-

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO-IL-UFMT, e-mail: lairce_campos@hotmail.com

² Doutor em Sociologia, professor do Departamento de Sociologia e Ciências Políticas da UFMT. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Cultura Contemporânea – ECCO – IL – UFMT.

dos e significados. Assim, neste trabalho, buscamos entender como foram e são construídos os sentidos e significados do esporte e do futebol-espetáculo para os alunos do EJA.

Desta forma, procuramos indagar sobre a opinião dos alunos a respeito da Copa do Mundo. As respostas dos alunos são o nosso ponto de partida para mensurarmos o sentido a respeito do megaevento. Por falar em megaeventos, o antropólogo e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Arlei Sander Damo em entrevista à Revista do Instituto Humanas Unisinos (IHU) on-line, afirma que uma das características dessa modalidade de eventos é que eles passam a ter uma existência que transcende o acontecimento em si, sendo reelaborados de muitas formas. Para o antropólogo, a Copa do Mundo Futebol tem um forte e decisivo apelo ao imaginário nacionalista. Segundo ele, o time organizado pela CBF torna-se, como num passe de mágica, “o Brasil”. E a copa, por ser uma competição entre equipes dessa natureza, lembra uma guerra mimética entre nações. Damo enfatiza, na entrevista, que o segredo para o sucesso das copas do mundo de futebol masculino passa, necessariamente, pelo deslize de significados atinentes ao imaginário nacional para as arenas esportivas. Para ele, a Copa do Mundo de Futebol é, entre as competições, a que melhor explora o imaginário nacionalista, profundamente imbricado às emoções.

Nessa ótica, entendemos que a Copa do Mundo permite exaltar nossa nacionalidade de tão fragilmente construída. Segundo Gastaldo, o interesse dos brasileiros pelo futebol, em Copa, com a seleção brasileira em campo, é catalisado numa dimensão nacional.

De acordo com Gastaldo (2002, p. 36), “[...] Uma espécie de unidade nacional, por meio da superação das diferenças clubísticas, em prol de um bem comum: o desempenho do Brasil perante outros países”.

Conforme Gastaldo (2002), a Copa do Mundo no Brasil é um evento midiaticizado, só existindo enquanto realidade mediada, especialmente pela televisão. A Copa do Mundo representa, no Brasil, um momento real para celebrar o patriotismo, com um sentimento popular de pertencimento fortalecido. Gastaldo (2002, p 26), que durante a Copa do Mundo de Futebol se celebra o ideal da nacionalidade triunfante, num clima de competição internacional em que o Brasil é sempre favorito, o melhor do mundo, mesmo quando perde.

Para entender os sentidos que os estudantes atribuem ao mundial de futebol da FIFA, optamos pelo aporte teórico Semiótica da Cultura e Sociologia de Esportes. A primeira nos fornece elementos para mostrar a importância sobre símbolos na cultura do homem. Já a segunda demonstra a complexidade de estudar a temática esportiva. Para apresentar os resultados, utilizamos a metodologia de abordagem quantitativa que objetiva mensurar as narrativas dos alunos.

2 Olhares múltiplos: Copa do Pantanal de 2014

Apresentamos aqui um recorte das impressões dos estudantes, no qual foram selecionadas as principais opiniões dos alunos acerca do megaevento. As impressões dos

alunos foram elencadas em três respostas-chave. Na visão deles, o mundial evidencia aspectos culturais/turísticos de Mato Grosso. Outro item abordado de forma positiva pelos alunos é a vinda de atletas-ídolos. Os alunos também, em suas falas, criticam o investimento do poder público em obras da Copa. Em relação à tal crítica, é necessário ressaltar que foi no período de maio a dezembro de 2012 que as mídias sociais veicularam de maneira espontânea críticas à realização da Copa do Mundo.

Partindo da primeira evidência que colocam em destaque os elementos culturais e turísticos como pontos fortes na realização do evento, vamos trabalhar neste texto o conceito de cultura. A semiótica da cultura vê a cultura como fenômeno da segunda realidade e situa a natureza como a primeira realidade. Na definição de Baitello Júnior (1999, p. 26), cultura significa:

A palavra cultura aponta duas importantes facetas de sua manifestação: Quando o objeto do cultivo está fora do cultivador, está na esfera do mundo externo, e quando o objeto do cultivo é o próprio sujeito cultivador (...). Este momento de voltar para si mesmo apontado para possibilidade de construir-se, de refazer-se, ou piorar do embelezar-se o enfeitar constitui-se para superação das amarras da realidade físico-biológica denominada pelo semiotocista Ivan Bystrina de segunda realidade.

A cultura, ou segunda realidade, constrói-se pela capacidade imaginativa do homem. Como se processa? Segundo Baitello Júnior (1999, p. 27):

A cultura recebe contribuições e descobertas de cada indivíduo de cada grupo social, de cada época, e as perpetua, transmitindo informações de geração em geração de grupo para grupo, de época em época. Suas criações têm normas próprias independentes (e é por esta razão que ela consegue contrariar até as normas mais rígidas da vida) constituindo-se uma segunda realidade. Dela fazem parte vestir, os gestos, as artes, as danças, os rituais, a literatura, os mitos, o morar e suas formas individuais e sociais, os hábitos (comer, ao beber, cumprimentar, ao relacionar-se) as religiões, os sistemas políticos e ideológicos, os jogos e brinquedos. Assim é que cultura se organiza como um complexo sistema comunicativo, semiótico, portanto, que coordena todas as atividades. A cultura é os microsistemas que perpassa todas as manifestações e, portanto, como tal deve ser compreendido para que possa compreender as formas de manifestações culturais individualizadas.

Falando em cultura, temos que retomar o conceito defendido pelo antropólogo Clifford Geertz (2009), trabalhado na obra “Interpretação das Culturas”. Para Geertz (2009, p. 30), a cultura é pública, pois o comportamento é uma ação simbólica, e seu sentido é explicado no momento da ação. Portanto, a cultura é um texto que pode ser lido e interpretado, são teias de significado. Os símbolos e significados encenados no campo de trabalho são contextuais e referenciais, onde a cultura, enquanto texto é um conteúdo de transmissão a partir dos imaginários das pessoas.

Dessa forma, podemos situar a Copa do Pantanal na categoria explicativa de segunda realidade. “A segunda realidade, todavia, não é algo do outro mundo, do além. Ela existe realmente nas células cinzentas dos cérebros e é transponível em signos perceptíveis, em signos materiais, e energéticos e textos (fala, escrita, imagem, gesto, filme, música)” (BAITELLO apud BYSTRINA, 1989: 242). Com isso, podemos afirmar que a Copa do Mundo pode ser entendida como um agregado simbólico, mesmo que esteja permeado pelo por dimensões materiais. As Copas do Mundo são bens culturais (BOURDIEU, 1990) pertencentes ao campo do entretenimento, como outros bens culturais (cinema, teatro, música). Trata-se de um evento dos mais elaborados produtos da indústria cultural ligado ao mundo esportivo.

Em relação ao fato dos alunos citarem como positivo a vinda dos ídolos, destacamos o que o sociólogo Ronaldo Helal (2003, p. 01, grifo do autor) fala sobre isso.

Enquanto os primeiros [dos esportes] possuem qualidades que os transformar em heróis, os do outro universo raramente possuem estas características. A explicação para este fato reside no aspecto agnóstico que permeia o esporte. O sucesso de um atleta depende do fracasso do seu oponente. É uma competição que ocorre na ação do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só ídolos do esporte costumam ser considerados heróis.

Segundo Helal, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos esportivos frequentemente focalizam características que os transformam em heróis, enquanto os ídolos da música ou dramaturgia, por exemplo, raramente salientam essas qualidades. A explicação para esse fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. A competição é inerente ao próprio espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e da música, se transformam em celebridades, porém, os primeiros são mais facilmente considerados “heróis”. Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1955) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem para si, os heróis devem agir para “redimir” a sociedade.

O terceiro ponto que os alunos criticam, em suas falas, é em relação ao investimento nas obras e não no evento esportivo. Também é necessário ressaltar que as narrativas neste sentido são formuladas a partir das mediações construídas na mídia. É interessante colocar que prevalece o argumento, de fundo moral, de que não deveria haver empenho de dinheiro público nesse tipo de empreendimento, em virtude da existência de sérios problemas nas áreas de saúde, educação e assim por diante. Esse argumento, amplamente utilizado, é frágil em pelo menos dois aspectos, segundo o antropólogo Arlei Damo em primeiro lugar, se seguido à risca, os Estados deveriam cessar o custeio de outras áreas que, pelo critério do argumento moral, não seriam essenciais, como a cultura, a produção científica, entre outros; em segundo lugar, a definição do que é ou não essencial não pode

ser naturalizada. Segundo Damo, se houvesse algo como um orçamento participativo nacional, talvez a Copa não fosse prioridade, tampouco a reforma e construção de estádios.

3 Considerações in (conclusivas)

Cabe refletirmos criticamente acerca de como os estudantes constroem sentidos sobre a Copa do Mundo. As impressões dos alunos se assemelham muito com o que é veiculado na imprensa cuiabana, fazendo um *link* com o imaginário midiático.

Nesse sentido, mais que veicular valores e ditar comportamentos em relação às formas de consumir e viver o esporte, a mídia, por meio do agendamento midiático, estabelece maneiras de ver e interpretar a realidade; ela intervém nos mecanismos de percepção e elaboração de sentidos sobre a realidade das práticas esportivas que veicula. O sentido é o fio condutor no campo da comunicação, como mostra a obra de Jesús Martin-Barbeiro, “Dos Meios à Mediações”, Martin-Barbeiro (2009, p, 156) é categórico e enfatiza que ao mesmo em que o jogo das imagens transporte a emoção coletiva e o prazer dos sentidos, a metáfora, tomada em seu sentido etimológico, permite compreender o transporte do sentido.

Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo, Annablume, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Como se pode ser esportivo?: questões de sociologia*. Tradução de Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

DAMO, Arlei Sander. Revista IHU on-line, nº 189, Porto Alegre, 2014.

GASTALDO, Édison. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Unisinos, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCD, 2008.

HELAL, Ronaldo George. *Mídia, e esporte, a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Anais... São Paulo: Intercom, 2003

MARTÍN-BARBEIRO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito; Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

Virtualização da informação e as bibliotecas virtuais/digitais

Jordan Antonio de Souza¹
Andréa Ferraz Fernandez²

Resumo: Este trabalho objetiva refletir brevemente sobre a importância das tecnologias, sistemas e ferramentas digitais da comunicação e informação na virtualização e digitalização do texto/informação durante o processo de transformação pelo qual passam as bibliotecas convencionais, no atendimento e adequação às demandas relacionadas aos interesses do novo perfil de usuários hiperconectados que solicitam informações disponíveis na internet. Para tal foi realizada pesquisa bibliográfica relacionada a temas como o virtual, tecnologias, ciberespaço, semiótica da cultura e biblioteca digital e o impacto destes elementos no ambiente da Biblioteca Digital. Os encaminhamentos finais do artigo salientam a importância da aplicação dos recursos tecnológicos disponíveis no ciberespaço para que o sistema utilizado pela biblioteca digital permita ao usuário recuperar rápida e adequadamente a informação desejada.

Palavras-chave: Bibliotecas digitais. Bibliotecas virtuais. Informação digital.

1 Introdução

Novas tecnologias têm surgido, quase que, diariamente, e, devido a ações governamentais e à concorrência das empresas de telecomunicações, informática e tantos outros empreendimentos do ramo, o acesso a essas tecnologias e a internet por entidades privadas, públicas e pela sociedade, são cada vez mais frequentes e inclusivos.

Sobre esta ascensão da tecnologia, André Lemos (2010, p. 68) explica que:

O que chamamos de novas tecnologias de comunicação e informação surge a partir de 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte – o computador – de diversas formatações de mensagens. Esta revolução digital implica, progressivamente, a passagem do *mass media* (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação. Aqui a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos).

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: jordanbiblio@gmail.com

² Doutora em Ergonomia da Informação pela Universitat Politècnica de Catalunya. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: ferrazfernandez@gmail.com

O uso das mídias eletrônicas, como a informática, se mostra cada vez mais frequente na cultura contemporânea em diversos segmentos, e o emprego das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) está presente também no campo da educação, provocando novos desafios aos educadores e demais profissionais que atuam nesta área para usar corretamente as ferramentas disponíveis no ciberespaço.

Neste trabalho objetiva-se discutir o crescente lançamento de obras em formatos digitais e a digitalização ou virtualização de acervos antigos, a necessidade de sistemas e dispositivos tecnológicos adequados para permitir a utilização destes acervos, bem como a capacitação dos usuários destes recursos digitais. Pretende-se ainda refletir sobre as implicações da evolução das bibliotecas na era digital, as mudanças sofridas nos tipos de materiais, produtos e serviços oferecidos nas bibliotecas convencionais, que passam a ser parcial ou completamente virtuais, digitais e eletrônicas, de forma a garantir que a sociedade tenha pleno acesso e recuperação das informações disponibilizadas neste novo ambiente. Buscando por fim verificar a relação semiótica desta virtualização da informação e das bibliotecas.

Para desenvolver este trabalho, serão utilizados os pressupostos metodológicos da pesquisa bibliográfica, para possibilitar embasamento teórico por meio do levantamento bibliográfico de materiais que tenham relação com o tema proposto. Assim, pretende-se levantar informações sobre a tecnologia, as bibliotecas virtuais (digitais e eletrônicas), a cibercultura e a semiótica, e suas implicações nos ambientes informacionais virtuais.

2 As tecnologias na digitalização da informação

Nos dias atuais, a palavra tecnologia está, principalmente vinculada a informática, a internet, os computadores, TVs, celulares, carros, entre outros. A tecnologia não se aplica apenas à criação destes dispositivos, mas sim, a toda inovação que envolve o conhecimento técnico e científico, à criação de processos, ferramentas e materiais que surgem a partir do conhecimento. O surgimento da linguagem e da escrita e o estabelecimento de signos, símbolos e códigos de escrita, são exemplos de tecnologias.

O livro impresso, no formato conhecido nos dias atuais, foi possível graças à aplicação de determinadas tecnologias em sua produção. Lévy (1993) revela que a impressão proporcionou aos livros uma mutação em relação a seu peso e tamanho, tornando-os portáteis; o desenvolvimento da escrita não linear em livros impressos que, a partir de sumários, índices, notas de rodapé e bibliografias, permitem o acesso a uma infinidade de outros livros e textos, possibilitando o acesso a estas informações por meio de leitura não linear. Relata ainda, que, como o computador, os livros só se tornaram uma mídia de massa a partir do momento em que modificaram o seu tamanho e massa e passaram a ter um custo mais baixo.

Com o surgimento de livros em formatos digitais, e/ou mesmo pela digitalização de antigas obras impressas, o acesso a estes materiais se mostra cada vez mais fácil para os usuários do ciberespaço. Apesar de ser possível visualizar o material digital em qualquer *desktop*, esta nova tendência implicou no desenvolvimento de dispositivos específicos para leitura de livros digitais, conhecidos como *devices*, *e-books*, ou *e-readers*, entre outras denominações de aparelhos desenvolvidos para tornar a leitura de livros digitais tão agradáveis quanto a do livro impresso. Lévy (1993), ao discutir a evolução das redes, já previa que a principal tendência neste domínio seria a digitalização das técnicas de comunicação e do processamento de informações.

Em uma de suas obras, Lévy (1993) cita o caso da digitalização da imagem, explicando que, após este trabalho de digitalização, a imagem pode ser reprocessada e modificada à vontade, tanto nos seus parâmetros de cor, tamanho e forma, como textura, etc.

Os livros, se digitalizados adequadamente, possibilitam recursos semelhantes e, entre outros casos, alguns aplicativos atuais, para leitura de obras digitais, permitem que o leitor faça marcações no texto, anotações, amplie a visualização, entre outros recursos que antes só poderiam ser aplicados no material impresso.

Ter habilidade para utilizar as tecnologias disponíveis no mercado, mostra-se demasiadamente importante, pois o tempo real está ligado à velocidade com que as informações circulam na rede digital e as possibilidades de acesso que ela propicia. A expansão do acesso e utilização dos computadores, da internet, e dos bancos de dados possibilitou o armazenamento ilimitado de informações. Comparando com a escrita/impressão, que tinha um número limitado de edições disponíveis, num determinado período do tempo, a informática abre uma enorme gama de opções, não apenas de armazenamento, mas também de circulação rápida de informações (LÉVY, 1993).

3 Atualização e Virtualização da Informação

Lévy (1996) discute em sua obra, “O que é o virtual”, a questão da atualização e da virtualização. Descreve a atualização como algo que surge para solucionar um determinado problema que não estava previsto, relata ainda que a atualização é uma criação/invenção que se promove para determinadas finalidades. A atualização, além da realidade e do possível, promove a produção de novas qualidades, com transformação de ideias, e mudanças que levam ao virtual. Por sua vez, a virtualização é descrita como aplicação inversa da atualização, explicando que ela:

[...] Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma “elevação à potência” da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis),

mas sim uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por uma atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular (LÉVY, 1996, p. 17-18).

A busca constante por informações, e a preocupação com facilidade de acesso e agilidade para localizá-las, fazem com que a informação, independente do suporte (texto, livro, imagem ou vídeo) também seja objeto de atualização e virtualização. Assim, os ambientes virtuais possibilitam, em alguns casos, que as informações estejam acessíveis a qualquer pessoa que tenha interesse pelo conteúdo disponibilizado, já em outros casos o acesso é permitido desde que se cumpram certas condições impostas pelos detentores dos direitos intelectuais destes produtos.

Há certa preocupação com as formas e habilidades para recuperação da informação disponível no espaço virtual, pois não basta existir a informação é necessário saber como ter acesso, e como localizá-la, caso não esteja disponível de forma livre e haja restrições de acesso impostas pelos detentores dos direitos pela propriedade intelectual dos materiais/informações armazenados. Sobre esta questão Azevedo Netto, Freire e Pereira (2004, p. 22, grifo do autor) ressaltam que:

Para que a recuperação da informação se efetive, é importante que o receptor/usuário dessa informação disponha de elementos que permitam a manipulação dos conceitos que definem as representações das imagens, isto é, que o receptor esteja interligado conceitualmente com a esfera documental dessas imagens. Para o entendimento dos conceitos que compõe determinada imagem, recorre-se ao que foi definido dentro da ciência da informação como “análise de conceitos”.

No ciberespaço é possível encontrar *sites* e bases de dados com diversas finalidades, como por exemplo, médicos, jurídicos, contábeis, além de *blogs* e fóruns onde pessoas leigas podem tirar suas dúvidas e obter auxílio e conselho, tanto de especialistas que são responsáveis pela criação dos *sites* e bases de dados, quanto de outros internautas que tiveram problemas/dúvidas semelhantes e as compartilham na rede buscando uma solução.

Mas, com todas estas possibilidades de acesso que a internet já proporciona e promete proporcionar, às vezes, provoca no usuário, a impressão de estar adentrando em um espaço sem lei. Pois, apesar de tantas leis de direitos autorais, propriedade intelectual, é possível encontrar diversos arquivos digitais de músicas, livros, vídeos, filmes, programas etc., que são disponibilizados na rede sem a devida autorização.

Lima (2010, p. 96), explica que:

[...] Tais situações revelam a dificuldade de se conseguir precisar até onde pode ir a capacidade do autor de controlar os usos possíveis de sua obra, assim como de se determinar quais as faculdades que podem ser exercidas por aquele que obteve acesso a uma obra intelectual, independentemente se de forma onerosa ou gratuita.

Assim surgem questionamentos sobre a originalidade do documento, como: A quem pertence a propriedade do arquivo/documento digital? Onde estariam localizados estes arquivos? Qual o controle para copiar, imprimir ou reproduzir estas informações? Encontrei o material que estava procurando, posso baixar? Quem lucra e quem perde financeiramente com estas práticas de pirataria?

Com relação a localização de um texto digital, Lévy (1996, p. 19-20) explica que:

[...] um texto em particular passa a apresentar-se como a atualização de um hipertexto de suporte informático. [...] que é possível atribuir um endereço a um arquivo digital. Mas, nessa era de informações on-line, esse endereço seria de qualquer modo transitório e de pouca importância. Desterritorializado, presente por inteiro em cada uma de suas versões, de suas cópias e de suas projeções, desprovido de inércia, habitante ubíquo do ciberespaço, o hipertexto contribui para produzir aqui e acolá acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura. Embora necessite de suportes físicos pesados para subsistir e atualizar-se, o imponderável hipertexto não possui um lugar.

Além de proporcionar acesso a informações, o ciberespaço promove, a inúmeros segmentos de mercado, possibilidades de vendas e contratação *on-line* de seus produtos e serviços. Tem despertado de forma cada vez mais frequente o interesse do consumidor, que passa a comprar seus produtos sem a necessidade de se deslocar a uma loja física, e ainda tem a comodidade de não se preocupar com o horário da compra.

Atentas a estas tendências, as entidades educacionais e as bibliotecas se comprometem a superar os desafios contemporâneos que surgem com a cibercultura, e empreendem diversos esforços para conquistar e auxiliar este público adepto ao mundo digital/virtual. Cada vez mais instituições de ensino público ou mesmo privada, vêm possibilitando estudo de nível fundamental, médio, superior e até pós-graduações, por meio de canais digitais e de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Bibliotecas, livros, periódicos, e outros instrumentos de auxílio e complemento ao ensino passam a ter versões físicas implementadas para alternativas digitais, havendo casos em que surgem já no formato digital para atender às novas demandas informacionais.

4 Bibliotecas – do convencional ao digital

Os diversos tipos de bibliotecas (nacionais, públicas, universitárias, escolares, especializadas, etc.) são descritos como espaços de memória, conservação e guarda do patrimônio intelectual, literário e artístico da humanidade, sendo também responsáveis pela disseminação da cultura e do conhecimento. Sempre que surge um novo tipo de biblioteca, a forma como a informação e os documentos são organizados e disponibilizados para os usuários, precisam ser repensados e adaptados, promovendo, assim, uma transição adequada no gerenciamento dos recursos informacionais.

Várias foram as transformações sofridas pelas bibliotecas desde seu surgimento até os dias atuais, tanto em relação a suas características físicas e infraestrutura, quanto às formas de acesso, serviços oferecidos e os suportes de informações, principalmente por conta do avanço tecnológico e sua aplicação nas unidades de informação, seja na automação de serviços, seja na criação das bibliotecas virtuais/eletrônicas/digitais.

As transições pelas quais passaram as bibliotecas “Antigas, Medievais e Modernas”, implicaram em diversas mudanças em relação aos materiais/informações que armazenavam e também as formas de acesso proporcionadas a seus usuários que antes se davam apenas a públicos restritos, como no caso de bibliotecas de mosteiros, particulares, e nas quais somente nobres e religiosos poderiam ter acesso. Hoje as bibliotecas, em grande maioria, de acesso público, buscam não mais restringir o acesso à informação para proteger os documentos, mas sim promover a sua disseminação e socialização de forma democrática.

Com relação ao trabalho de gerenciamento, desenvolvido nas bibliotecas tradicionais, para disponibilização e recuperação da informação Marchiori (1997), explica que:

O modelo tradicional de bibliotecas (com base no desenvolvimento e manutenção de coleções próprias e internas à instituição mantenedora) é uma das várias maneiras possíveis de se administrar e gerenciar recursos de informação. Este modelo remonta à história das bibliotecas como guardiãs e depositárias dos registros do conhecimento, o qual se proliferou baseado na ideia de que a exaustividade das coleções permitiria melhor atendimento, pelo fato de o documento estar à mão quando da demanda do usuário. Neste caso, a busca de informações e documentos fora do ambiente interno das bibliotecas normalmente dependia de catálogos coletivos manuais, nem sempre atualizados e exaustivos, cujos mecanismos de recebimento e envio de documentos eram extremamente morosos quando comparados às atuais condições de intercâmbio atuais.

O primeiro envolvimento das bibliotecas com a tecnologia, principalmente com a informática, resultou na informatização/automação de diversos produtos e serviços ofe-

recidos, como consulta a catálogo digital do acervo, empréstimo, renovação e devolução de obras, entre outros.

Sobre o emprego dos recursos informáticos na biblioteca, Cunha (1999, apud CUNHA, 2008, p. 5) relata que:

Nas ultimas décadas, o computador tem sido utilizado de forma cada vez mais crescente e, desde os anos 1970, muitas bibliotecas implantaram catálogos em linha, passaram a acessar bancos de dados, iniciaram o uso regular do periódico eletrônico e o acesso a textos completos de artigos de periódicos, a verbetes de enciclopédias e a itens de outras fontes de referência. A partir de 1994, por exemplo, com a implantação da World Wide Web (WWW) e do fenomenal crescimento da internet, as possibilidades de acessar e recuperar informações aumentaram de forma nunca antes imaginada.

O avanço da tecnologia e o acesso facilitado à internet, tanto para as instituições, quanto para a sociedade, promovem uma demanda, cada vez maior de acesso à informação, dando surgimento às bibliotecas do futuro, que possuem diversos conceitos, como Bibliotecas Virtuais, Digitais, Eletrônicas, Polimídias, Híbridas, entre outras designações, discutidas e defendidas por alguns pesquisadores que estudam estes ambientes de informação presentes no ciberespaço.

Marchiori (1997) descreve brevemente algumas diferenças entre bibliotecas que surgiram com o impacto das tecnologias, descrevendo as características de bibliotecas denominadas polimídias, eletrônicas, digitais e virtuais:

[...] as bibliotecas polimídias seriam instituições que armazenam informação utilizando uma extensa e variada gama de “mídias”. Essencialmente, são similares às bibliotecas convencionais, contendo livros que convivem com vídeos, fitas, CD-ROMs, CD-Is, microfilmes, *software* de computadores etc. [...] A biblioteca **eletrônica** é o termo que se refere ao sistema no qual os processos básicos da biblioteca são de natureza eletrônica, o que implica ampla utilização de computadores e de suas facilidades na construção de índices *on-line*, busca de textos completos e na recuperação e armazenagem de registros. A biblioteca eletrônica se direcionará para ampliar o uso de computadores na armazenagem, recuperação e disponibilidade de informação, podendo envolver-se em projetos para a digitalização de livros. [...] A biblioteca **digital** difere das demais, porque a informação que ela contém existe apenas na forma digital, podendo residir em meios diferentes de armazenagem, como as memórias eletrônicas (discos magnéticos e óticos). Desta forma, a biblioteca digital não contém livros na forma convencional e a informação pode ser acessada, em locais específicos e remotamente, por meio de redes de computadores. [...] A biblioteca **virtual** é conceitualizada como um tipo de biblioteca que, para existir, depende da tecnologia da realidade virtual. Neste caso, um *software* próprio acoplado a um computador sofisticado reproduz o ambiente de uma biblioteca em duas ou

três dimensões, criando um ambiente de total imersão e interação. É então possível, ao entrar em uma biblioteca virtual, circular entre as salas, selecionar um livro nas estantes, “tocá-lo”, abri-lo e lê-lo. Obviamente, o único “lugar” onde o livro realmente existe é no computador e dentro da cabeça do leitor.

Poulter (1994 apud MARCHIORI, 1997, grifo do autor), revela ainda que existe diferença entre “biblioteca de realidade virtual” e “biblioteca virtual”, citando que:

[...] o conceito de ‘biblioteca virtual’ está relacionado com o conceito de acesso, por meio de redes, a recursos de informação disponíveis em sistemas de base computadorizada, normalmente remotos, e que uma ‘biblioteca de realidade ‘virtual’ funciona como uma nova forma de catálogo *on-line* de acesso público (OPAC), construída utilizando-se a tecnologia de realidade virtual. A essência da biblioteca de realidade virtual apresenta uma aplicação de programas de computador para simular estruturas físicas de bibliotecas, ordenando os recursos de informação que ela contém: andares, salas e estantes.

Dadas as discordâncias entre alguns pesquisadores, a terminologia adequada para definir as bibliotecas presentes no ambiente virtual ainda não está necessariamente consolidada, mas pode-se afirmar que os produtos e serviços disponíveis por estas bibliotecas não estão mais relacionadas ao documento impresso, e sim às informações apresentadas em meio e formato digitais.

De acordo com Krzanowski (1997 apud OHIRA; PRADO, 2002, p. 63), as Bibliotecas Virtuais e Digitais “não vem substituir as bibliotecas tradicionais, mas acrescentar aos usuários outras opções de acesso às informações registradas”. Neste contexto Marchiori (1997), explica que o conceito de biblioteca virtual, é apresentado como uma possível mudança no tratamento e disseminação de informações, que são representados pelos recursos, serviços e atividades praticadas nas bibliotecas tradicionais.

As bibliotecas virtuais e digitais possibilitam a seus usuários a disseminação e o acesso à informação por meio de mídias digitais e dos ambientes virtuais, nos quais disponibilizam diversos documentos em formato digital, sejam estes, arquivos de texto, imagem, mapas, vídeo, som etc.

Discorrendo sobre os diferentes conceitos que se apresentam sobre as bibliotecas virtuais, Levacov (1997), revela que:

A ideia de bibliotecas virtuais tem feito aflorar diferentes conceitos e sentimentos. Para alguns, significa simplesmente a troca de informações por meio da mídia eletrônica e pode abranger uma grande variedade de aplicativos, desde aqueles que utilizam simples caracteres ASCII, até aqueles que envolvam dados baseados em tempo (como vídeo, áudio, animações, simulações etc.).

Para outros, significa a possibilidade de concretizar o visionário sonho do Projeto Xanadu, de Ted Nelson: criar uma rede mundial que fosse um grande depositário (potencialmente infinito) de todos os documentos da humanidade. Estes documentos, arquivados em uma estrutura universal de dados, poderiam apontar de modo associativo para outros documentos afins, tendo em comum sua natureza digital e hipertextual, no qual os *links* redefinem a fronteira entre um documento e outro.

A principal forma de acesso aos produtos e serviços de informação disponibilizados em bibliotecas digitais se dá pelo ciberespaço, mas as bibliotecas digitais, podem ainda apresentar as informações digitalizadas em outras mídias, como disquetes, CD-ROMs, disco rígido, fita magnética, pen driver, etc.

Tammaro e Salarelli (2008, p. 157), relatam que:

A biblioteca digital tem, por tanto, o potencial de desestabilizar processos e padrões de criação de conhecimento e romper as atuais hierarquias de credibilidade. Não se pode, portanto, considerar a biblioteca digital como um continente passivo de textos, mas como um instrumento potencial que desestabiliza o atual sistema de relações. Pode-se dizer que a biblioteca digital participa ativamente do processo de criação de conhecimentos e da construção de credibilidade.

Além de promover o acesso remoto as informações, as bibliotecas digitais bem desenvolvidas e com mecanismos de busca avançados permitem ainda uma interconexão dos documentos por meio dos hipertextos, o que resulta em mais uma vantagem para os usuários no momento da pesquisa.

Faz-se necessário salientar que os profissionais da informação que atuam em bibliotecas tradicionais e pretendem se aventurar na criação e suporte de bibliotecas virtuais e digitais, precisam estar preparados, tanto para a utilização adequada desta ferramenta, quanto para auxiliar os usuários e fomentar o uso destas bibliotecas.

5 Contexto Semiótico da Biblioteca Virtual/Digital

Pretende-se neste ponto discutir brevemente a forma como a transformação de “Bibliotecas Convencionais” em “Biblioteca Virtuais” pode ser relacionada ao contexto da “Semiótica da Cultura” enquanto objeto de segunda realidade e signos que ela representa.

O Grupo de Estudos de Semiótica da Cultura PUC-SP (1998) explica que a “Semiótica da Cultura” explora fronteiras de vários campos do conhecimento, seus princípios são derivados da linguística, das teorias da informação e comunicação, da cibernética e também da semiologia. Citam que, para os semioticistas, este estudo é capaz de possibilitar o entendimento da comunicação, enquanto sistema semiótico, e a cultura como um grande texto. Ressaltam que, para esta compreensão, o conceito de língua precisa ser reelaborado,

estendendo o conhecimento de linguagem a uma variedade de sistemas como religiões, mitos, literatura, música, cinema, ritos, entre outros códigos e sistemas semióticos da cultura.

Nas concepções do semioticista Iuri Lotman, mestre da Escola de Tartu (GRUPO DE ESTUDOS DE SEMIÓTICA DA CULTURA PUC-SP, 1998):

Tão importante quanto o conceito de língua é a concepção semiótica de código. Com base nessas noções, o relacionamento dinâmico entre os sistemas da cultura foi definido como um processo de modelização, segundo a qual a cultura é entendida como texto e a comunicação, como processo semiótico. A evolução dos conceitos, durante as duas décadas de trabalhos sistemáticos, evidencia como, no interior da disciplina, se organizaram instrumentos teóricos potenciais de uma ecologia cognitiva.

O conceito de cultura pode ser analisado e interpretado em diversos contextos, e ser classificado como de primeira ou segunda realidade. Caso a cultura esteja relacionada à “realidade físico-biológica” das necessidades de sobrevivência do homem, o semioticista, Ivan Bystrina a define como uma cultura de primeira realidade. Enquanto a cultura de segunda realidade pode estar relacionada a sua ordenação de maneira textual, como explicam os semioticistas J.M. Lotman, B. Uspenskii, V.V. Ivanov, V.N. Toporov e A.M. Pjatigorskii, no trabalho sobre a investigação semiótica da cultura, ao relatar que a cultura constitui o conjunto de textos produzidos pelo homem, e que estes textos da cultura não se restringem a construções provenientes da linguagem verbal, mas se aplicam também as imagens, mitos, rituais, gestos, jogos etc. (BAITELLO JUNIOR, 1999).

Nos tempos da cibercultura, os elementos culturais tanto de primeira, quanto de segunda realidade, estão fadados a sofrer transformações. As representações do texto, dos signos, das informações passam por constantes mudanças e com elas a forma de acesso ao conhecimento também precisa ser revista, implicando na necessidade de adequação e atualização da sociedade que utiliza a cultura armazenada nestes textos, pois um mesmo texto pode apresentar diversas interpretações, dependendo do sistema no qual esta implicada.

Santaella (2004) já demonstrava preocupação com os leitores que navegam pelas infovias do ciberespaço, fazendo um estudo sobre as formas de percepção e cognição que surgiram com os novos suportes eletrônicos, as estruturas híbridas e alineares do texto escrito. Classificou os leitores como contemplativos, moventes e imersivos e avaliou práticas de leituras de cada perfil, relatando seu comportamento e forma de leitura em um espaço repleto de informações que pode estar na forma de texto, imagens, sinais, mapas, sons, etc.

Com base nestes apontamentos, podemos dizer que a transformação da biblioteca convencional em biblioteca virtual/digital também resulta em preocupação, com a forma como os usuários/leitores farão uso de seus recursos. Uma vez que, para recuperar a informação adequadamente os usuários de bibliotecas virtuais/digitais precisam ter um

conhecimento diferenciado, tanto para localizar materiais disponíveis em texto completo, parcial ou resumos, quanto para visualizá-los, em virtude de possíveis restrições de acesso e por nem sempre haver serviços de ajuda *online*, conhecidos como *help desk*.

Conforme explica Moura (2006 apud TOUTAIN, et al.) sobre o processo de mediação digital, no contexto semiótico:

Na contemporaneidade as mediações digitais tornaram-se fundamentais nos processos de modelização dos contextos semióticos. Tais contextos auxiliam os pesquisadores e os diversos profissionais na compreensão dos processos de significação realizados pelos seres humanos em interação com os dispositivos tecnológicos.

A falta de padronização em relação ao uso de ícones/signos para representar determinadas ações nos sites e bibliotecas virtuais, podem incorrer em perda de tempo para o usuário, ao até mesmo em fracasso na pesquisa, exemplo desta possibilidade, pode ser citados casos em que o ícone de um livro serve para representar o número de exemplares da obra, enquanto em outra biblioteca o mesmo ícone é utilizado para obter informações sobre a obra, outras por sua vez para mostrar uma imagem da obra, entre outras situações que prejudicam a interpretação do usuários.

Além de ter que identificar e interpretar as diversas representações simbólicas de informações apresentadas no ambiente virtual, como os ícones/signos utilizados para representar determinadas ações, os usuários ainda precisam lidar com vasta gama de materiais disponibilizados inadequadamente nas redes, afinal os leitores podem localizar diversos materiais, obras literárias, músicas, imagens etc, disponíveis na web, mas que não está necessariamente disponibilizada por canais legais de comunicação, o que pode comprometer a credibilidade da informação recuperada, e implicar em penalidades a quem acessa esta informação. Cabendo ao usuário encontrar meios de verificar a procedência e validade de tais informações.

6 Considerações Finais

O uso das tecnologias, o acesso a computadores, à informática, à internet, ao celular e a outros dispositivos tecnológicos em diversos segmentos, incluindo o meio educacional, torna-se cada vez mais habitual e inevitável. Há cada dia mais usuários, à partir de espaços públicos, estão acessando a internet por meio de celulares, tablets e computadores portáteis para postar em redes sociais, visualizar e-mails, acompanhar notícias, ou mesmo fazer uma pesquisa rápida de telefones, endereços, etc.

As bibliotecas virtuais/digitais surgem com a finalidade de facilitar o acesso a informações para estudantes e a sociedade em geral. Elas podem ser criadas tanto no con-

texto das instituições, destinada ao atendimento de estudantes, quanto por iniciativas do governo para promover o acesso à informação para toda a sociedade.

Marchiori (2013) revela que:

As condições de transição da biblioteca tradicional para a biblioteca virtual estão em construção, porém já indicam que um cuidadoso planejamento deve ser realizado para viabilizar sua execução. A biblioteca virtual não é apenas um conjunto de equipamentos e bons programas para a gerência de bases de dados e de telecomunicação. É, antes de mais nada, uma possibilidade de revisão dos modelos administrativos de gerenciamento de informações com altíssimo grau de utilização de tecnologias.

Além da preocupação com a qualidade dos materiais (livros, periódicos, manuscritos, etc.) que são disponibilizados nas bibliotecas virtuais, os gestores envolvidos na criação e manutenção das mesmas, precisam se atentar também à qualidade dos *softwares* e *interfaces* utilizados, pois os usuários do ciberespaço tem se deparado cada vez mais com conjuntos de signos/ícones aplicados em diversos sites, plataformas, blogs, etc., que lhes obrigam a interpretar constantemente as informações representadas por estes signos. Sendo assim, o uso de signos para representar determinadas informações deve ser pensado cuidadosamente, de forma a garantir seu entendimento rápido e preciso, e que possibilite recursos para o usuário se certificar da interpretação correta.

A existência da biblioteca virtual/digital na internet, por si só, não representa acesso livre a seu acervo, o que demonstra certa similaridade com bibliotecas tradicionais, sobretudo as universitárias, que restringem o empréstimo domiciliar a usuários com vínculo institucional, permitindo, em alguns casos que usuários da comunidade externa tenham direito apenas a consulta/pesquisa, nas dependências da instituição. Esta restrição se dá por conta do controle imposto por muitas editoras que já praticam a venda de livros digitais (e-books). O portal “Domínio Público”, as BDTD e o SciELO são exemplos de bibliotecas virtuais, digitais e eletrônicas desenvolvidas por iniciativas do governo que promovem acesso totalmente livre às informações e sua utilização deve ser fomentada para que estes recursos sejam mantidos e recebam cada vez mais investimentos.

Referências

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal; PEREIRA, Perpétua. A representação de imagens no acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire: proposta e percursos. *Ciência da Informação*, v. 33, n. 3, p. 17-25, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/517>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

BAITELLO JUNIOR, Norval. *O animal que parou os relógios*: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999. (Coleção E-7).

CUNHA, Murilo Bastos da. Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 13, n. 1, p. 2-17, jan./abr. 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362008000100002>. Acesso em: 05 ago. 2013.

GRUPO DE ESTUDOS DE SEMIÓTICA DA CULTURA PUC-SP. **Semiótica da cultura**. São Paulo, 1998. Disponível em:<<http://www.pucsp.br/~cos/cultura/semicult.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

LEMONS, André. *Cibercultura*: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. (Coleção Cibercultura).

LEVACOV, Marília. Bibliotecas virtuais: (r)evolução?. *Ciência da Informação*, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651997000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 ago. 2013.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. (Coleção TRANS).

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS).

LIMA, Larissa da Rocha Barros. *A proteção dos direitos autorais e o acesso a informação*: cultura, downloads e cópia privada na internet. 2010. 224 f. Dissertação (Mestrado em Direito Público) - Faculdade de Direito de Alagoas, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2010.

MARCHIORI, Patricia Zeni. “Ciberteca” ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Ciência da Informação**, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/389/349>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt; PRADO, Noêmia Schoffen. Bibliotecas virtuais e digitais: análise de artigos de periódicos brasileiros (1995/2000). *Ciência da Informação, Brasília*, v. 31, n. 1, p. 61-74, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n1/a07v31n1.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço*: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. *A biblioteca digital*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

TOUTAIN, Lidia M. B. Brandão et al. Semiótica e produção de sentido. *Data Gramma Zero*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, fev. 2011. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/fev11/Art_05.htm>. Acesso em: 19 jul. 2013.



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

Café para São Benedito – tradição é fé

Márcia Screnci Ribeiro
Debora Tavares

Resumo: São Benedito é um dos santos de maior devoção da população cuiabana. Seus devotos costumam lotar as duas missas que acontecem todas as terças-feiras. A igreja é tombada pelo patrimônio histórico e artístico nacional e foi construída no local onde havia a mina de ouro Lavras do Sutil, por esse fato no imaginário popular consta a existência de ouro soterrado no local. Entre os devotos de São Benedito existe um ritual de agradecimento que é o ato de servir o primeiro café coado do dia à imagem do santo, que deve ficar na cozinha para garantir a fartura da casa. O presente trabalho se apoia principalmente na Semiótica da Cultura, teoria de Ivan Bystrina para compreender a atitude que, de acordo com os devotos está baseada na fé. Foram entrevistados três devotos a fim de descobrir de que maneira o ritual se propaga e qual o sentido que tem.

Palavras-chave: Semiótica da cultura. Ritos. Fé.

1 Introdução

São Benedito é um santo de muita devoção do povo cuiabano que todas as terças-feiras, em dois horários: às cinco da manhã e às sete da noite, lota a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, para a celebração da missa.

A igreja foi tombada como patrimônio histórico e artístico nacional em 1975 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, não somente a construção como também tudo que nela existe como móveis antigos, altares e imagens. Representa importante patrimônio e é a única igreja das três capelas¹ existentes no início do povoamento de Cuiabá que não foi demolida para construção de uma nova.

A festa para São Benedito é considerada a maior festa de santo do estado de Mato Grosso reunindo milhares de fiéis. A organização da festa começa imediatamente após o término da mesma, onde são designados os festeiros do próximo ano. Nos dois meses que antecedem as festividades, a atividade se intensifica com a passagem da bandeira de esmolas, jantares e outros.

A fé no Santo é tamanha na cidade, que chega a significar sinal de cidadania ser devoto de São Benedito. Dentre as muitas demonstrações de agradecimento aos benefícios obtidos e também como forma de perpetuar o culto ao mesmo, há uma prática comum a seus devotos que consiste em dar a primeira xícara de café coado do dia a São

¹ As três capelas eram: a do Senhor Bom Jesus, de Nossa Senhora do Bom Despacho e do Rosário, sendo que a do Bom Despacho foi destruída em 1914 e a da Catedral em 1968., ambas para serem reconstruídas em outro estilo (SILVA, 2006, P.11)

Benedito, ou seja, colocar ao lado da imagem do santo, que invariavelmente fica na cozinha, normalmente em cima da geladeira, a xícara de café, que ali permanece até o outro dia, quando então será substituída.

A fim de compreender as razões que levam a tal manifestação, recorremos a Ivan Bystrina, que através de conceitos de semiótica da cultura dá sentido ao que chama de segunda realidade, ou seja, ultrapassa os limites do mundo físico natural, que seria a primeira realidade. O ser humano através da criatividade e utilizando de sua imaginação, cria uma segunda realidade, na qual rompe padrões de comportamento e atinge sua autonomia em relação à primeira.

A metodologia adotada foi a qualitativa, com pesquisa bibliográfica e documental a partir do conceito criado por Bystrina de Semiótica da Cultura, apoiado por Gertz sobre cultura. Realizaram-se ainda entrevistas com devotos para investigar de que forma conhecem e praticam o rito do Café a São Benedito.

2 A igreja do Rosário e São Benedito

A construção da Igreja do Rosário e São Benedito em Cuiabá, embora alguns relatos afirmem que ocorreu por volta de 1730, para Silva (2006, p.13) é impossível precisar uma data, pois não há documentos comprobatórios do fato. O que se sabe é que “na rua do Sebo, os negros levantaram a primeira capela de Cuiabá, coberta de palha e que logo ruiu e não se levantou mais” (SILVA, 2006, p. 13). A localização da rua do sebo é também desconhecida por falta de registros.

Tempos depois, entre 1750 e 1754 a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito foi erguida no alto da colina, à margem esquerda do córrego da Prainha. Nesse local se encontrava a maior mina de ouro da região, chamadas Lavras do Sutil, que foram descobertas em 1722 (ROSA, 2005). Provavelmente por este fato, surgiram lendas de que a igreja soterra uma grande mina de ouro e também que há uma alavanca de ouro.

Conta a lenda que quanto mais se cava a procura da alavanca, mais se aprofunda na terra. E nesse movimento muitos escravos teriam morrido num desabamento, exceto um deles, pois teria seguido o conselho de uma índia velha, também chamada Curupira, a quem o escravo salvara que lhe disse “Quando cantar ao meio-dia a anhumã foge que a mina vai desabar” (MENDONÇA, 1969, p.117). E o desabamento realmente ocorreu matando vários escravos.

Outra estória bastante comum é a de que nas imediações da igreja, quando chovia muito, as pessoas encontravam pepitas de ouro na enxurrada (MENDES, p.66).

Não há nenhuma prova concreta do fato, porém é de senso comum às pessoas que por ali viviam na época em que a prainha ainda era um córrego a céu aberto, testemunharem a veracidade da ocorrência. Outra lenda que resiste no imaginário popular é a de que ainda há muito ouro escondido no subterrâneo da igreja.

Todavia, estes fatos nada têm a ver com a predileção que o povo tem por esse santo, também conhecido como o Santo Negro. Consta em artigo publicado no site Curta Mato Grosso que desde 1721 os negros tinham São Benedito como símbolo de luta e fé e foram eles, os escravos, que primeiro prestaram homenagens ao santo com festas e oferendas. Na verdade o que os levaria a se identificar com o Santo seria a cor de sua pele igual à deles.

3 A fé em Cuiabá a São Benedito

Embora o santo padroeiro de Cuiabá seja o Senhor Divino, que é cultuado na Igreja Matriz, localizada no centro de Cuiabá, atribui-se a São Benedito o título de protetor da cidade, sendo ele considerado um dos mais tradicionais santos da região.

Tamanha é sua identificação com a população de Cuiabá, que ser devoto de São Benedito significa ser um verdadeiro cidadão, ou conforme se costuma dizer, um “cuiabano de tchapa e cruz”².

A devoção a São Benedito é um dos símbolos de Cuiabá mesmo dentre aqueles que não nasceram na cidade, mas que a escolheram para viver. Ser devoto é quase uma obrigação para sua inserção nos costumes locais, assim como saborear os peixes, o pequi, a dança de rasqueado, dentre outros. Os autores locais Pescuma e Pineto compuseram uma canção³ chamada Rasqueado do pau rodado⁴ onde os símbolos da cidade aparecem como condição para se tornar um cuiabano autêntico

Não aguento mais ser chamado de pau rodado
Já tomo licor de pequi, já danço o Siriri
Como bagre ensopado
Sou devoto de São Benedito
Até já danço o rasqueado
Sou devoto de São Benedito
Até já danço o rasqueado
Adoro banho de rio, vou direto pra Chapada
Na noite cuiabana tomo todas bem gelada
Sou viciado no bozô, pescaria e cururu
Tomo pinga com amargo
Como cabeça de pau
Eá, Eá, Eá, só não nasci em Cuiabá
Mas no que eu cresci
Meu bom Jesus mandou buscar.

² Cuiabano de tchapa e cruz (expressão utilizada para enfatizar se tratar de um autêntico cuiabano).a origem da expressão refere-se a uma moeda portuguesa legítima onde na frente havia cunhada a chapa e atrás a cruz dos cristãos.

³ Letra da música publicada em matéria do Jornal Globo.com publicada na internet

⁴ Pau rodado é uma expressão utilizada para denominar o forasteiro.

A forte devoção ao Santo pode ser observada nas duas missas que acontecem todas as terças-feiras, uma às cinco horas da manhã e outra às sete da noite, onde a Igreja fica lotada de fiéis que ali vão para agradecer, pedir graças ou simplesmente participar do culto.

4 A festa de São Benedito

A festa de São Benedito em Cuiabá é comemorada na primeira semana do mês de junho. É a festa de santo mais longa do estado, pois dura em média 30 dias. Ela inicia com a peregrinação da bandeira que percorre as comunidades vizinhas. Acontecem também jantares e reuniões nas casas dos festeiros e famílias tradicionais. Na terça-feira que antecede o dia da festa (primeiro domingo de julho) há o levantamento de mastro, que é o símbolo do início dos festejos. A seguir, na quinta-feira inicia-se o tríduo⁵ com celebrações às cinco horas da manhã. Após as missas acontece o chá com bolo⁶ e à noite ao redor da Igreja encontram-se as barracas vendendo comidas típicas, doces e bebidas e apresentações de música regionais, reunindo um grande público.

O trabalho de preparação da festa conta com devotos voluntários, que trabalham exaustivamente na preparação das comidas, dos preparativos, da estrutura e dos ensaios musicais.

Atualmente devido a grandiosidade do evento, as celebrações ocorrem fora da Igreja, na rua lateral, para poder abrigar a quantidade de pessoas que comparecem. O ponto alto das comemorações acontece no primeiro domingo: alvorada com queima de fogos às 5 horas da manhã, seguida de missa solene, celebrada pelo Bispo de Cuiabá.



Foto 1 – Missa Solene da Festa de São Benedito de 2013
Fonte: Página da Festa de São Benedito de Cuiabá – Facebook.

⁵ Tríduo são três dias consecutivos de missa que antecedem a missa festiva.

⁶ Venda de bolo de arroz, bolo de queijo, café, chá e biscoitos tipo francisquito, que são elementos típicos da culinária regional servidos no desjejum.

Após a missa é servido o chá com bolo, apresentações musicais regionais e almoço com comidas típicas. Às 17 horas procissão que percorre a Avenida da Prainha e reúne milhares de devotos, de acordo com informações na página de Facebook da festa, consta que 40 mil pessoas acompanharam a procissão no ano de 2013.



Foto 2 – Procissão da Festa de São Benedito de 2013

Fonte: Página da Festa de São Benedito de Cuiabá – Facebook.

5 O Santo Negro

São Benedito nasceu na Itália, filho de cristãos descendentes de escravos vindos da África. Ficou conhecido por sua simplicidade e humildade, sendo nominado como o protetor dos cozinheiros e o responsável pela fartura da casa. Isso se deve ao fato dele ter sido cozinheiro no convento e lá se dedicar a dar as sobras de comidas aos menos favorecidos. A ele são atribuídos milagres em vida relacionados à distribuição de pães e peixes aos necessitados.



Foto 3 – Imagens de São Benedito – Residência de D. Maria Augusta
Foto: Ribeiro, Márcia Screnci, 2013

A imagem do santo pode se apresentar de duas maneiras, sendo uma com flores nas mãos segurando as vestes e outra com um menino no colo, ambas podem ser observadas na foto 3.

Consta que preocupado com os pobres, retirava alimentos do convento e os escondia embaixo de suas vestes para levar àqueles que não tinham o que comer. Segundo a tradição, em uma dessas saídas foi surpreendido pelo Superior do Convento que indagou o que ele levava sob o manto, ao que ele teria respondido que eram rosas e ao abrir o manto as rosas apareceram no lugar dos alimentos (BRANDÃO, 1949). Seria essa a representação da imagem com as flores, à esquerda na foto 3.

A outra imagem, com a criança no colo é a representação de outro de seus milagres. Ele teria ressuscitado uma criança, a qual havia sido asfixiada por uma senhora, que em um acidente caíra sobre ela. Diante do desespero de todos Benedito pegou a criança no colo e após uma oração a devolveu com vida à mãe (BRANDÃO, 1949).

Os católicos costumam cultuar imagens dos santos de sua predileção e os mantêm em suas casas. Para alguns, a escolha do local onde a imagem do santo vai ficar tem relação ao que se deseja pedir, exemplificando: a Santa Ceia é colocada na sala

de jantar, local à semelhança da imagem, onde se fazem as refeições e onde se deseja manter a união e a paz.

Dessa maneira, tem-se o costume de colocar a imagem de São Benedito, o santo cozinheiro, na parte da casa onde se preparam os alimentos a fim de que estes nunca faltem.

6 O café para São Benedito

A fé⁷ e a devoção ao Santo Negro são demonstradas no culto à sua imagem, que para a maior parte dos católicos cuiabanos deve ficar na cozinha, normalmente em cima da geladeira, para garantir a fartura da casa. Agregado a isso é o costume de dar uma xícara do primeiro café coado do dia ao santo. A xícara permanece ao lado da imagem e só é retirada no dia seguinte quando um novo café é oferecido.

Esta prática não é exclusiva dos devotos cuiabanos, pode-se encontrá-la em outras regiões do país, sendo que oferecer café a São Benedito é uma prática que vem de longo tempo, de geração a geração, com o intuito de pedir fartura e proteção para a casa.

Em matéria no site vila mulher encontra-se a oração que deve ser rezada ao oferecer o café ao Santo:

Querido São Benedito
Te peço lume ao meu fogão,
Fartura pra minha mesa,
Trabalho em minhas mãos,
Prosperidade em minha carteira,
Proteção a minha casa,
Harmonia em minha família e
Paz em meu coração.

Obrigada, meu santo querido...

Esse costume não é um rito disseminado pela Igreja, mas um hábito aprendido através das gerações que se sucedem e que acaba por se incorporar a cultura de um povo. E então, o que é cultura?

Para Gertz (1978, p.15) “O conceito de cultura é essencialmente semiótico”. A cultura é um texto que deve ser interpretado na busca de seu significado.

Ainda em Gertz (1978, p.15)

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados.

⁷ Fé é acreditar em algo, sem ter em mãos nenhuma evidência de que seja verdadeiro o objeto da crença. Acreditar, confiar.

Esses significados é que os homens dão às suas ações e a si mesmos. Dessa forma, para conhecer a cultura é necessário analisar, interpretar e buscar os significados que estão contidos nos atos e ritos e não somente descrevê-los, ou registrá-los.

A presente análise se dá na Semiótica da Cultura, que segundo Bystrina é uma ciência que trata dos signos e dos textos da cultura. A Cultura é um conjunto de significados que os homens criam para dar sentido à sua vida e suas raízes são os sonhos, os jogos, o estado alterado de consciência e a própria loucura. Para Bystrina, a cultura, ou segunda realidade é construída a partir da capacidade imaginativa que o homem tem. (BAITELLO, 1999).

No café a São Benedito vários aspectos devem ser considerados. Em primeiro lugar, o fato de a imagem do Santo estar instalada na cozinha se deve a São Benedito ter sido cozinheiro no convento, por isso, ele passa a ser considerado protetor dos cozinheiros e responsável pela fartura na casa. A imagem do Santo é parte da 1ª realidade, Baitello (1999, p.27) afirma que: “Preservar a vida significa prover-lhe suas necessidades nutricionais, por um lado, e protegê-la contra todo tipo de ataques predadores, por outro”. Assim, mais do que prover as necessidades físicas (entre elas a comida – 1ª realidade), o indivíduo necessita se proteger de tudo que possa ameaçar sua existência (as doenças, a fome) e então ele recorre aos ritos (2ª realidade) que lhe possam garantir a necessária proteção.

Neste rito estão representadas a 1ª e a 2ª realidade, como definiu Bystrina, onde a 1ª realidade é a imagem do Santo e a xícara de café, sendo o agradecimento que se faz através do ato a 2ª realidade. Baitello (1999) mostra que o homem se liberta das tensões geradas pelo desafio da sobrevivência. Ele cria formas de compensação nessa segunda realidade, o que seriam as matrizes da cultura.

Ainda em Baitello (1999) Bystrina define três níveis de codificação de mensagens, sendo hipolinguístico que é formado por sinais, o físico, no caso a imagem e o café; o segundo linguístico formado pela língua, ou a transmissão do costume de fazer o café para o santo que vai de geração a geração e o terceiro o hiperlinguístico, a fé, aquilo que dá sentido ao ato de dar o café para o santo, que explica a atitude de oferecer o líquido para uma imagem, que não terá como sorvê-la.

7 Entrevistas com devotos

Em entrevista a Sra. Maria Augusta, de tradicional família cuiabana, revelou que tem vários santos espalhados pela sua casa e que a imagem de São Benedito fica na sua cozinha, em cima da geladeira. Todas as manhãs ela oferece ao santo o primeiro café coado do dia, enquanto isso reza a oração dedicada a ele. A xícara ali permanece até o dia seguinte. Indagada sobre o que pede, ela disse que não pede, somente agradece pela fartura. Disse que herdou o hábito de sua avó e de sua mãe e que suas filhas também tem o mesmo costume.

Disse ainda que a imagem não pode ser comprada, a pessoa tem que ganhar de alguém, por isso, este é o primeiro presente que ela deu quando as filhas se casaram. Ao ser perguntado - por que café? Respondeu - “Ah, eu acho que é porque São Benedito gostava de café”. Diz que mantém o hábito desde que se casou o que já faz 64 anos.



Foto 4 – Imagens de São Benedito sobre a geladeira na cozinha – Residência de D. Maria Augusta
Foto: Ribeiro, Marcia Screnci, 2013

Outra entrevista foi com a Sra. Benedita D., uma simpática senhora que atende diariamente na sacristia da Igreja. Ela declarou que têm em casa várias imagens de São Benedito, mas uma específica fica em sua cozinha e a quem ela dá o primeiro café do dia. A xícara ali permanece até o outro dia. Disse ainda que reza enquanto prepara e serve o café. É um costume que aprendeu com a mãe, que aprendeu com a avó e assim toda sua família que é católica continua o rito. D^a Benedita contou que já conversou com São Benedito, que apareceu um dia para ela e lhe disse uma frase, só que ele falava uma língua que ela não conseguia entender. Pediu que ele repetisse e ele assim o fez só que ela continuou sem compreender, porque ele não falava em português. Até hoje ela não sabe o que ele queria, mas acredita que fossem coisas boas. Perguntada por que café? Ela disse que aprendeu assim e assim faz, mas não sabe por que.

Ainda na Igreja foi entrevistado o Sr. Benedito S., “devoto fervoroso” – foi assim ele se apresentou declarando que tem uma imagem em sua cozinha e para a qual a esposa todos os dias oferece a xícara de café. Declarou que este é um costume dos devotos e que é a maneira de agradecer toda a bondade do Santo com as pessoas e garantir que nada

falta naquela cozinha. Disse ainda o Sr. Benedito, que conhece vários devotos que tem o mesmo hábito. Quanto ao por que do café, declarou que não sabe explicar.

8 Considerações

Segundo Baitello (1999), para Bystrina as pessoas se vinculam ao mundo através da comunicação, ou seja, com o conjunto de sentidos e significados. Então a partir do momento que o homem se conscientizou que sua vida tem fim e que ele não tem controle sobre isso, criou uma segunda realidade. Trata-se de uma realidade simbólica que dá sentido à finitude da vida, a qual se pode chamar cultura.

A Semiótica da Cultura, conforme proposta por Ivan Bystrina, demonstra que é através da troca de comunicação que os textos são partilhados e, portanto a cultura tem uma estreita relação com a comunicação. No caso do café para São Benedito pode-se verificar que o rito se dá de geração em geração, sendo que as pessoas sequer questionam o sentido do ato. Embora desconhecendo seu significado, incorporam o ritual no seu cotidiano o que no seu entendimento garantirá a fartura da família.

Além disso, o homem cria um sistema de crenças com o objetivo de garantir sua sobrevivência psíquica, de forma que não viva em função da morte (primeira realidade). A cultura se organiza num sistema de transmissão e de produção de sentido, o ritual do café para São Benedito é a segunda realidade, ou a possibilidade que os devotos acreditem ter de agradecer ao santo pelos benefícios que o mesmo lhes concede.

Tudo aquilo que não é possível na 1ª realidade, torna-se possível na 2ª, na entrevista com D. Benedita D. ouvimos seu relato de ter falado com o Santo, embora não tenha conseguido compreender o que ele dizia. O relacionamento que ela mantém com o Santo é de tal forma íntimo que ela crê que ele possa vir até ela em pessoa (ainda que morto).

O ritual aprendido e repetido por várias gerações deverá continuar a se propagar, pois o homem continua necessitando da segunda realidade para amenizar os problemas e angústias da primeira.

Referências

BAITELLO JR, Norval. *O Animal que parou os relógios*: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1999.

BARBOZA DE SÁ, Joseph. *Relação das povoações do Cuyabá e Mato Grosso de seus princípios até o presente tempo*. Cuiabá: EdUFMT, 1975.

BRANDÃO, Monsenhor Ascânio. *São Benedito, o Santo Negro*. Rio de Janeiro: Indústria Gráfica Siqueira, 1949.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. A interpretativa das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. LOUREIRO, Roberto. *Cultura mato-grossense: festas de santos e outras tradições*. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

MENDES, Marcos Amaral. *Festa de São Benedito: materialidade da fé e identidade do povo cuiabano*. 2008. Monografia (Especialização em Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento Regional: aspectos conceituais e tendências) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

_____. *Identidade e território: estudo sobre a devoção a São Benedito em Cuiabá – Mato Grosso*. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

ROSA, Carlos Alberto. *O oratório e o sebo: lugares sem memória da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá*. Cuiabá: No Prelo, 2005.

SILVA, José de Moura. *Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito: guia de visitação*. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

Sites consultados

<http://vilamulher.terra.com.br/dia-04-de-janeiro-calendario-magico-9-2499770-3735-pfi-mirhyam.html>. Acesso em 20.07.2013

<http://culturacuiaba.wordpress.com/tag/sao-benedito/> Acesso em 22.07.2013

<http://www.curtamatogrosso.com.br/temas/tema.asp?id=6> Acesso em 23.07.2013

<http://200.17.141.110/pos/geografia/geonordeste/index.php/GeoNordeste/article/view/76/pdf>. Acesso em 21.07.2013

<http://www.paroquiasaobenedito.org.br/> Acesso em 24.07.2013

<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/07/festa-de-sao-benedito-comeca-hoje-em-cuiaba-com-missa-e-shows.html> Acesso em 25.07.2013

<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/07/tradicional-festa-de-sao-benedito-em-cuiaba-tera-missa-procissao-e-shows.html> Acesso em 25.07.2013

<http://www.saboresdematogrosso.com.br/tradicional-festa-de-sao-benedito-tera-missas-e-comidas-tipicas-em-cuiaba/> Acesso em 23.07.2013

Rasqueado do Pau Rodado. Pescuma e Pineto. Disponível em: <http://m.g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/04/confira-musicas-que-resumem-alma-de-cuiaba-em-294-anos.html> . Acesso em 25.07.2013.



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

Do livro impresso ao e-book: a transição do papel para o virtual

Jordan Antonio de Souza¹
Thiago Kchimel de Moura²
Lucia Helena Vendrusculo Possari³

Resumo: Pretende-se refletir neste trabalho sobre a evolução do livro impresso para o digital, discutindo brevemente sobre um pouco da trajetória do livro, as mudanças de suportes físicos empregados para garantir o registro do conhecimento, até o surgimento de sua versão eletrônica e os dispositivos criados exclusivamente para a leitura destas obras. Discute-se também a transição do livro impresso para o digital no contexto da cibercultura, com relação a implicações na escrita e leitura. Salientam-se ainda os tipos de leitores e formas de leitura do material impresso e do hipertexto. Discutindo por fim as mudanças provocadas nas bibliotecas para lidar com este novo material e também com a demanda e conquista de seus usuários.

Palavras-chave: Livro impresso. Livro digital. Leitura. Cibercultura. Leitor.

1 Introdução

Novas tecnologias surgem diariamente, e diferentemente de alguns anos atrás elas estão cada vez mais acessíveis, tanto para empresas privadas e entidades públicas, quanto para a sociedade em geral, sendo empregadas em diversos segmentos.

Com o avanço da informática os livros passaram a sair do papel e a ocupar a tela dos computadores, sendo conhecidos como “livros eletrônicos ou *e-books*”. O procedimento de digitalização ou virtualização dos livros carregava consigo o sonho e a promessa de disponibilizar ao público obras com baixo custo ou até mesmo sem custo algum. Mas na prática poucas obras são oferecidas sem custo para o leitor, geralmente apenas as obras em que os direitos autorais já caíram em domínio público são disponibilizadas gratuitamente.

A maior aceitação e utilização do livro eletrônico se deram com o lançamento de dispositivos de leitura portáteis, os “*readers*” também conhecidos como “*e-books*”, pois o computador de mesa obrigava o leitor a passar horas na frente da tela lendo em um local fixo, já com o dispositivo portátil ele levaria as obras para qualquer lugar, e com a van-

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: jordanbiblio@gmail.com

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: tkmoura@hotmail.com

³ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: luciahvp@hotmail.com

tagem de levar mais de livro no mesmo aparelho. Com o tempo estes dispositivos foram sendo aperfeiçoados, melhorando a qualidade da visualização, capacidade de armazenagem, tempo de duração da bateria, e principalmente a compatibilidade com diversas extensões e formatos dos arquivos de livros digitais.

As inovações e comodidades proporcionadas pelo surgimento do livro digital, implicou em mudanças não apenas na parte física das obras, mas também na forma de acesso, no comportamento do leitor, e até mesmo no trabalho desenvolvido em editoras, livrarias e bibliotecas que precisam se adequar para conquistar e manter o interesse de clientes.

Para desenvolver este trabalho utilizaram-se os pressupostos metodológicos da pesquisa bibliográfica, que possibilitou por meio do levantamento bibliográfico localizar materiais que tenham relação com o tema proposto. Assim, pesquisaram-se informações sobre a evolução do livro, o livro digital, as bibliotecas digitais, a cibercultura e os tipos de leitores, tendo refletir suas implicações da mudança dos livros impressos para os digitais.

2 Contextualização da evolução do livro

O surgimento do texto eletrônico é apontado por alguns estudiosos, como uma revolução sofrida pelo livro. Chartier (1999) explica que geralmente tende-se a comparar a revolução eletrônica aplicada à produção dos livros, com a revolução de Gutemberg, inventor da imprensa.

Muitos foram os suportes físicos que se apresentaram ao longo da história para o registro do conhecimento, que são divididos por Mello (1972, apud SILVA), como do **reino mineral** - composto por pedra, bronze e tabletes de argila; **reino animal** – compreende o pergaminho e as tabuinhas enceradas; e o **reino vegetal** – que está representado pelo papiro e o papel. Sendo o papel aliado a invenção da imprensa responsáveis pelo formato de livros impressos que conhecemos hoje.

Com a invenção da imprensa, as cópias de obras que antes eram feitas à mão pelos copistas, passaram a utilizar uma nova técnica que se baseava em tipos móveis e prensas, permitindo uma maior produção de cópias dos livros e permitindo até mesmo maior fidelidade com a obra original, pois muitas das vezes os copistas acabam por interferir no texto original por erro, ou mesmo, por acreditar que estariam corrigindo algo.

Chartier (1999, p. 7), relata que a transformação pregada pela invenção da imprensa não é tão absoluta como se diz, pois “um livro manuscrito [...] e um livro pós-Gutemberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – a do códex). Tanto um como outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato de livro [...]”. O autor ainda explica que a distribuição do texto na página, os instrumentos de identificação como paginação, numeração, índices e sumários existem desde o manuscrito, sendo herdado por Gutemberg e permanecendo no livro moderno.

De acordo com Correia (2000, p. 27), com relação as funções do livro, estas podem ser estudadas por três aspectos:

[...] o físico, que diz respeito ao livro como artefato, resultante da produção cultural de uma determinada época e sociedade; o documental, que atribui ao livro a função de registro, ou seja, de testemunho de fatos inscritos na superfície; e o mediático, que investe o livro não somente da função de testemunho, mas também da de agente da difusão e transferência da informação.

2.1 O livro digital

Para alguns estudiosos as mudanças provocadas com o surgimento do livro digital podem ter a mesma magnitude que as promovidas pela invenção da imprensa. Mas para Chartier (1994 apud FROSSARD, 2000, p. 58), “a revolução do nosso tempo ainda é mais importante do que a de Gutemberg, pois modifica não só a técnica de produção do texto, mas também as estruturas e as formas do suporte de comunicação”. Enquanto o livro impresso manteve a forma de manuscrito, o livro digital que se apresenta em uma tela é diferente do codex.

Frossard (2000, p. 59), explica que “o livro eletrônico “rola” sob telas de forma semelhante aos rolos de papiro da antiguidade, sendo que estes ofereciam ao leitor uma sequencialidade e os hipertextos são labirintos de informação, sem contornos e limites”.

O surgimento dos livros digitais, também conhecidos como *e-books*, promoveram grandes implicações no mercado editorial. Diversas editoras preocupadas em explorar economicamente este novo produto que se apresenta no mercado, investiram recursos para disponibilizar para os consumidores tanto a versão impressa de uma determinada obra, quanto sua versão digital (*e-book*). *E-book* também pode ser a denominação dada aos *devices* (aparelhos eletrônicos), utilizados para armazenar e possibilitar a leitura do livro digital, este aparelhos também são conhecidos como *eReaders*.

Mesmo a criação do livro eletrônico sendo recente este teve que passar por alguma evolução para que sua utilização fosse consolidada. Com relação a esta evolução Silva (2000, p. 84) explica que pode ser dividida em duas fases:

A primeira, quando a tecnologia do hipertexto passou a ter larga difusão e emprego na elaboração de textos produzidos na e para a Internet. A segunda fase, quando do surgimento dos *devices*, aí sim uma alusão clara e indiscutível ao livro impresso, e por isso mesmo, vencendo barreiras que o hipertexto não conseguiu transpor (ex.: a portabilidade), pois ainda não conseguiu se desvencilhar da matéria (PC) apesar de produzido em bits.

Os livros digitais, ou hipertexto como eram conhecidos, geralmente podiam ser lidos em qualquer computador, desde que este tivesse um software que fosse compatível com o formato do arquivo digital do livro. Mas o grande diferencial dos livros digitais é a comodidade de levar várias obras em um único aparelho, o que é impossível com o computador de mesa, e desconfortável com os laptops e notebooks. Entre os primeiros *devices* que surgiram para armazenagem e leitura dos livros digitais estão o *Softbook* e o *Rocket Book*, estão entre os mais populares o *Sony Reader*, *PocketBook*, *Bookeen*, e o lançado mais recentemente e comentado por oferecer inúmeros recursos para a leitura de livros digitais é o *Kindle* da Amazon (empresa que vende livros digitais, *kindles* e possibilita a publicação de novos livros digitais).

Descrevendo as mudanças que o *e-book* promoveu na vida do leitor, Petry (2012, p. 152) relata que “o *Kindle*, da Amazon, tem um dispositivo que exibe os trechos do livro sublinhados por outros leitores. Informa até quantos o fizeram”. No caso do livro impresso verificar o que outra pessoa sublinhou só seria possível no caso da compra de um livro no sebo, ou mesmo, ao pegar um livro na biblioteca em que usuários quebram a regra de preservação do material e os riscam como se fossem seus.

Apesar dos diversos recursos que os *e-books* oferecem para leitura dos livros digitais, suas vendas não andam muito bem, pois como explicam Melo e Tavares (2012), em sua obra que discute o mercado de *e-books* no Brasil, os tablets por terem valor mais acessível estão detonando as vendas de *e-Readers*.

Uma das promessas, que surgiram com os *e-books* é que estes teriam um valor final mais acessível para o consumidor que sua versão impressa, pois não existiria mais os gastos com as gráficas relativo a impressão do material. Porém na prática, pelo menos no Brasil, isso não ocorre como o esperado. A diferença de valor entre uma obra impressa e digital é muito pequena, implicando muitas das vezes na preferência do consumidor pelo livro impresso.

Outra questão interessante que o livro digital proporcionou foi o “aumento no número de auto-publicações” (MELO; TAVARES, 2012), que já existiam com os livros impressos, mas eram de custo elevado para o autor. Hoje é fácil encontrar na internet diversos anúncios com a chamada “realize seu sonho de publicar um livro”, ou simplesmente “publique seu livro”.

Não apenas os livros, mas também diversas publicações periódicas se renderam as maravilhas do “digital” como as revistas e os jornais. O que no início se dava de forma paralela, com lançamento de um mesmo fascículo no formato impresso e digital, hoje se dá apenas no digital, principalmente no caso de publicações científicas de instituições de ensino superior, pois estas sempre dependiam de liberação de verbas para impressão da publicação, mas agora além de não ter este custo, se beneficiam com a rapidez para finalizar e distribuir seu produto.

3 Na cibercultura: a transição do livro de papel para o digital

A escrita se originou há muitos séculos atrás, em um processo simbólico que possibilitou ao homem uma forma de se expressar, comunicar e expandir suas mensagens para muito além do seu próprio tempo e espaço. Passando por todos os estágios no tempo, chegamos à nossa época, onde a cultura da escrita, ou seja, a mídia impressa está passando por uma mudança histórica, pois está alterando o modo como as informações são transmitidas às pessoas. A mudança radical da era digital está conquistando cada vez mais espaço, gerando assim o progresso na mídia, seja pela velocidade com que a informação chega ou pela praticidade e comodismo do fácil acesso à internet, vide que na maioria dos lugares que são frequentados nas grandes cidades, pode-se contar com um fácil acesso à rede *wi-fi*, que na maioria das vezes os próprios estabelecimentos liberam para o cliente.

A era digital, nos possibilitará uma nova relação com a palavra escrita, pois o livro digital oferece uma experiência visual e de tato completamente diferente e diversa daquela que estamos habituados. Sendo isso possível graças à Cibercultura, que nas palavras de André Lemos, é uma cultura da leitura e da escrita, de forma ampla, pois a cultura massiva pré-digital é uma cultura apenas da leitura (ler jornal, revista, assistir jornal, ver televisão).

A cibercultura traz uma possibilidade muito grande de não só ampliar a leitura, pegando informações de qualquer lugar do mundo, em várias línguas, sobre vários formatos e imediato, como se pode produzir conteúdo, tornando-se uma forma de “escritor” e não apenas um leitor. Estamos vivendo uma reconfiguração generalizada, e não eliminação ou destruição, da forma como conhecemos a escrita e a ampliação da leitura, por isso vale destacar três princípios fundamentais da reconfiguração proposto por André Lemos (2002):

1. Liberação do polo da emissão; justamente a possibilidade de escrever, antes só se podia ler. Na cultura massiva a inclusão do que se ensinava era ser um crítico daquilo que a gente lia, era o máximo que podíamos fazer, hoje se é um crítico do que lê, mas também pode produzir conteúdo, não precisa de autorização para essa produção, criando um nicho daqueles que vão ler e gostar do conteúdo produzido;

2. Conexão generalizada e aberta; essa conexão só faz sentido coletivamente e em rede, junto com a emissão, gerando a possibilidade de falar e se juntar;

3. A configuração de formatos midiáticos e práticas sociais; agora se pode falar livremente, coisa que não acontecia antes, onde só era possível a leitura e agregar com aqueles que pensam iguais, isso tem potência gigantesca política, social, econômica.

Por isso, a cibercultura é a relação entre a técnica e a vida social, criada a partir da associação da cultura contemporânea com as tecnologias digitais, numa época em que ela caminha para a onipresença, aproximando a técnica do prazer estético e comunitário,

a cibercultura já é uma realidade social planetária, caracterizada pela formação de uma conectividade telemática generalizada, que amplia assim as possibilidades comunicativas e promove agregações sociais. O ciberespaço cria um mundo no qual o poder de emissão está nas mãos de uma cultura jovem e tribal, capaz de “produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema” (LE MOS, 2002, p. 87).

Mas para falarmos da cibercultura, é preciso entender o conceito de ciberespaço, definido por Lévy (1999, p. 92) como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”, e por Lemos (2002, p. 127) como um “espaço não físico ou territorial composto por um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações (sob as suas mais diversas formas) circulam”. Lévy (1999) acredita que provavelmente todas as informações sejam eventualmente digitalizadas, tornando o ciberespaço, principal canal de comunicação no próximo século. É um espaço sem dimensões, um universo de informações navegável de forma instantânea e reversível, em um processo de desmaterialização do espaço e da instantaneidade temporal contemporâneo.

Através do computador, é possível acessar à distância qualquer dado armazenado na cibercultura, o que torna possível também o compartilhamento dessas informações e arquivos. Outra importante característica do ciberespaço é a possibilidade de transferência de dados que possibilita a troca contínua dessas informações e os meios para se fazer isso são os mais diversos, em graus de complexidade crescente, onde os mundos virtuais multiusuários são lugares de encontro e meio de comunicação entre seus participantes.

Por ser o ciberespaço uma alternativa para as mídias de massa clássicas, ele permite que o usuário encontre informações de seu interesse e também que divulgue suas próprias. Isso sem nenhum intermediário de jornalistas. Na cibercultura, afirma Pierre Lévy que o autor é cada vez menos discernível.

Também é interessante mostrar a diferença entre interação e interatividade, mostrada por Primo (2007, p. 19-34):

Segundo Thompson (1998) na interação face a face os indivíduos relacionam-se na aproximação e no intercâmbio de formas simbólicas em um ambiente físico compartilhado. O desenvolvimento dos meios de comunicação, segundo ele, veio oferecer novas formas de ação e novos tipos de relacionamentos sociais. A interação passa a dissociar-se, então, do ambiente físico, estendendo-se no espaço e proporcionando uma ação à distância. [...] E no âmbito da realidade virtual, Steur (1993) define interatividade como a extensão em que os usuários podem participar na modificação da forma e do conteúdo do ambiente mediado em tempo real. Segundo ele, interatividade é uma variável direcionada pelo estímulo e determinada pela estrutura tecnológica do meio.

Os diversos aspectos importantes do conceito de interatividade podem ser reduzidos aos quatro padrões de comunicação propostos por Bordewijk e Kaam, Jesen (1999, apud PRIMO, 2007, p. 37) que propõe quatro subconceitos ou dimensões:

- A) interatividade de transmissão – medida do potencial do meio em permitir que o “usuário” escolha que fluxo de informação em mão única quer receber (não existe a possibilidade de fazer solicitações);
- B) interatividade de consulta – medida do potencial do meio em permitir que o “usuário” solicite informações em um sistema de mão dupla com canal de retorno;
- C) interatividade de conservação – medida do potencial do mídia em permitir que o “usuário” produza e envie suas próprias informações em um sistema de duas mãos;
- D) interatividade de registro – uma medida do potencial do sistema em registrar informações do “usuário” produza e responder às necessidades e ações dele.

Conforme descrito por Petry (2012, p. 158 grifo do autor)

A arte acaricia a alma, [...], mas haverá arte literária na era do pós-papel? É essencial que jovens digitais, crescidos na era do ‘selecione, corte e cole’, sejam educados a respeitar a integridade de um texto. É uma violência tirar um pedaço de *O Eterno Marido*, de Dostoiévski, e pôr em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Ou ‘selecionar’ um trecho de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e ‘colar’ em *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz – por mais semelhança dramática que haja entre essas obras. Nem tudo o que é bom é interativo. A crítica literária Marjorie Perloff (fã da poesia concreta brasileira) diz que a tradicional imagem do gênio – a mente brilhante que refaz o mundo desde seu reconditório – está morta. O excesso de informação é tal que os novos gênios serão banais, sem originalidade. A genialidade estará no domínio e distribuição da informação, não na sua reinvenção. Outros, como o poeta Kenneth Goldsmith, que escreveu um livro sobre o assunto, sustentam que a colagem, a apropriação – até o plágio, o tripé ‘selecione-corte-cole’ – serão a tônica na literatura digital.

Essa interatividade proposta pelo livro digital e possibilitado pela cibercultura, esta, nascida no período pós-moderno, traça um caminho de emissor-receptor e vice-versa, podendo ser autor/leitor e gerando algo perigoso como descrito acima, pois se pode pegar um trecho de *O Eterno Marido*, de Dostoiévski, e pôr em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ou selecionar um trecho de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e colar em *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, esse caminho é uma consequência negativa, dentre tantas positivas, que a interatividade possui na cibercultura, cuja nem tudo o que é bom pode ser interativo, mas a interatividade e a cibercultura permite essa mistura e recorte.

É interessante destacar a importância do livro como elemento fundamental na apreensão de conhecimento, pois ocorre uma ruptura cultural onde o livro é uma instituição que representa formas sociais e institui valores para um determinado grupo. Destarte o livro além de instituir certas subjetividades, molda eticamente valores e interesses individuais ou de um grupo.

Atualmente os livros disponíveis virtualmente são muitos e porque não dizer que algumas coisas se perderam ou estão se perdendo com o advento do livro digital como a literatura, a emoção da subjetividade e o ato da leitura, pois se busca pelo imediatismo no mundo do ciberespaço de relações digitais, é uma perspectiva pós-moderna que simula o tempo do agora.

O surgimento do computador trouxe ameaça ao livro impresso, porém a transição do meio impresso para o meio eletrônico, ainda não extinguiu a importância do livro, ele ainda atende a diversas necessidades culturais, sociais e pessoais que o computador ainda não satisfaz

4 Os leitores do impresso e do digital

Vale salientar que o meio eletrônico é outro viés para a leitura, que facilita muitas vezes o armazenamento e a procura de textos e até mesmo a leitura em si. O livro adaptado à tecnologia, tornando livro digital, não substitui o livro enquanto impresso, são novas tecnologias, novas linguagens e meios de acesso, o livro material se torna livro virtual. O texto e o hipertexto são formas de conhecimento, de apreensão e criação.

Conforme conceitua Ted Nelson (1992, apud BELLEI, 2002, p. 43, grifo do autor), em meados da década de 1970, o hipertexto era determinado como “uma forma de escrita *não sequencial* – um texto que *se espalha em ramificações e permite ao leitor escolher caminhos*, [e que deve ser] *preferencialmente* lido em uma tela interativa”.

O ato de ler, através do hipertexto, diante da globalização, ganhou outro significado no cotidiano. O texto impresso não incorpora tantas informações como o hipertexto. Por isso, é viável a distinção entre os leitores do século XXI, por suas habilidades de leitura, interpretação e decodificação de variados signos.

Para isso, Santaella (2004, p. 16), evidencia os tipos de leitores, mas se fazendo necessário entender que: “O leitor do livro é o mesmo da imagem e este pode ser o leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo”.

Os tipos de leitores propostos por Santaella (2004) são o contemplativo/meditativo, que surgiu na idade pré-industrial, aquele leitor do livro impresso e da imagem fixa, o leitor movente/fragmentário, surgido na Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos, aquele leitor do mundo em movimento, dinâmico, de misturas

sígnicas e por último e não menos importante o leitor imersivo/virtual, que começa a emergir nos novos espaços incorpóreos da virtualidade. Importante destacar que apesar de uma sequencialidade histórica no aparecimento de cada um desses tipos de leitores, não significa que um exclui o outro.

1. Leitor Contemplativo (Meditativo)

[...] esse primeiro tipo de leitor é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas gravuras, mapas, partituras. É o mundo do papel e do tecido da tela. O livro na estante, a imagem exposta, à altura das mãos e do olhar. Esse leitor não sofre, não acossado pelas urgências do tempo. Um leitor que contempla e medita. Entre os sentidos, a visão reina soberana, complementada pelo sentido interior da imaginação (SANTAELLA, 2004, p. 24).

2. Leitor Movente (Fragmentado)

[...] o leitor movente; leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo [...] Esbarrando a todo instante em signos, signos que vêm ao seu encontro, fora e dentro de casa, esse leitor aprende a transitar entre linguagens, passando dos objetos aos signos, da imagem ao verbo, do som para advento da televisão: imagens, ruídos, sons, falas, movimentos e ritmos na tela se confundem e se mesclam com situações vividas. Onde termina o real e onde começam os signos se nubla e mistura como se misturam os próprios signos (SANTAELLA, 2004, p. 25-31).

3. Leitor Imersivo (Virtual)

Santaella (2004) busca conhecer e delimitar esse novo leitor, suas transformações sensoriais, perceptivas, cognitivas e, conseqüentemente, também transformações de sua sensibilidade.

[...] o leitor imersivo é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade e escolha entre nexos e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza [...] Não se trata mais de um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como é o caso desse segundo tipo de leitor, mas de um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles [...] Assim também, a navegação interativa entre nós e nexos pelos roteiros alineares do ciberespaço envolve transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem conseqüências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental (SANTAELLA, 2004, p. 32-33).

Contudo, a prática social da leitura sofreu e continua sofrendo grandes transformações, não podendo existir comparação do modo de leitura do século passado com o século atual. O leitor que nasce no século XXI possui aptidões diferenciadas do leitor do passado, aptidões perceptiva-cognitiva, condizendo com o novo perfil da necessidade e acúmulo de informações que são despejadas nesse leitor.

Chegamos então ao leitor do hipertexto que participa de maneira ativa de todas as etapas na existência do texto eletrônico, sendo a elaboração, difusão e leitura, alterando, sem restrições, o conteúdo na rede. O aprimoramento tecnológico do texto traz ainda uma transformação nos recursos visuais e auditivos. Para o autor Sérgio Bellei (2002) a utilização de recursos de hipertexto e hipermídia pode tornar acessíveis o sentido visual e o auditivo.

Hoje, o leitor é também coautor, autor e crítico do texto literário, o hipertexto continuará existindo, pois é passível de alteração e de fácil divulgação e permite ao leitor decidir o rumo a seguir na sua viagem pela leitura, tornando o tempo e o espaço, em relação à construção textual, flexível, onde a compressão do espaço e tempo, em consequência do ritmo acelerado das informações e podendo o leitor estar presente sem estar presente, o tempo e espaço são suprimidos na pós-modernidade e seus conceitos revistos. O leitor não renunciará ao poder que, enfim, “conquistou” com o advento da internet, cibercultura, redes sociais e o livro digital.

Em suma, o texto eletrônico que se concretiza no espaço virtual abrange diversas perspectivas e é muito visível na produção intelectual no que tange a atualidade. As bibliotecas constroem acervos de hipertexto e hipermídia e seu uso simbólico na apreensão da informação e do conhecimento na vida cotidiana essa modificação, trouxe uma evolução nas bibliotecas e na composição de seus acervos.

5 Evolução das bibliotecas: do tradicional ao digital

As bibliotecas são tradicionalmente categorizadas como espaços de memória, guarda e conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico da humanidade, com a finalidade de promover a disseminação da cultura e do conhecimento. Os tipos de bibliotecas mais conhecidos são as que se apresentam em escolas, universidades e comunidades, mas ainda temos as bibliotecas nacionais, especializadas, itinerantes, entre outras, e mais recente as bibliotecas digitais.

Desde o surgimento das primeiras bibliotecas até os dias atuais, é possível verificar diversas transformações sofridas pelas mesmas, tanto no que tange a suas características físicas, infraestrutura relacionada ao seu acesso, quanto as suas práticas, serviços oferecidos e os suportes de informações que passam a surgir com o avanço das tecnologias, resultando na informatização de serviços para as bibliotecas convencionais e também na criação das bibliotecas digitais.

O surgimento das bibliotecas se deu antes mesmo que o dos livros, na forma como os conhecemos hoje. Os primeiros registros de conhecimentos que elas armazenavam eram registrados em suportes minerais, como os tabletas de argila, os vegetais, como os papiros e os animais como os pergaminhos. Foi com a invenção do papel, por volta de 2.000 A. C. e também a invenção da imprensa em 1450 por Johannes Gutenberg, que surgiram os livros semelhantes aos que conhecemos hoje (MARTINS, 2002, apud FREITAS, ALONSO, MACIEL, p. 225).

Ao longo da história as bibliotecas sofreram diversas mudanças, tanto em relação aos materiais que armazenam em seus acervos, quanto as formas de acesso a estes materiais, pois anteriormente se dava de forma restrita, como no caso de bibliotecas de mosteiros, e particulares, que apenas nobres poderiam ter acesso, e hoje são em grande maioria de acesso público, buscando não apenas preservar a informação, mas sim a sua disseminação.

Conforme explicar Martins (2002, apud FREITAS, ALONSO, MACIEL, p. 227):

Desde o final do século XVI até a atualidade, a biblioteca passou então por um processo gradativo e ininterrupto de transformação, caracterizado, essencialmente, pela sua laicização, democratização, especialização e socialização. Neste contexto de especialização, surgiram as bibliotecas públicas (voltadas para um público mais amplo, a comunidade em geral), se firmaram as bibliotecas universitárias (com seu teor acadêmico, voltadas para as atividades de ensino, pesquisa e extensão) e aparecem diversos outros tipos: como as bibliotecas especializadas (especializadas em uma determinada área do conhecimento), as bibliotecas nacionais (guardiãs da memória bibliográfica dos países), as bibliotecas especiais (cujo foco é o atendimento a um público com necessidades especiais) e as bibliotecas escolares (voltada para as atividades de pesquisa escolar e incentivo à leitura).

Buscando inovar e melhorar a qualidade e rapidez de seus serviços as bibliotecas passam a fazer uso dos recursos informáticos. Sobre o emprego deste recursos, Cunha (1999, apud CUNHA, 2008, p. 5) relata que:

Nas últimas décadas, o computador tem sido utilizado de forma cada vez mais crescente e, desde os anos 1970, muitas bibliotecas implantaram catálogos em linha, passaram a acessar bancos de dados, iniciaram o uso regular do periódico eletrônico e o acesso a textos completos de artigos de periódicos, a verbetes de enciclopédias e a itens de outras fontes de referência. A partir de 1994, por exemplo, com a implantação da World Wide Web (WWW) e do fenomenal crescimento da internet, as possibilidades de acessar e recuperar informações aumentaram de forma nunca antes imaginada.

Motivadas pela evolução tecnológica e científica que se apresenta nos últimos anos, e pela crescente produção e digitalização de documentos, como livros e periódicos, surgiram às ditas bibliotecas do futuro, como Bibliotecas Digitais, Bibliotecas Virtuais e Bibliotecas Eletrônicas.

Assim, como surgiram discussões sobre a possibilidade de ocorrer o fim do livro impresso, diante do surgimento do e-book, também houve uma preocupação a respeito da extinção das bibliotecas convencionais. Mas de acordo com Krzanowski (1997 apud OHIRA; PRADO, 2002, p. 63), as Bibliotecas Virtuais e Digitais “não vem substituir as bibliotecas tradicionais, mas acrescentar aos usuários outras opções de acesso às informações registradas”. Conforme explica Marchiori (1997), o conceito de biblioteca virtual, é apresentado como uma possível mudança no tratamento e disseminação de informações, que são representados pelos recursos, serviços e atividades praticadas nas bibliotecas tradicionais.

As bibliotecas digitais ampliam a disseminação e acesso à informação, pois possibilitam por meio de mídias digitais, das redes e ambientes virtuais, que o usuário encontre diversos documentos em formato digital, como arquivos de texto, imagem, mapas, vídeo, som etc.

Para alguns estudiosos as bibliotecas virtuais podem promover a realização do sonho do Projeto Xanadu, idealizado por Ted Nelson, o qual acreditava que seria possível:

[...] criar uma rede mundial que fosse um grande depositário (potencialmente infinito) de todos os documentos da humanidade. Estes documentos, arquivados em uma estrutura universal de dados, poderiam apontar de modo associativo para outros documentos afins, tendo em comum sua natureza digital e hipertextual, no qual os *links* redefinem a fronteira entre um documento e outro (LEVACOV, 1997).

Neste contexto, conforme explica Tammaro e Salarelli (2008, p. 157):

A biblioteca digital tem, por tanto, o potencial de desestabilizar processos e padrões de criação de conhecimento e romper as atuais hierarquias de credibilidade. Não se pode, portanto, considerar a biblioteca digital como um continente passivo de textos, mas como um instrumento potencial que desestabiliza o atual sistema de relações. Pode-se dizer que a biblioteca digital participa ativamente do processo de criação de conhecimentos e da construção de credibilidade.

A oferta de materiais em formato digitais pelas editoras amplia-se a cada dia, e o interesse das pessoas por este tipo de material cresce em proporção ainda maior, sendo justificada pela facilidade de acesso, melhor portabilidade do material, entre outras questões.

Com adesão cada vez mais frequente do uso das tecnologias, pelas instituições, se faz necessário que os profissionais da informação atuantes em bibliotecas tradicionais

e que trabalham no suporte de bibliotecas digitais, estejam preparados para auxiliar e fomentar o uso destas bibliotecas de forma que os usuários mantenham o interesse pelas bibliotecas convencionais, e que possam utilizar as digitais como complementação para o desenvolvimento de suas pesquisas.

6 Considerações finais

A partir de simples desenhos, em um processo simbólico, gerou ao homem formas de expressão e comunicação, nascendo à escrita e posteriormente a literatura. Agora o livro tão conhecido por todos, está passando por uma revolução que há muito tempo não se via. Uma drástica mudança propiciada pela cibercultura, onde a tecnologia, ao lado do excesso de informação disponibilizada na internet, vem alterando o comportamento dos leitores, tornando-os autor, coautor, e crítico.

Precisamos ponderar o que essa mudança trará de positivo, como o texto com recursos visuais e auditivos nunca antes visto nos livros impressos e também mudará o jeito que conhecemos as bibliotecas, que já vinham passando por transformações ao longo do tempo, como suas características físicas, sua infraestrutura e sua informatização nos últimos tempos e agora com advento do livro digital, passa-se ao novo estágio, ao da biblioteca digital.

Algumas perguntas ficarão a ser respondidas, por ser uma novidade em nosso meio. Mas as inovações e vantagens favorecidas pelo surgimento do livro digital estão implicando em mudanças e só saberemos se essas mudanças serão totalmente positivas futuramente. As mudanças que podemos perceber hoje é que a estrutura física do livro impresso, bem como o leitor sofreram nitidamente alterações.

O livro impresso será totalmente substituído pelo digital, ou caminharão juntos? As bibliotecas físicas serão perdidas com o tempo e substituídas pelas bibliotecas digitais? Essas questões e tantas outras só o tempo dirá, assim como o homem saiu das pinturas das cavernas e conseguiu chegar aos livros digitais através da evolução e do tempo, o que podemos fazer é aguardar os próximos capítulos.

Referências

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. São Paulo: Educ, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, Imprensa Oficial, 1999.

CORREIA, Ana Lúcia Merege. Do livro ao livro eletrônico: o livro impresso, trajetória e contemporaneidade. In: PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. *O sonho de Otlet: aventura em tecnologia da informa e comunicação*. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT, 2000. p. 27-46.

CUNHA, Murilo Bastos da. Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 13, n. 1, p. 2-17, jan./abr. 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362008000100002>. Acesso em: 05 ago. 2013.

FREITAS, Carlos Henrique Tavares de; ALONSO, Kátia Morosov; MACIEL, Cristiano. Bibliotecários, bibliotecas e educação a distância: um movimento do tradicional para o digital. In.: MILL, Daniel; MACIEL, Cristiano (Org.) *Educação a distância: elementos para pensar o ensino-aprendizagem contemporâneo*. Cuiabá: EdUFMT, 2013. p. 221-239.

FROSSARD, Vera. Tipos e bits: a trajetória do livro. In: PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. *O sonho de Otlet: aventura em tecnologia da informa e comunicação*. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT, 2000. p. 47-73.

LEMO, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVACOV, Marília. Bibliotecas virtuais: (r)evolução?. *Ciência da Informação*, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651997000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 ago. 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção Trans)

MARCHIORI, Patricia Zeni. “Ciberteca” ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. *Ciência da Informação*, v. 26, n. 2, maio/ago. 1997. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/389/349>>. Acesso em: 01 ago. 2013.

MELO, Eduardo; TAVARES, José Fernando. *O mercado de eBooks no Brasil: coletânea sobre mercado, produção e marketing*. Porto Alegre: Simplíssimo Livros, 2012.

OHIRA, Maria Lourdes Blatt; PRADO, Noêmia Schoffen. Bibliotecas virtuais e digitais: análise de artigos de periódicos brasileiros (1995/2000). *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 61-74, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n1/a07v31n1.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2013.

PETRY, André. A revolução do pós-papel. *Veja*, São Paulo: Abril, ed. 2.300, ano 45, n. 51, 19 dez., 2012.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo*. São Paulo: Paullus, 2004.

SILVA, Luiz Otavio Maciel da. Softbook e rocket book: o livro eletrônico dos átomos aos bits. In: PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. *O sonho de Otlet: aventura em tecnologia da informa e comunicação*. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT, 2000. p. 75-105.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. *A biblioteca digital*. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

Mídias e espaço escolar: corpos e celulares em sala de aula*

Elisana Alves da Silva¹
Icléia Rodrigues de Lima e Gomes**

Resumo: O advento das novas tecnologias tornaram evidentes as dificuldades atravessadas pela escola em relação a forma de lidar e acompanhar as mudanças tecnológicas cada vez mais velozes. Estas dificuldades são recorrentes e são sentidas pela sua comunidade escolar, composta por professores, alunos e demais profissionais da educação. O uso de aparelhos celulares no espaço escolar divide opiniões em favoráveis e contrárias ao mesmo tempo em que tal temática é alvo de políticos, que tentam através de projetos de lei demonstrar mais preocupação com as influências negativas que sua presença possa causar no espaço da sala de aula do que propriamente com as contribuições que possam ser positivas. De outro lado, os alunos buscam apropriar-se de suas ferramentas e aplicativos, sobretudo, na sua utilização para confecção de imagens, na maioria dos casos, de seus próprios corpos, tentando através destas ações burlar as restrições impostas no espaço escolar.

Palavras chave: Escola. Celulares. Corpos.

1 Introdução

O traço mais característico do cibermundo encontra-se no ritmo desenfreado de sua evolução (SANTAELLA, 2010).

A tecnologia se faz presente nos mais diversos segmentos da sociedade, e das mais variadas formas. Na escola não poderia ser diferente, o uso de celulares neste ambiente causa controvérsias na comunidade escolar, se por um lado temos alguns de seus mais ardentes defensores, representados em sua maioria pelos alunos, que utilizam-se dos mais diversos argumentos bem como insistem em burlar regras e desenvolver estratégias para seu uso neste espaço, do outro temos regulamentos internos, variáveis entre as escolas, posicionamentos contrários, sobretudo entre a equipe docente, e também leis que regulamentam seu uso em escolas públicas e particulares de alguns estados ou cidades brasileiras. De que forma alunos e professores lidam com as mídias sem fio? É possível ou permitido o uso de celulares no espaço escolar? De que forma isso é feito?

* Trabalho apresentado originalmente como exigência parcial para aprovação na disciplina Estudos de Cultura Contemporânea I: Concepções e abordagens, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, do Instituto de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso

¹ Mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: annelisalves@gmail.com

** Prof^a orientadora do Programa de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade do Estado de Mato Grosso.

A emergência e a velocidade com que as (novas) tecnologias tem avançado em diversas direções e setores de nossa sociedade trouxeram e trazem novidades cada vez maiores a cada dia que passa, bem como transformações cada vez mais aceleradas que a acompanham. A busca frenética em se seguir tais eventos percebe-se na maioria das pessoas das mais diferentes idades, sexo e condição social, que tornam-se consumidoras vorazes. Talvez a novidade agora seja o acesso a essas tecnologias, que tem sido cada vez mais popularizado.

Segundo Santaella,

À medida que as mídias sociais avançam, sua penetração permeia tanto nosso cotidiano, quanto as decisões globais, abrangendo todos os setores da vida humana, da educação familiar aos negócios do estado. A natureza ubíqua que estão adquirindo e a intensidade com que afetam nossos modos de comunicar e de viver demandam reflexões voltadas para suas implicações e para os impactos de seu uso. (SANTAELLA, 2010, p.263)

Esta realidade presente na sociedade inaugurou uma nova forma de comportamento e vivência dos indivíduos. O termo utilizado por Zigmunt Bauman, o de “modernidade líquida” explicita a condição pós-moderna da sociedade, na qual se percebe dentre outras características, o consumismo e este se revela como (uma das) determinante, para a constituição dos indivíduos, dessa forma, de acordo com o autor ‘ter é ser e ser é estar’, ou seja, ser é apenas para quem detém o poder de consumir cada vez mais e com maior velocidade, a ponto de acompanhar as novidades apresentadas pelo mercado.

Uma das principais características da sociedade pós-moderna, está justamente no hedonismo, a busca pelo prazer, um prazer individual, e talvez até mesmo egoísta e que não se importa com questões relacionadas ao outro. O prazer deve ser alcançado e se possível de forma imediata, com urgência ainda que para isso tenha-se que lançar mão a diversos artifícios ou truques.

O corpo, neste contexto, adquire status importante, sendo necessário que o mesmo seja exibido de forma constante, sobretudo nas mídias. O exibicionismo do corpo deve obedecer a regras impostas e socialmente aceitas, ou seja, não se trata de apenas um corpo, mas de um corpo saudável, belo, jovem dotado de uma perfeição, por muitas vezes inatingível. Se, de um lado é preciso exibir o corpo, de outro percebe-se uma espécie de voyeurismo que toma conta dos indivíduos, que necessitam cada vez mais ver, comparar, comentar, criticar.

Sobre isso, Santaella esclarece que,

O corpo que exorbita é o corpo espetacular das imagens das mídias; o corpo que prolifera na multiplicação desmesurada de imagens foto-

gráficas e nos desdobramentos virtuais favorecidos pelas novas tecnologias. Antes da fotografia não havia outra possibilidade de registro, documentação e representação do corpo senão por meio das pinturas e da escultura. (SANTAELLA 2004, p. 128)

Dessa forma, é cada vez mais comum o uso ávido de câmeras digitais que agora fazem parte dos acessórios e aplicativos de aparelhos celulares. Seu uso proporciona qualidade e rapidez nas imagens por ela capturadas bem como pode ser compartilhada entre celulares ou mesmo ser replicada nas redes sociais alcançando inúmeros usuários e em pouquíssimo tempo. A exposição dos corpos não está mais restrito aos álbuns familiares e pessoais, guardados/esquecidos em gavetas empoeiradas das residências. Qualquer lugar pode servir de cenário e não basta fotografar é preciso compartilhar, ver e ser visto.

2 Escola e celulares: uma relação delicada

Possuir e usar um celular torna-se uma maneira de *estar no mundo* – mediada pela tecnologia – que é cada vez mais característica da cultura contemporânea. (SILVA, 2008)

A apropriação e a utilização das novas tecnologias no cotidiano escolar ainda encontram alguns obstáculos. A escola de certo modo, insiste em permanecer com ideia de que seus alunos são leitores (apenas e tão somente) de objetos duráveis, dotados de linearidade e que se encontram ‘bem guardados’ em suas bibliotecas, arquivos, acervos e laboratórios de informática. Para além de uma dificuldade metodológica no uso deste último, percebe-se a resistência em reconhecê-lo como espaço que pode se tornar um aliado e também ser usado enquanto ferramenta durante as aulas.

Um outro objeto (muitas vezes de desejo), cujo uso está disseminado dentro da escola – alunos, professores e toda a comunidade escolar - e que alcançou o status de imprescindível (de tal forma que deve encontrar-se sempre ao alcance das mãos), e que oferece cada vez mais inúmeras vantagens, comodidades através de aplicativos bem como a apresentação e disponibilidade no mercado de novas gerações tecnológicas, está o celular e as inúmeras possibilidades proporcionadas pelo mesmo. Conforme Santaella (2010, p.268) “O espectro multiplicador dos dispositivos sem fio agora permite a conexão entre usuários e a troca de textos, músicas, fotos e vídeos de qualquer lugar permitindo também a conexão desses dispositivos com as redes [...]”

Visto dentro do espaço escolar, por alguns professores e alunos como vilão e/ou como mocinho, o uso/abuso do celular tem despertado a atenção de gestores, preocupa-

dos em garantir/restringir seu manuseio, seja através de regulamentos internos, ou mesmo leis orgânicas adotadas em alguns estados e cidades.

Dessa forma, Silva (2008, p. 312) salienta que, é cada vez mais “importante o papel do celular na inclusão simbólica dos indivíduos – especialmente dos jovens – na lógica cultural própria da contemporaneidade: instantânea, móvel e virtual”. Não é preciso uma observação mais detalhada para se perceber que os alunos em sua maioria levam seus celulares a todos os lugares que frequentam, e isso inclui a escola e consequentemente a sala de aula, a autora ainda prossegue ao afirmar que “o telefone celular se tornou artefato-símbolo da contemporaneidade”.

É possível pensar que, os aparelhos celulares extrapolam a função pioneira e utilitária encontrados em seus (nem tão) antigos antecessores: os telefones. Conforme Fonseca e Abonizio,

Os usos e significados ultrapassam o de um simples telefone (ouvir e falar), na medida em que novas funções e serviços são agregados. Desde que a primeira ligação foi feita, em 1973, até hoje, o aparelho transformou-se em mais que um telefone, é também: despertador, agenda, calculadora, jogo, gravador, rádio, câmera fotográfica e de vídeo, televisão, computador portátil através do acesso a internet e uso de *softwares*, entre outros aplicativos e funcionalidades. (FONSECA e ABONIZIO. 2010, p. 03)

Nesse sentido, seu uso suplanta as fronteiras delimitadas pelos telefones anteriormente concebidos, e alcança um importante papel ‘na inclusão simbólica dos indivíduos em uma lógica de modernidade marcada pela conectividade e pela interatividade’ Silva (2008, p.316). A portabilidade, comodidade e praticidade são algumas das grandes vantagens encontradas nos aparelhos disponíveis no mercado.

Sua presença e utilização na escola encontra posicionamentos favoráveis e também desfavoráveis. A ideia de que o mesmo é fundamental para manter contato com pessoas/famíliares/amigos que estão fora da escola, em caso de emergência está presente na maior parte dos argumentos utilizados, sobretudo, pelos alunos para sua posse e permanência em sala de aula. Para os professores, alguns alunos, orientadores educacionais e diretores, seu uso deve ser restrito dentro do espaço escolar, ou ainda o mesmo pode até ser levado para sala de aula, desde que seja desligado, para que não haja prejuízo ao bom andamento da aula, seja em relação ao professor que ministra a aula ou em relação aos colegas que necessitam condições para acompanhar a aula com atenção.

Alguns estados e municípios brasileiros tem demonstrado estas preocupações, e tentam dirimir questões relativas aos usos e abusos de aparelhos celulares dentro do ambiente escolar, através de legislação específica. Um exemplo encontra-se no estado do Rio de Janeiro que proibiu em todo o estado o uso de aparelhos celulares nas salas de

aula das escolas públicas estaduais. A Lei 5.222/08, que teve origem no projeto de lei 288-A/07, de autoria do deputado João Pedro (DEM), nela a proibição tem como objetivo evitar a dispersão causada pelo uso destes aparelhos durante as aulas. A preocupação maior refere-se, de acordo com o deputado, as consequências negativas e prejudiciais que o mesmo traria para o aprendizado, não somente de seu proprietário, como também dos demais a sua volta.

Por outro lado, temos o exemplo favorável ao seu uso, desde que siga algumas regras e recomendações pré-estabelecidas. Assim, o posicionamento de apoio ao seu uso nas escolas, é possível desde que seguindo roteiro de ajuda para tal objetivo.

Para a UNESCO (Organização das Nações Unidas para educação, ciência e cultura), existem outras possibilidades positivas e ainda recomenda o uso de aparelhos celulares em sala de aula, através de um documento que contém algumas orientações para tal, de modo que sejam observados alguns pontos, desde,

[...] ter políticas que incentivem o uso das tecnologias móveis em sala de aula. Isso pode querer dizer tanto criar políticas da estaca zero ou ainda atualizar políticas que foram criadas no momento em que as tecnologias móveis ainda não eram tão acessíveis. “As diretrizes políticas relacionadas ao aprendizado móvel que forem criadas devem estar em harmonia com as que já existirem no campo das TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação)” [...] grifos do autor. (UNESCO POLICE GUIDELINES FOR MOBILE LEARNING, 2013).

De acordo com o documento acima, é possível perceber as recomendações acerca da necessidade de se treinar os professores para que os mesmos possam se apropriar do uso de tecnologias móveis enquanto ferramenta útil para o desenvolvimento de suas aulas, tornando-o aliado ao invés de vilão, a partir da promoção de seu uso seguro e saudável. A apropriação e a utilização nem sempre encontra eco entre os profissionais da educação, um dos fatores é a resistência que alguns destes possuem devido a falta de conhecimento e familiaridade com as mesmas.

Em Mato Grosso, ainda não foi aprovada uma lei que alcance todo o estado, conforme foi observado no estado do Rio de Janeiro. O que existe são propostas. Em notícia veiculada no site oficial da Assembleia Legislativa mato-grossense no ano de 2012, o deputado José Domingos Fraga propõem a proibição do uso de aparelhos eletrônicos portáteis nas salas de aula dos estabelecimentos de ensino das redes pública e privada, salas de bibliotecas e outros espaços. Ainda visa assegurar a essência do ambiente escolar e demais espaços de estudo, onde a atenção do aluno deve estar 100% direcionada ao aprendizado, sem que nada possa competir ou desviar-los desse objetivo. De acordo com o deputado, o uso e manuseio de aparelhos eletrônicos, sobretudo celulares no ambiente escolar compromete o desenvolvimento e a concentração do aluno.

Desse modo, é possível perceber a existência de alguns projetos de lei que tentem dirimir estas questões e que esta seja uma preocupação pontual, a exemplo da capital Cuiabá e a cidade de Lucas do Rio Verde.

Em Cuiabá, a preocupação do projeto de lei apresentado pelos vereadores Éverton Pop (PP), Francisco Vuolo (PR), Néviton Fagundes (PRTB) e Domingos Sávio (PMDB), é fazer com que a atenção do aluno fique integralmente voltada aos estudos e que nada possa desviar a atenção. Dentre os argumentos para a apresentação do mesmo estão reclamações de professores que se queixam da dificuldade em realizar seu trabalho, devido a constante troca de “torpedos” e mensagens entre alunos em sala de aula e ainda no fato de que alguns estudantes utilizam-se do celular para colar nas provas.

Lucas do Rio Verde, município localizado no médio norte do estado de Mato Grosso e 350 Km distante da capital, também possui um Projeto de Lei apresentado pelos vereadores Fernando Pael e Cleusa Marchesan De Marco, ambos do PT. Segundo os autores o uso de aparelhos eletrônicos, especialmente o celular, compromete o desenvolvimento e a concentração dos alunos que frequentemente direcionam atenção ao manuseio destes aparelhos, daí a necessidade de proibição. A proposta visa assegurar a essência do ambiente escolar, onde a atenção do aluno deve estar totalmente voltada aos estudos, na fixação dos conteúdos passados pelos professores.

Entre os argumentos mais recorrentes entre os educadores para abolir a presença e o uso/manuseio de aparelhos celulares no espaço escolar estão: os de que os alunos terão menos desvios de atenção, mais foco, melhor raciocínio e os professores não terão suas aulas atrapalhadas em função de um aparelho de uso cada vez mais inadequado em certas ocasiões.

Os posicionamentos acima expostos, embora venham de diferentes lugares, e (em alguns casos) sejam contrários um ao outro, demonstram a preocupação que os aparelhos celulares causam em relação ao espaço escolar. Seu uso ainda não possui consenso e divide opiniões.

Na cidade de Cáceres, município localizado a 234 km da capital, não encontram-se (por enquanto) propostas de lei a exemplo dos municípios citados anteriormente. Desse modo, o uso de aparelhos celulares por alguns alunos em algumas escolas públicas em Cáceres requer a elaboração de estratégias pra driblar a vigilância permanente de professores e funcionários, a partir da adoção de algumas regras. Seu uso é restrito e foram percebidos alguns ‘cuidados’ sobre isso. O regimento interno escolar e os acordos e combinados em sala de aula (ocorrido entre professores e alunos) tentam dirimir a questão, visando otimizar as aulas.

Realizaram-se algumas entrevistas informais com alguns alunos e alunas de algumas escolas do município, com a finalidade de perceber de que forma estes fazem uso de seus aparelhos no espaço escolar. Foram selecionados a partir do critério de disponibilidade

de e azeite, dois (02) meninos e duas (02) meninas entre 12 e 16 anos, de escolas públicas localizadas em diferentes pontos da cidade. Com a finalidade de preservá-los, optou-se pela substituição de seus nomes, bem como, da não divulgação do nome da escola na qual os mesmos estão matriculados. Os encontros foram realizados no período das férias de inverno, ocorrida no mês de julho e fora do ambiente escolar.

Além das entrevistas foram realizadas visitas a sites de relacionamento, cujos perfis são públicos e, portanto estão acessíveis aos que navegam pelo ciberespaço, com a finalidade de visualizar de que forma aparelhos celulares podem ser utilizados e também de que modo os mesmos contribuem nas postagens do material, leia-se imagens, no ambiente virtual.

Desse modo, de acordo com Fragoso,

Desde o estabelecimento da internet como meio de comunicação e da constituição de grupos sociais possibilitados pelas facilidades da comunicação em rede, alguns pesquisadores perceberam que as técnicas de pesquisa etnográficas também poderiam ser utilizadas para o estudo das culturas e das comunidades agregadas via internet, fossem elas derivadas de grupos sociais constituídos no offline e que, nesse momento, migram e/ou transitam entre esses espaços ou mesmo formações sociais compostas apenas por relações online. (FRAGOSO, 2011 p. 170)



Figura: Home Page de site de relacionamentos. Fonte: www.facebook.com.br

A figura acima está na página inicial de um site de relacionamentos muito popular e utiliza imagens de aparelhos celulares, sugerindo que seu uso seja interessante na medida em que servirá, para “dar vida” as conversas entre seus usuários, dentre outras facilidades e comodidades. A busca por aparelhos que contenham aplicativos que permitam a realização destas tarefas são comuns entre os adolescentes que se preocupam em acompanhar as novidades do mercado.

O diálogo enquanto procedimento permitiu que os alunos discorressem livremente sobre suas percepções sobre o uso de seus aparelhos celulares dentro da escola e da sala de aula. Isso permitiu que os mesmos pudessem relatar pontos de sua vivência em seu

cotidiano escolar. Os mesmos foram comunicados sobre a motivação acadêmica de tal abordagem bem como de sua finalidade e utilização na confecção de um texto final de conclusão de disciplina ofertada no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso.

Também foram utilizadas pesquisas na internet para coleta de dados que poderiam ser úteis para composição do texto, através da netnografia e bibliografias pertinentes relacionadas ao tema aqui proposto. Foram visitadas algumas páginas que abrigam sites de relacionamento, sobretudo aqueles que possuem grande popularidade entre os adolescentes.

A realização de uma etnografia virtual ou netnografia possibilitou uma observação mais próxima do mundo abordado pelos informantes.

A etnografia encarna a percepção mais convincente para a indagação e a compreensão das interações e inter-relações sociais geradas na Internet, como resposta à intermediação tecnológica, à pluralidade de paradigmas metodológicos, assim como a diversidade e a complexidade das matrizes etnográficas que se apresentam nas “vivências na rede”, que é, em síntese, seu objeto de estudo. (GEBERA, 2008 apud FRAGOSO, 2011, P.171).

A questão da ética em ambientes virtuais, tem sido uma outra preocupação para aqueles que utilizam a rede internet como ferramenta para pesquisas. Sobre isso Santaella (2010, p.318) aponta que “os espaços digitais são novos espaços sociais com características próprias. A princípio, os usuários podem utilizar-se das redes, sem regras específicas [...]” Nesse sentido, a inexistência de um padrão universal permite que cada usuário siga suas próprias regras de acordo com sua educação, seu padrão de costumes e sua cultura.

3 Corpos e(m) celulares

Entre os cobiçados modelos exibidos e o corpo vivo – corpo sujeito a fadiga, ao suor, ao cheiro, aos entreveros do cotidiano, à dor, aos circuitos incompreensíveis das pulsações, aos solavancos das paixões e à opacidade do desejo – abre-se um fosso do qual emerge o corpo como sintoma da cultura. (SANTAELLA, 2004)

De que forma adolescentes manuseiam seus celulares dentro do espaço escolar e quais são os usos que fazem das imagens capturadas de seus e de outros corpos? Estas são perguntas difíceis de se responder, sobretudo, em apenas um texto ensaio sobre o assunto, com o perigo de surgir uma análise superficial. A ideia aqui é apenas esboçar algumas considerações e exemplificar como corpos e celulares são percebidos por alunos dentro da escola

sem esquecer que esta encontra-se inserida em uma sociedade cada vez mais volátil ou conforme Giddens, nas chamadas de “sociedade de informação” ou “sociedade de consumo.”

Sobre o corpo, é possível pensar que o mesmo seja e constitua-se em um,

Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo é a primeira forma de visibilidade humana. O sentido agudo de sua presença invade lugares, exige compreensão, determina funcionamentos sociais, cria disciplinamentos e desperta inúmeros interesses de diversas áreas do conhecimento. (SOARES, 2006, p. 01)

Atualmente, um desfile de corpos, de crianças, jovens e adultos são veiculados em redes sociais, TV, revistas e nos mais diversos tipos de mídias, obedecendo aos padrões estéticos e aceitáveis na sociedade, cada vez mais rigorosa quanto ao que deve ou não deve ser considerado oportuno. Nesse sentido, Santaella (2004, p.126) esclarece que “nas mídias, aquilo que dá suporte às ilusões do eu são, sobretudo, as imagens do corpo, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido [...]” A autora prossegue ao elucidar que,

São, de fato, as representações nas mídias e publicidade que tem o mais profundo efeito sobre as experiências do corpo. São elas que nos levam a imaginar, a diagramar, a fantasiar determinadas existências corporais, nas formas de sonhar e de desejar que propõem. As imagens do corpo, sua boa forma surgem assim como uma espécie de economia psíquica da auto-estima e de reforço do poder pessoal. (SANTAELLA, 2004 p. 126)

Esta constatação alcança os mais variados territórios e indivíduos. Na sociedade atual é perceptível que “[...] no lugar do eu, proliferam agora novas imagens de subjetividade” Santaella (2004, p.123) Quais seriam as estratégias utilizadas pelos alunos para burlar os mecanismos de vigilância dentro da escola?

Informante A, esclareceu que muitas vezes deixa seu aparelho ligado, mas sempre no modo silencioso e dentro da bolsa ou mochila, para que não chame a atenção ou cause transtornos entre professores e alunos.

Durante os intervalos para o lanche e para o recreio é possível que a mesma verifique se houve alguma chamada, caso considere importante ou urgente a mesma tenta retornar a ligação durante esses minutos fora da sala de aula. Ela ainda explicou que as vezes usa o aparelho para fotografar a si mesma ou junto com suas amigas, se a imagem não agradar pode-se apagar e tentar novamente, para somente depois decidir se a mesma será ou não postada em redes sociais.

Esta prática também foi verificada no depoimento dos Informantes B e C, que acrescentaram que geralmente o local escolhido dentro da escola é o banheiro ou lugares mais discretos onde possam não despertar tanta atenção, outra prática é o registro de atividades desenvolvidas por suas e outras turmas e que são apresentadas ao coletivo escolar.

Santaella esclarece que,

[...] a fotografia trouxe consigo não apenas a possibilidade de contemplação estética do corpo em todos os seus ângulos, mas também, sobretudo, a reprodutibilidade das imagens do corpo. É a multiplicidade de superfícies, aparências e faces do corpo que o fotográfico propicia. (SANTAELLA 2004, p.123)

A preocupação em ‘estar bem na foto’, advém do bombardeio que a publicidade veicula nas TVs e também dos demais veículos de informação. O público adolescente não está imune aos apelos do mercado. Desse modo, exhibir-se é necessário, mas é também imprescindível tomar alguns cuidados, pois é preciso que tudo esteja o mais perfeito possível. Desde cedo – e ainda que inconscientemente - já existe a preocupação em relação aos padrões de beleza impostos pela sociedade e pelo “mercado de produção de corpos” Santaella (2004, p.129) e isso passa a ser imperiosamente obedecido.

Nos adolescentes, a busca pelo ideal narcísico de beleza, possui os mais diversos efeitos, podendo desencadear também problemas de saúde, como depressão e em casos mais extremos, o suicídio. “Fica difícil abdicar da retórica da beleza e da estética funcional que se refletem na disciplina feroz a que o corpo é submetido”. Santaella (2004, p.130)

Quando se perguntou sobre a utilização dessas imagens, estes alunos revelaram que na maioria das vezes compartilham as imagens com amigos em seus respectivos aparelhos ou via comunidades virtuais nas quais o acesso ao material nem sempre fica restrito apenas aos ‘amigos’ e os mesmos reconhecem os perigos que rondam tais práticas, mas demonstram resignação ao correr o risco.

Ainda segundo a autora, “Um dos maiores desejos do ser humano, em especial dos jovens pertencentes a geração digital, é comunicar-se, estar presente, expor-se, opinar, afirmar-se, participar, provar que existe, dar testemunho do que sente, como pensa e avalia”. Santaella (2011, p.312)

O Informante C explicou que muitas vezes alguns de seus colegas utilizam os seus celulares para fins nem tão inocentes, ou seja, para colar ou passar cola em dias de prova, para filmar ou fotografar situações inusitadas, ou ainda brigas e discussões entre alunos ou entre estes e os seus professores. Estas situações podem ou não ocorrer dentro da escola. Assim deve-se considerar que, conforme Silva (2008, p.326) “Algumas dessas praticas interferem e modificam a dinâmica de momentos ritualizados como, por exemplo, a aula.” Estas interferências tem marcado as queixas dos professores em relação ao uso/abuso de celulares no espaço da sala de aula.

É possível observar em alguns noticiários de TV, as manchetes que trazem imagens de brigas que ocorrem entre alunos, meninos ou meninas, no entorno ou mesmo dentro da própria escola, ou ainda é possível recorrer a sites nos quais os vídeos podem

ser vistos e até mesmos baixados e salvos em computadores, para futuras visualizações, explicitando a violência a que muitas vezes são submetidos.

O alcance destas ações deve-se em grande parte pelo fato de que “nos ambientes digitais, tudo é líquido, isto é, ambientes em que os espaços não se fixam, pois estão constantemente prontos e propensos a mudanças” de acordo com Santaella (2010, p.319). A autora ainda continua ao mencionar que o acesso a este tipo de material “afetam não apenas o próprio ambiente, mas também o agenciador, sua mente, sua psique, sua percepção, suas ações, sua emoção [...]”.

Desfilar aparelhos ‘na moda’, ‘descolados’ ou ‘legais’ com aplicativos diversos e acessórios, como capas ou proteção de tela, pode também proporcionar certa dose de popularidade ao seu proprietário. Segundo Silva (2008, p.324) “[...] o reconhecimento do celular como um acessório de moda relevante para a apresentação dos indivíduos [...]” O uso de aparelhos personalizados é cada vez mais comum entre os jovens que tentam lhes conferir certa personalidade, seja na escolha do play list de seu arquivo de música ou até mesmo nas capas de proteção em caso de quedas. Entre os alunos existe a prática da troca de aparelho e que é parte da preocupação dos mesmos, que sonham com a última novidade do mercado e envergonham-se ao expor algum modelo considerado pela maioria de seus colegas como antigo ou ultrapassado.

4 Considerações adicionais

Finalmente, é possível pensar que na direção contrária aos dilemas enfrentados pela escola que oferta o ensino fundamental e médio, na educação a distancia alguns desses dilemas estão cada vez mais sendo superados, através de estratégias que permitem com que seus alunos, utilizem as novas tecnologias cada vez mais enquanto ferramentas.

Um dos maiores avanços está, conforme Possari (2009, p.66) relacionada “a não imprescindibilidade da presença (no ato comunicativo)”. O uso de uma metodologia própria e característica da educação a distancia se vale do (bom e frutífero) uso de mídias móveis, bem como tem apresentado bons resultados. Dessa forma, a comunicação entre professores e alunos possui dentre outras formas a utilização de diversos recursos midiáticos, dentre eles os emails. Conforme a autora, o mesmo,

Constitui-se numa das formas legítimas da interação: envia-se um e-mail a um interlocutor determinado (...) quando um e-mail é enviado por um emissor para um interlocutor coletivo, o que vai determinar a adequação da linguagem, da abordagem, será uma imagem única, coletiva, delineada pelo emitente. (POSSARI 2009, p.68)

A escola pública ainda necessita abrir-se para as possibilidades cada vez maiores em relação as tecnologias presentes (mesmo que isso seja vetado ou proibido) em seu espaço, a exemplo da postura adotada na educação a distancia.

Do mesmo modo, deve-se pensar com seriedade e rever quais os reais motivos para que os usos e talvez até mesmo abusos de aparelhos celulares dentro do espaço escolar sejam motivo de dor de cabeça para muitos educadores ‘preocupados’ em manter a atenção e o foco de seus alunos em aulas muitas vezes chatas e desprovidas de metodologias dinâmicas e que envolvam sua clientela.

Cada dia mais ávidos por novidades, estes adolescentes não compreendem qual a razão para não poderem usar seus aparelhos e a necessidade castradora da escola em proibir sua presença e manuseio nas salas de aula. Assim estes, permanecem a mercê de influências positivas e negativas que o mundo virtual lhes oferece e sobre o qual pouca coisa se sabe ou se aborda pelos professores em sala de aula.

Compreender o ‘mundo’ em estes adolescentes vivem bem como a linguagem utilizada por estes, é fundamental para que a escola não fique a margem das transformações sociais e das quais ela não está imune e terá de se adaptar mais cedo ou mais tarde.

Referencias

FONSECA, A.G.M.F; ABONÍZIO, J. *Notas sobre o celular: Comunicação, Cultura e Contemporaneidade*. Vinheta, v.1, p.08-01-15, 2010

FRAGOSO, Sueli. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MACHADO, Irene. (org.) *Semiótica da cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2007.

SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo. Paulus, 2010

_____ *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

SILVA, Sandra Rubia. *Vivendo com celulares: identidades, corpos e sociabilidade nas culturas urbanas*. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João. *Culturas Juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008.

SOARES, Carmem Lúcia. (org.) *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados. 2006 3 ed. (coleção educação contemporânea)

POSSARI, Lucia Helena Vendrusculo. *Material Didático para a EaD: Processo de produção*. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2007. (Coleção: Cibercultura)

Webgráficas

USO de celulares em sala de aula nas escolas públicas está proibido. *ALERJ Notícias*, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/common/noticia_corpo.asp?num=25074>. Acesso em: 15 jul. 2013.

Unesco recomenda o uso de celulares como ferramenta de aprendizado. *Ultimo Segundo*, 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-03-03/unesco-recomenda-o-uso-de-celulares-como-ferramenta-de-aprendizado.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013

Policy Guidelines for mobile learning. Documento sobre o uso de celulares como ferramenta de aprendizado. *Unesco*, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002196/219641E.pdf>>. acesso em 15 de jul. 2013.

O uso do celular na escola. *Objetivo*, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.objetivocat.com.br/acontece/noticias/570-o-uso-do-celular-na-escola.html>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

Localização do município de Lucas do Rio Verde. Lucas do Rio Verde. *Prefeitura municipal*, 2013. Disponível em: <http://www.lucasdoriorverde.mt.gov.br/principal/Pag_Localizacao.php> Acesso em: 29 jul. 2013.

Uso de celulares em sala de aula será proibido em escolas de Lucas do Rio Verde. *Expresso MT*, Lucas do Rio Verde, 2013. Disponível em: <<http://www.expressomt.com.br/matogrosso/uso-de-celulares-em-salas-de-aula-sera-proibido-em-escolas-d-56033.html>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

Deputado quer proibir eletrônicos na sala de aula. *Assembleia Legislativa de Mato Grosso, Educação*, Cuiabá, 2012. Disponível em: <<http://www.al.mt.gov.br/TNX/conteudo.php?sid=275&cid=33849>>. Acesso em: 29 jul. 2013.



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

O cachorro santo e as éticas de proteção animal: uma reflexão a partir da semiótica da cultura

Eveline Teixeira Baptistella¹
Juliana Abonizio²

Resumo: O texto busca discutir, a partir do caso do cachorro santo Guinefort, alvo de adoração na Europa Medieval, como a semiótica da cultura pode operar nas relações entre homens e animais criando laços interespecieis e determinando comportamentos de respeito aos animais não-humanos que se concretizam na primeira realidade.

Palavras-chave: Estudos animais. Semiótica da cultura. São Guinefort.

1 Introdução

Os animais seguem sendo um mistério para o homem. Eles fazem parte do cotidiano, representam diversos papéis sociais mas seu status entre os humanos não é completamente definido. Conforme Singer (2010), alguns tornam-se ferramentas de pesquisa em laboratórios, como ratos, macacos e coelhos, enquanto outros são alimento produzido em unidades industriais. Há também os animais de companhia e aqueles que servem para atividades que alguns definem como recreativas, entre as quais exposições em zoológicos, rodeios, caça, pesca esportiva e corridas. Assim, para alguns, os animais não passam de objetos. Já para outros tem o mesmo valor emocional de um parente, são quase membros da família.

No entanto, geralmente, os animais são vistos por humanos como seres inferiores. Esta avaliação deriva, sobretudo, do fato de sabermos muito pouco sobre seus estados de consciência. Descobrir como os animais pensam, se comunicam, seus valores morais e atestar sua capacidade cognitiva e emocional tem sido um dos grandes desafios da ciência. Inclusive, estas descobertas podem abalar toda a organização social tal como a conhecemos.

Em julho de 2012, por exemplo, um grupo internacional de neurocientistas, neurofarmacologistas, neurofisiologistas, neuroanatomistas e neurocientistas computacionais assinou um documento chamado “Declaração de Cambridge sobre a Consciência em Animais Humanos e Não Humanos”. No documento, eles buscam atestar a existência de consciência em animais:

¹ Mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: evelinetex@gmail.com

² Docente do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea- ECCO- da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: abonizio.juliana@gmail.com

A ausência de um neocórtex não parece impedir que um organismo experimente estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos têm os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados de consciência juntamente como a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são os únicos a possuir os substratos neurológicos que geram a consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e as aves, e muitas outras criaturas, incluindo polvos, também possuem esses substratos neurológicos. (LOW, 2012, p.1)

É possível ir além. O primatologista e etologista Franz de Waal estuda os aspectos morais dos animais. Suas pesquisas demonstram a existência de código moral entre os bichos. Segundo de Waal³, além de empatia e senso de justiça, grandes mamíferos apresentam reciprocidade e tendência a consolar e a socializar.

Os estudos de etologia cognitiva também trazem avanços. “...está ficando claro que muitos comportamentos morais se originam nos centros emocionais do cérebro – uma arquitetura neural que os seres humanos compartilham com outros animais” (BEKOFF, 2010, p. 122). A comprovação científica das capacidades dos animais, no entanto, não são a única prova de eles são mais próximos dos humanos do que se pode imaginar. Para muitas pessoas, a simples convivência com um animal desperta o sentimento de que eles são dotados de inteligência, sentimentos e até mesmo sabedoria. O próprio Bekoff (2010) corrobora essa visão. “Conviver com um cão é um conhecimento em primeira mão de que os animais têm sentimentos” (BEKOFF, 2010, p. 20).

A partir da convivência estreita entre homens e animais surgem também questionamentos que ultrapassam a fronteira das espécies. A crença na existência do espírito e na vida após a morte passa a ser válida também para os bichos. Dentro desse panorama, propomos refletir sobre a relação entre animais humanos e não humanos, tendo como ponto de partida uma tradição medieval - a adoração a São Guinefort, o cachorro santo - com base na semiótica da cultura de Ivan Bystrina e numa pesquisa de abordagem qualitativa, a partir da análise da história do animal que se torna santo e de outras tradições culturais que concedem alma aos não-humanos.

2 Desenvolvimento

2.1 A segunda realidade e o status cultural dos animais

Estudos de neurocientistas, etologistas e biólogos buscam confirmar o caráter concreto da inteligência animal. Ou seja, dar status de verdade às considerações sobre as capa-

³ Palestra “Franz de Wall: moral behavior in animals”, proferida por Franz de Waal, no evento TEDxPea-
chtree, em novembro de 2011.

idades cognitivas dos bichos. Essa é uma busca alinhada com a concepção moderna que separa razão e emoção. “Em suma, as questões acerca de valores são questões subjetivas e podem ser consideradas como meras questões de preferências individuais” (MARICONDA, 2006). Já o fato carrega consigo o selo da comprovação científica, de uma certeza.

Um fato pode ser determinado como verdadeiro ou falso por um método autônomo suficiente, método que se assenta fundamentalmente naquilo que é dado aos humanos pela própria natureza (ou que é inerente a sua própria natureza humana) e que constitui a sua razão natural, ou seja, os sentidos, o intelecto e a linguagem (a capacidade linguística de comunicação). (MARICONDA, 2006, p. 454)

No entanto, esta não é a única esfera em que opera o pensamento humano. Bystrina afirma que existem duas realidades. A primeira realidade, que está no âmbito das “amarras da realidade físico-biológica” (BAITELLO JR. 1999, p. 26), e a segunda realidade, na qual outros elementos são preponderantes.

Trata-se do universo da cultura, transpondo as fronteiras do meramente pragmático da organização social, e criando limites maiores e mais etéreos para a existência, abrindo espaço para o imaginário, para a fantasia, para as lendas e histórias, para as invenções mirabolantes, para a ficção. Um universo onde as dificuldades intransponíveis da vida biofísica e da vida social são superadas, justificadas ou explicadas por sistemas simbólicos. Trata-se de um universo comunicativo por excelência, que se mantém vivo graças à transmissão social de um enorme *corpus* de informações acumuladas, não na memória genética da espécie, mas na memória da sociedade. (BAITELLO JR., 1999, p. 40)

Segundo Baitello Jr. (1999), Bystrina afirma que o homem encontra a segunda realidade no sonho, no jogo, no transe ou nos distúrbios psicológicos, ferramentas de superação de limites físicos e sociais. Essas informações se organizam na forma signos e textos.

Uma vez que a segunda realidade possui um caráter sógnico, ela se ordena como linguagem e obedece a certos princípios e regras. Ao conjunto de regras de funcionamento de uma determinada linguagem dá-se o nome de código. (BAITELLO JR., 1999, p. 29.)

Esses códigos tem três níveis. O primeiro, chamado primário ou hipolingual, é orgânico e está ligado aos processos de manutenção da vida, como trocas celulares e sinapses elétricas entre as células nervosas. No segundo nível, vem as línguas naturais, que recebem o nome de códigos linguais ou secundários. Por meio delas, é feita a comunicação entre indivíduos. Por fim, existem os códigos terciários ou hiperlinguais, onde é criada a segunda realidade. Nessa esfera, o homem supera em nível simbólico os obstáculos que não pode resolver, como a morte, as doenças e os eventos climáticos extremos.

2.2 A teoria da alma animal

A perda de um animal querido geralmente é acompanhada de muita dor. Carrasco (2008) narra seu comportamento ao deixar a clínica veterinária após a morte do seu cachorro Uno:

Nem sei como consegui dirigir para casa. Entrei, e tudo estava tremendamente solitário. Atirei-me sobre minha cama e chorei, chorei sem parar como estou chorando agora ao escrever estas linhas, porque a dor nunca acaba, só fica amortecida e toda vez que penso no meu cachorro sinto uma imensa saudade. (CARRASCO, 2008, p. 187)

Numa situação como essa, uma estratégia de superação simbólica, no âmbito da segunda realidade, seria acreditar que o cachorro tem uma alma e que sua existência prossegue em outro plano, o espiritual.

Assim, para superar uma realidade traumática ou desafiadora o homem cria textos culturais. Segundo Bystrina (1990), isso acontece desde os primórdios da humanidade.

Na minha opinião, certas estruturas fundamentais do pensamento (estruturas sócio-culturais, estruturas comportamentais) que hoje constituem textos culturais, já ocorriam, sem dúvida, no período pré-humano da história. Refiro-me aqui aos textos nascidos das atividades do sonho e do jogo. (BYSTRINA, 1990, p.1)

É possível pensar então que estes textos estariam nas estruturas universais invariáveis em todas as culturas. No Egito antigo, diversos animais eram considerados sagrados. “A deusa Bastet era personificada por um gato e cães já foram encontrados sepultados junto com humanos em ‘posições que sugerem afetividade’” (AMARO; CUSTÓDIO, 2011). Bystrina (1990) cita mais um exemplo, no qual registra que a noção de almas em animais pode ser encontrada mesmo em sociedades primitivas:

Para os aborígenes australianos, a força ou o poder criativo do sonho é reconhecido como algo tão determinante e tão forte que eles atribuem aos sonhos o papel de demiurgo. Para eles, os sonhos explicam a criação do mundo, época em que surgiram todos os seres. (...) os primeiros seres sonharam os animais e as plantas. Essas imagens líricas de animais e plantas foram pintadas nas cavernas, nas rochas e receberam – por assim dizer – almas. A partir de então, as imagens pintadas, providas de almas, acabaram se recebendo corpo e se difundindo sobre o mundo. (BYSTRINA, 1990, p. 2)



Imagem 1 – Imagem reproduzida da rede social Facebook mostra um reencontro cultivado na segunda realidade: ao morrer, o tutor é recebido pelo seu animal de estimação no céu.

Segundo Thomas (2010), a noção cartesiana de que os animais seriam meros autômatos, incapazes de pensar e até mesmo sentir dor, embasou um tipo de relação que justifica a crueldade contra os animais. Durante um grande período da era moderna, houve um movimento intenso de separação entre homem e natureza. Vários critérios eram utilizados para colocar o ser humano numa posição diferenciada das outras formas de vida. “Ao contrário dos animais, o homem dispunha de consciência e instintos religioso. Contava também com uma alma imortal, ao passo que os bichos pereciam sem serem capazes de uma outra vida” (THOMAS, 2010, p.43). Tais visões tinham um caráter importante: eliminavam o sentimento de culpa em relação aos maus tratos que os animais sofriam e justificavam a exploração dos mesmos.

Paralelamente, no entanto, novas sensibilidades foram surgindo ao longo do período moderno. Inclusive, a primeira sociedade protetora dos animais foi fundada em 1824, na Inglaterra. Mas muito antes disso, como veremos adiante, laços de afeto marcavam a relação entre homens e animais.

Essa convivência faz com que muitos passem a acreditar que os animais também tem alma. Uma imagem popular na rede social Facebook (imagem 1) mostra o reencontro entre o tutor e seu animal de estimação no céu. Existe no Brasil uma revista on line chamada Alma Animal, a publicação se destina a discutir a posição espiritual dos bichos. Segundo Vieira (2011), em artigo para a revista, a resposta à pergunta “os animais não-humanos tem alma?” é:

Sim. Pelo menos é isto que a maioria das religiões relata – mesmo aquelas que parecem não ter nada a declarar, se você estiver disposto a procurar, certamente encontrará citações e até mesmo explicações para a

existência da alma, não apenas para o homem mas para todos os outros animais. (VIEIRA, 2011, p. 19)

Entre os exemplos compilados no artigo está uma declaração do Papa João Paulo II, considerando que “...os animais estão tão próximos de Deus como estão os homens” e afirmando que eles tem almas.

A doutrina espírita também concede aos animais uma existência além da primeira realidade, no entanto sempre considerando os não-humanos inferiores. Esta denominação espiritual acredita na reencarnação e na evolução do espírito. Ou seja, as criaturas morrem e renascem em variados corpos até atingirem a perfeição espiritual.

O Livro dos Espíritos (1999), obra básica do espiritismo, afirma que os animais contém o chamado princípio inteligente, algo que ainda não é uma alma, mas um elemento que estagia na natureza e vai evoluindo sempre. No entanto, não é claro aos seres humanos nem aos espíritos que habitam a Terra o momento em que esse princípio evolui ao ponto de tornar-se esse espírito capaz de renascer num corpo humano.

Na dinâmica do Livro dos Espíritos, Allan Kardec faz perguntas e os espíritos respondem:

Se os animais tem uma inteligência que lhe dá uma certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria?

- Sim, e que sobrevive ao corpo.

Esse princípio é uma alma semelhante à do homem?

- É também uma alma, se quiserdes, depende do sentido que se dá a essa palavra; mas é inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem tanta distância quanto há entre a alma do homem e Deus.

(...) pode-se considerar que a alma teria sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

- Não dissemos que tudo se encadeia na natureza e tende à unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, individualiza-se pouco a pouco e ensaia para a vida, como já dissemos. É de algum modo, um trabalho preparatório, como a germinação, em que o princípio inteligente sofre uma transformação e torna-se Espírito. É então que começa o período da humanização(...). (KARDEC, 1999, p. 221 – 223)

A existência de uma vida após a morte nunca foi comprovada cientificamente. Como fenômeno da primeira realidade, ela não existe. Mas acreditar na vida espiritual, inclusive na vida espiritual dos animais, é um traço de diversas culturas.

2.3 O cachorro santo

Assim, vamos encontrar nos arquivos do inquisidor Étienne de Bourbon, datados de 1262, a história do cachorro santo: São Guinefort (imagem 2), um cão da raça

greyhound a quem foram atribuídos poderes divinos de cura de crianças. Segundo Hobbgood-Oster (2007), “...as histórias do seu martírio heroico e das curas que aconteceram no seu santuário influenciaram gerações de crentes no sul da França” (HOBGOOD-OSTER, 2007, p.196)⁴.

A história registra que o cachorro Guinefort foi deixado em casa sozinho com um bebê. Quando o pai retornou ao lar encontrou sangue cobrindo o berço e o chão do quarto. O animal estava sentado perto do móvel, com a boca manchada de vermelho. Diante da cena, ele atirou uma flecha no coração do cachorro, que morreu imediatamente. Ao verificar o berço, no entanto, descobriu que o filho estava vivo. O sangue era de uma cobra, que foi encontrada morta debaixo do berço. O cachorro, na verdade, salvou a vida da criança.

O local onde o animal inocente teria sido enterrado se transformou num santuário em Lyon:

Nesse local, as pessoas começaram a prestar cultos, levando flores, plantando árvores e indo rezar pela sua “benigna” alma, pois o viram como um ser “especial” que logo se tornou um ser sacrossanto, o qual os camponeses franceses começaram a prestar tributos para que esse pudesse intervir em suas dificuldades, principalmente se tratando das atribulações vivenciadas por crianças. (ATANÁSIO, 2010, p. 351)



Imagem 2 – Representação de São Guinefort

No relato de Étienne de Bourbon, as mulheres confessavam levar seus filhos doentes ao local em busca de cura. Elas acreditavam que o espírito do animal, que morreu protegendo um bebê, ajudaria a recuperar as crianças e as protegeria dos problemas de

⁴ Tradução livre das autoras. "The stories of his heroic martyrdom and of the healing that took place at his shrine influenced generations of believers in southern France".

toda ordem. O inquisidor considerou a prática herética e acabou oficialmente com o culto ao animal. No entanto, “...os registros variam, mas alguns indicam que as crianças doentes eram levadas ao santuário do cachorro pelo menos até o século XIX” (HOBGOOD-OSTER, 2007, p.196). Atanásio (2010) diz que a prática foi além e podia ser encontrada até a década de 40 do século passado.

2.4 Os animais e a segunda realidade

Na opinião de Bystrina (1995), a consciência da morte é exclusiva dos seres humanos. Essa percepção constitui uma ameaça permanente e uma tortura. Não é possível escapar da morte por uma via física. Medicamentos, tratamentos e estilo de vida podem adiar o fim da existência. Nunca impedi-lo. “A técnica que pode fazer a vida mais agradável ou mais segura consegue apenas prolongar a própria vida, enquanto a morte desafia, sem tréguas, a consciência” (BYSTRINA, 1995, p. 3).

Para se reconciliar com a morte, o homem usa a segunda realidade, um espaço onde é possível acreditar numa existência além dos limites impostos pela biologia. “A cultura surge como uma segunda realidade já inscrita na primeira (física). Surge de forma operativa para resolver impasses e problemas incontornáveis decorrentes da natureza do mundo físico” (BYSTRINA, 1995, p. 3).

Guinefort foi considerado um cão valoroso, mas só depois de morrer. Salvou a vida do filho do seu dono, mas não teve a oportunidade de se defender e explicar que havia matado uma cobra. Foi alvejado por uma flecha e perdeu a vida. O dono, ao constatar seu erro, já não poderia fazer mais nada. Para a morte, não há volta.

Guinefort, o cachorro santo, foi morto como um mártir.

O mártir, ou testemunha, era e é elevado como o mais fiel de todos os cristãos. Seguindo o exemplo dado por Jesus, os mártires reivindicam um segundo e último batismo pelo sangue. (HOBGOOD-OSTER, 2007, p.195)⁵

Nem todos os pedidos de perdão ou o arrependimento do dono poderiam trazer Guinefort de volta. Não há negociação com a morte. Assim, Guinefort ressuscita na segunda realidade e é aclamado pelo povo como santo. Esse texto cultural, mesmo reprimido pela Inquisição, continua sendo transmitido pelas pessoas, que acreditam nos poderes que emanam da alma do cachorro cruelmente assassinado.

Aquelas estruturas fundamentais do pensamento citadas por Bystrina (1990), conforme mostrado na página 6, se organizam num novo texto cultural em que a morte do

⁵ Tradução livre da autora. "The martyr, or witness, was and is elevated as the most faithful of all Christians. Following the example set by Jesus, martyrs claimed a second and ultimate baptism in blood".

animal se encaixa numa estrutura de sonho que permite redimir não somente o seu dono, mas uma sociedade que condena inocentes sem direito à defesa. Guinefort torna-se santo protetor das crianças e, implicitamente, perdoa seu algoz, pois todos sabem que santos não guardam rancor. Sendo esta última característica um elemento sógnico anterior, comum a todos os santos.

Sobre essa estrutura anterior que contribui para a formação dos textos culturais Bystrina (1995) versa ao falar, por exemplo sobre a influência do xamanismo na construção do mito de Jesus. Entre alguns elementos comuns à prática xamânica e o registro existente da história de Jesus estão os rituais de iniciação que permitem a percepção extra-sensorial e o êxtase. A presença de animais como mensageiros também. Nas tradições xamânicas “...a águia desempenha um papel múltiplo: ela é portadora da cultura, protetora e guia dos xamãs. Ela atua como doadora de força vital, como símbolo de poder sagrado e de iniciação” (BYSTRINA, 1995, p. 2).

Já na Bíblia é a pomba que surge com este mesmo caráter – sendo inclusive a ave mais citada no livro sagrado. Bystrina (1995) lembra que ela simboliza a mediação entre o céu e a Terra e que é a portadora do Espírito Santo.

No Antigo Testamento, frequentemente as pessoas são tomadas pelo Espírito Santo tornando-se capazes de feitos extraordinários. Isso significa um crescimento muito grande da força vital destas pessoas. (BYSTRINA, 1995, p. 3)

Dessa maneira, a história de Guinefort, cujas origens não se tem certeza absoluta de estarem na primeira realidade, vai se reproduzindo ao longo do tempo – ao ponto de encontrarmos variáveis na cultura oral de Poconé, cidade no interior de Mato Grosso.⁶

Para além do exemplo de Guinefort, há diversas culturas nas quais os animais tem status diferenciado. Depois do século VI a. C. a maioria dos hindus, budistas e jainistas sentiu de fato que as pessoas não deviam comer animais: fosse, como se costuma afirmar, pela possibilidade virem a renascer como animais, mas ainda mais por temer a retaliação dos animais no outro mundo. (DONINGER, 1999, p. 112)

Segundo Zimmer (1986), a cultura jainista é tão extrema em sua pregação de respeito à vida que seus seguidores precisam usar máscaras sobre o rosto para, ao respirar, não agredirem micro-organismos nem as próprias moléculas que compõe o ar.

Desta forma, a não-violência (ahimsã) é levada à suas últimas consequências. (...) Por exemplo, não podem beber água depois que o dia escureceu, pois algum inseto pode ser engolido. Não devem comer carne de

⁶ Conforme relato oral feito às autoras.

espécie alguma, nem matar os insetos voadores que tanto incomodam. Na verdade, obtêm-se méritos ao permitir que estes bichinhos pousem e piquem. (ZIMMER, 1986, p. 198)

A relação que estes homens e mulheres desenvolvem com os animais é totalmente ancorada na segunda realidade. Estas pessoas, conforme Doninger (1999), acreditam que os animais maltratados se vingam na vida após a morte. Há também denominações que acreditam que aquele que fere um animal reencarna como bicho na próxima vida e passará pelas mesmas provações.

Essas crenças, advindas da segunda realidade, ou seja, pelo código terciário, são disseminadas por meio do código secundário, a linguagem, e acabam influenciando o nível hipolinguístico, uma vez que afetam a realidade física.



Imagem 3 – Hanuman, o deus macaco indiano.

Na Índia, os macacos Rhesus são considerados como descendentes do deus Hanuman (imagem 3), que é representado simbolicamente pela figura de um homem com rosto que tem traços simiescos. Estes animais não podem ser importunados de maneira

nenhuma, pois tem laços com os deuses. Essa adoração se tornou um problema público na cidade indiana de Jaipur, conforme mostra a série de programas *Macacos Ladrões*⁷, exibida pelo canal National Geographic.

Os macacos começaram a deixar os templos em que viviam e agora invadem o espaço urbano. Os animais se acostumaram a roubar o que lhes interessa, invadem casas, perturbam o cotidiano e alguns encontram um fim triste, eletrocutados acidentalmente ao se aventurarem nos fios da rede elétrica. O código linguístico que proíbe os maus tratos a estes animais acabam por afetar a vida urbana, já que os animais causam prejuízos a comerciantes e moradores da cidade.

Uma alternativa encontrada pela população é a figura do caçador de macacos, um homem que captura os animais e os solta em regiões de floresta. É uma solução temporária mas que não inflige danos aos animais. Com isso, também não ameaça o futuro humano na segunda realidade, já que os homens não estão cometendo um crime que terá que ser pago no plano espiritual ou na próxima encarnação.

3 Considerações adicionais

A partir da década de 70, com a criação do grupo de Oxford, um conjunto de filósofos que se uniu para estudar o status moral dos animais na nossa sociedade, a discussão sobre os direitos dos animais tomou um novo rumo. Foi iniciado um questionamento sobre os motivos pelos quais os bichos ficavam fora do alcance da ética humana. “Porque é errado matar animais humanos, mas não animais não-humanos?” (Chuahy, 2009, p.17).

As instâncias de proteção aos animais se fundamentam hoje, prioritariamente, na ciência. Mesmo que se saiba - previamente e simplesmente pela experiência comum - que um animal sente dor, os movimentos de direitos animais se utilizam amplamente de estudos científicos comprobatórios para justificar a adoção de novas atitudes para com os animais. A mera vivência cotidiana não é suficiente para garantir que eles recebam atenção e dispositivos legais de proteção.

A Declaração de Cambridge, apresentada no quarto parágrafo da página 2, é um caso concreto. De antemão é possível saber que um animal sente dor pela mera convivência com ele. Um cachorro com a pata machucada foge das mãos do tutor na hora de trocar o curativo, por exemplo. Mesmo assim, quando se trata de bichos é preciso da comprovação científica para que esse exemplo tenha o status de fato, ou seja, certeza.

Filósofos com Peter Singer e etologistas com Franz De Waal e Mark Bekoff trabalham na busca construir um espaço moral e ético no qual caibam os animais não-humanos.

⁷ Disponível em: <<http://natgeotv.com/pt/macacos-ladroses/videos>>

Nós reconhecemos que, por serem mais vulneráveis, crianças e deficiente devem ser protegidos por meio de leis estritas. No entanto, em vez de também reforçarmos as leis contra o abuso dos animais, fazemos o contrário, e os privamos delas. (CHUAHY, 2009, p. 21)

Mesmo que um animal tenha o mesmo nível de inteligência de uma criança, esta deve ser protegida enquanto aquele é passível de maus tratos simplesmente por não ser da espécie humana. “Os especistas humanos não admitem que a dor é tão má quando sentida por porcos ou ratos como quando são seres humanos que a sentem” (Singer, 2002, p. 68).

Neste contexto, é interessante notar como a segunda realidade se configura numa instância que legitima e reforça comportamentos favoráveis aos animais não-humanos. No caso do cachorro santo, o culto a Guinefort se mantinha como um alerta contrário aos abusos contra os animais. Criou também uma dimensão que fortalecia o laço entre espécies, tão bem representado na expressão “o cão é o melhor amigo do homem”.

Geralmente, costumamos enumerar as maneiras como o homem é superior aos animais, esquecendo que a união entre espécies, responsável pelo equilíbrio ecológico, como afirma Bystrina (1995), foi forjada nos períodos pré-humanos e deriva não só dos processos biológicos, mas também culturais, da capacidade de sonhar que, ele diz, temos em comum, pelo menos, com as espécies mais evoluídas. É possível até mesmo dizer que a busca por diferenciar humanos de não-humanos marca uma das principais características da cultura ocidental.

O homem é um animal que consegue fabricar ferramentas, falar, criar símbolos. Só ele ri; só ele sabe que um dia morrerá; só ele tem aversão a copular com sua mãe ou a sua irmã; só ele consegue imaginar outros mundos em que habitar, chamados religiões por Santayana, ou fabricar peças de barro mentais a que Cyril Connolly chamou arte. Considera-se que o homem possui, não só inteligência, como também consciência; não só tem necessidades, como também valores, não só receios, como também consciência moral; não só passado, como também história. Só ele – concluindo à maneira de grande sumário – possui cultura. (GERTZ, p.1, 1980)

Essa separação radical vem trazendo resultados negativos para todas as formas de vida no Planeta. Serres (1990) ressalta que somente abandonando o rumo imposto pela filosofia cartesiana de dominação da natureza haverá chance de continuidade da espécie humana.

Porque motivo será preciso, a partir de agora, procurar dominar o nosso domínio? Porque não regulado, excedendo o seu objectivo, contraprodutivo, o domínio puro volta-se contra si mesmo. Por isso, os antigos parasitas, colocados em perigo de morte pelos excessos cometidos sobre os seus hospedeiros, que, mortos, já não os podem alimentar nem alojar, tornam-se obrigatoriamente simbiotas. Quando a epidemia termina, desaparecem os próprios micróbios, por falta dos suportes da sua proliferação. (SERRES, 1990, p.59)

Inclusive, muitas das esferas de separação apontadas por Geertz (1980) já começam a ser desmentidas. Há registros documentados de que macacos e corvídeos utilizam ferramentas (OTTONI, 2009). Bekoff (2010) afirma que os animais sabem que vão morrer e demonstram essa consciência ao adotarem o comportamento de buscar um lugar tranquilo e reservado. Ele também cita a experiência com animais que guardam luto pelos companheiros mortos. Já De Waal, em seu trabalho de uma vida, conseguiu reunir elementos que comprovam a cooperação e a existência de código moral entre animais.

Assim, nesse contexto de busca de laços comuns entre homem e natureza, laços que tirem a espécie humana do risco de se tornar a responsável pelo fim da vida na terra, é interessante notar que a segunda realidade pode operar como uma prova inequívoca destes laços. Mais ainda, o pensamento de Bystrina abre espaço para considerar as origens animais da cultura. Se os animais sonham e jogam, não é justo pelo menos questionar se eles também não são detentores de uma cultura que não podemos entender ainda?

O cachorro santo é um exemplo de reconciliação radical entre homem e natureza, na medida em que as pessoas passaram a confiar nele para cuidar do bem estar dos seus filhos. Mostra também que, a partir da crença na alma animal, existem milhares de textos culturais em que os animais já estão colocados lado a lado com o homem, às vezes até em situações superiores – como a pomba que carrega o Espírito Santo. Abre-se aí uma porta para pensar a cultura como instância de estímulo à proteção animal tão poderosa quanto a ciência.

Referências

AMARO, Cristiane; CUSTÓDIO, Ana Elizabeth Iannini. *O “fazer o bem sem olhar a quem” e os limites da abordagem antropocêntrica na história das relações homem-animal*. ComCiência, São Paulo, n.134, dez. 2011.

ATANÁSIO, F. *Odes mórbidas, metáforas inertes: práticas de sacralização da morte e re-invenção dos sujeitos a partir do estudo das manifestações arquetípicas*. In: Antíteses, v. 3, n. 5, p. 347-366, 2010.

BAITELLO JR., Norval. *O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999.

BEKOFF, Mark. *A vida emocional dos animais: alegria, tristeza e empatia nos animais: um estudo científico capaz de transformar a maneira como os vemos e tratamos*. São Paulo: Cultrix, 2010.

BYSTRINA, Ivan. *A herança do Xamanismo na antiga Palestina*. Palestra proferida para o CISC na Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 1995. Disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/viewdownload/21-bystrina-ivan/64-a-heranca-do-xamanismo-na-antiga-palestina.html>. Acessada em 26/06/13.

BYSTRINA, Ivan. *Cultura e devoração*: as raízes da cultura e a questão do realismo e do não-realismo dos textos culturais. Palestra proferida na Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 12/10/1990. Disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/viewdownload/21-bystrina-ivan/66-cultura-e-devoracao.html>. Acessada em 26/06/13.

BYSTRINA, Ivan. *Inconsciente e cultura*. Palestra proferida para o CISC na Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP em 1995. Disponível em <http://www.cisc.org.br/portal/pt/biblioteca/viewdownload/21-bystrina-ivan/67-inconsciente-e-cultura.html>. Acessada em 26/06/13.

CHUAHY, Rafaella. *Manifesto pelos direitos dos animais*. São Paulo: Record, 2009.

CARRASCO, Walcyr. *Anjo de quatro patas*. São Paulo: Editora Gente, 2008.

Declaração de Cambridge. Documento disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/511936-declaracao-de-cambridge-sobre-a-consciencia-em-animais-humanos-e-nao-humanos>>. Acessada em 20/10/2012.

DE WAAL, Franz. *Moral behavior in animals*. Palestra proferida no evento TEDxPeachtree, em novembro de 2011. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=GcJxRqTs5nk>. Acessada em 31/07/2013.

DONINGER, Wendy. *Compaixão pelos animais e vegetarianismo*. In: COETZEE, J.M. *A vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEERTZ, Clifford. *O papel da cultura nas ciências sociais*. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

HOBGOOD-OESTER, Laura. Holy dogs and asses: stories told through animal saints. In: AFTANDILIAN, Dave. *What are animals to us?* Approaches from science, religion, folklore, literature, and art. Knoxville: The University of Tennessee Press, 2007.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. São Paulo: Petit, 1999.

Macacos ladrões. [Vídeo] National Geographic Channel. Disponível em <http://natgeotv.com/pt/macacos-ladros/videos>. Acessada em 23/07/2013.

MARICONDA, Pablo. *O controle da natureza e as origens da dicotomia entre fato e valor*. In: *Scientiae Studia*, v. 4, n. 3, p. 453-72, 2006.

OTTONI, E. *Uso de ferramentas e tradições comportamentais em macacos-prego*. Tese (Livre-Docência – Departamento de Psicologia Experimental.) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

SERRES, Michel. *O contrato natural*. Portugal, Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SINGER, Peter. *Ética prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SINGER, Peter. *Libertação animal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIEIRA, F. *Os animais não-humanos tem alma?* In: Alma animal, v. único, n.1, p. 19-23, 2011. Disponível em <http://animaiseoespiritismo.blogspot.com.br/p/downloads-gratuitos.html>. Acessada em 25/03/2013.

ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 1986.



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA

As máscaras: objeto histórico dos rituais

Ivoneides Maria Batista Amaral¹
Maria Thereza Azevedo de Oliveira²

Resumo: As máscaras estão presente no cotidiano da cultura, nas manifestações folclóricas e na arte, presente na sociedade desde os primórdios da humanidade, esta consegue abranger o indivíduo em todos os aspectos, às vezes sendo utilizada para o desenvolvimento e conhecimento da realidade circundante. Dentre o cotidiano e o ócio temos as máscaras utilizadas na Dança dos Mascarados em Poconé Mato grosso. É um processo coletivo que surge na comunidade como uma manifestação ritualística que presta homenagens à religiosidade e crenças de um povo, criando possibilidades de olhar para o mundo através da linguagem do corpo e das máscaras, dialogando com o universo cultural vasto de ritual e combinações de signos.

Palavra chave: Ritual. Máscaras. Dança dos Mascarados.

1 Introdução

O caráter teatralizado das máscaras, é vivificada pela caracterização ritualística e espiritual do corpo e da ênfase a linguagem não verbal, é uma forma de flutuar entre duas realidades. Guardam em si consideráveis riquezas de simbolização, pois definem o personagem e reservam suas particularidades, desempenhando função central no sistema de ritualização.

No município de Poconé localizado no estado de Mato Grosso a Dança dos Mascarados acontece desde o século XVIII, praticada apenas por homens da comunidade, a dança que a princípio era realizada como ritual pelos índios Beripoconé, devido às novas configurações sociais passou a fazer parte da cultura local, manifestação artística e cultural que tem como influência a utilização de máscaras como elemento que compõe o ritual. Nesse processo de travessia, as máscaras, provocam um mundo de possibilidades, pois a mesma emana a energia acumulada na vida habitual, possibilitando novas experiências ao grupo e a comunidade, que saem do seu cotidiano para viver um momento de transição.

Há uma codificação no conceito da semiótica da cultura que modeliza a Dança dos Mascarados como artifício de potencialidade, que interrompe a sequência banal da

¹ Mestranda em Estudos de Cultura Contemporânea no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso. E-mail: ivoneidesbamaral@gmail.com.

² Doutora em Artes Cênicas pela universidade de São Paulo, ECA/ USP, mestre em ciências da comunicação pela universidade de São Paulo, ECA/ USP. Orientadora no programa de Mestrado e Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso.

vida, criando um elemento subjetivo. Pessoas comuns constroem um novo olhar sobre a realidade e uma nova interpretação do mundo com possibilidades recorrentes do ritual, devido sua relação com o místico, subtendendo a possibilidade de vivenciar uma segunda realidade, entendida também como uma forma de linguagem.

O desenvolvimento deste estudo exige uma metodologia apropriada que consiga identificar as formas de expressão histórica, oral e experiências realizadas a cerca do objeto pesquisado. Os procedimentos da pesquisa foram levantamento bibliográfico e de registros documentais escritos e/ou audiovisuais e a pesquisa de campo visto que o tema consiste em fazer uma viagem no âmbito de conhecimentos culturais de utilização das máscaras ressaltando as particularidades existentes nessa trama, tornando-se necessário o contato direto com o grupo para recolher materiais e documentos, relacionados aos estudos sobre o ritual na Dança dos Mascarados.

2 As Máscaras no devir da cultura

As máscaras estão presentes na sociedade desde épocas remotas de nossa história, como objeto sagrado e de comunicação, que surgiu nos rituais ainda na pré-história sendo utilizada como um objeto de aproximação entre o homem e o cosmo representando divindades. A utilização das máscaras se propaga até os dias atuais, associada ao teatro, danças, rituais e festas populares. Servindo como divisor de águas entre o sagrado e o profano, modificando a realidade cotidiana. De acordo com Sartori e Pizzi (2008, p. 33) “as máscaras são cultivadas em diversas etnias como força de expressão entre os indivíduos e valorizada como elemento poético e artístico”. Visto que a mesma é um objeto híbrido que se entrelaça em diferentes contextos e realidades, pois está diretamente ligada à coletividade que a manipula.

Nas atuações com o uso das máscaras se configuram novas formas de manifestar os gestos e ações, estes se ampliam ou ficam mais lentos, nos rituais é preciso um treinamento de forma sistemática reunindo a prática com a reflexão, pois nesse contexto a máscara se torna um objeto sagrado. Turner (1974, p. 43) ao tratar do uso das máscaras nos ritos, afirma que “em geral tem a finalidade de efetuar uma reconciliação entre as partes visíveis e invisíveis”, indispensáveis para que ocorra o processo de transformação e incorporação do personagem tanto pelos integrantes do grupo quanto pelo público. Para Schechner (2012, p. 44), “o ato de usar máscaras encoraja as experimentações de comportamento, resvalamento de identidade e encenação como se uma pessoa fosse outra”. Esse acessório enigmático atua em várias faces e realidades interligando comunidades de culturas primitivas e contemporâneas. Na cidade de Poconé, os movimentos culturais de reapropriação das práticas do passado e são mantidas na comunidade.

3 Os mascarados de Poconé

O município de Poconé foi criado por volta de 1777, era chamado de Beripoconé, nome proveniente da tribo indígena que habitava a região. Ferreira (2001, p.87) afirma que o local não permaneceu com esse nome por contrariar a hierarquia da região. Em primeiro de julho de 1963, o Decreto Geral Regencial criou o município, com seus atuais limites políticos, dando-lhe o nome de Poconé. Está localizado no alto Pantanal, a 100 km da capital, Cuiabá. Segundo Ferreira (2001, p. 89) “devido à descoberta de ricos veios de auríferos aluvionais, muitas pessoas vieram para essa região, tornando-se muito explorada, causando um aumento demográfico que lhes deu visibilidade nacional”.

Com o esgotamento do ouro as pessoas migraram para outras regiões, permanecendo no local apenas o povo que se dedicou a agricultura e a pecuária, propiciando um novo surto econômico. A cidade foi movimentada por vários processos de exploração. Atualmente as principais atividades econômicas são a pecuária, turismo ecológico e agricultura. Sua população foi formada pela presença de indígenas, africanos, portugueses e pessoas livres que vieram para a região em busca de ouro. População estimada em 2004, de 31.243 habitantes (IBGE. Com .br)

Diante do processo social os grupos foram criando laços, ligando suas culturas e costumes, tornaram-se o povo poconeano, em que hoje há o predomínio da população negra, que chegou ao Estado escravizado por portugueses. De acordo com Ferreira (2001, p. 56) Mesmo com o fim da escravidão permaneceram na cidade, por estarem adaptadas ao local e também devido à impossibilidade de retornarem ao país de origem. Diante dessa realidade constituíram famílias e adaptaram suas vidas.

Criando laços familiares e de amizade a comunidade se desenvolveu com suas invenções, crenças e costumes, uma das atividades culturais desenvolvidas na comunidade foi a Dança dos Mascarados realizada desde o século XVIII, a princípio praticada pelos índios Beripoconé (denominação dada pelos bandeirantes aos habitantes da região hoje conhecida como Poconé), com o tempo passou a ser admirada por um pequeno grupo de homens, que só observavam e assistiam a apresentação dos índios, com interesse em participar dela, mas não tinham permissão. Com o decorrer do tempo o interesse pela dança foi aumentando e o grupo de homens se articulou e passou a “copiar e praticar” uma dança semelhante àquela que observavam os índios praticarem.

A comunidade não lembra detalhes sobre seus hábitos e costumes, porém afirmam que eles praticavam o ritual da dança. Essa história é mantida até hoje, sendo contados com ênfase e veracidade pelos Mascarados de Poconé, inclusive contam detalhes de como era a dança, mas não sabem os motivos específicos pelo qual os índios praticavam com frequência esse ritual, se retratava iniciação, transição ou simbolismo.

As histórias e contos sobre a dança são repassados de geração em geração. Os moradores comentam que durante a realização mesma haviam vários passos marcados, cantos, movimentos repetidos e sincronizados entre outras ações, o tempo de duração era de aproximadamente duas horas. Ressaltam que somente homens participavam, eles tinham os rostos e os corpos pintados. De acordo com Barbeiro (2009 p. 19) “o ritual remete ao símbolo que sustenta toda comunicação, a sua ancoragem na memória, aos seus ritmos e formas, seu cenário de interação e repetição”. A ritualidade é a ação que regula a interação entre os espaços e tempo da vida cotidiana. Podemos afirmar, portanto, que a Dança dos Mascarados é também um ritual para aqueles que dela participam.

Após o processo de inclusão da dança na comunidade, o senhor João Benedito (morador e atual responsável pelo grupo dos mascarados, posto ocupado anteriormente pelo seu pai) relata que durante anos os homens a praticavam de maneira reservada, sem público. Com o tempo a dança foi tornando-se atração cultural na comunidade. As pessoas deslocavam-se de suas casas até o quintal de dona Libânia (uma senhora que havia sido escrava vinda de Portugal, e permaneceu em Poconé até sua morte) para assisti-los dançar.

Inserindo-se aos poucos no cotidiano da comunidade, o grupo passou a apresentar-se em algumas ruas da cidade com público presente, o processo foi contínuo, com o tempo a dança passou a ser praticada com mais intensidade e assiduidade, tornando-se um conjunto de prática, atuando no meio cultural. Segundo Barbeiro (2009, p. 21) tais práticas, rituais ou simbólicas, visam propagar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado histórico.

Senhor João Benedito ao falar das máscaras utilizadas pelo grupo dos Mascarados de Poconé, afirma que estas passaram por processos de aperfeiçoamento. Por ser o objeto que permite aos seus integrantes transportarem-se para uma segunda realidade e tornar a dança uma manifestação ritualística cultural e religiosa, no qual as pessoas comuns saem do seu cotidiano, para dar vida a um novo personagem.

Dessa forma, por algum tempo foram experimentados máscaras dos mais variados materiais, dentre eles a máscara confeccionada de papelão, mas os dançantes de sentiam sufocados e feios, em seguida utilizaram as de tecido, que também não se mostrou adequado pelo grupo, em outra experiência utilizou tintas diretamente no rosto para configuração do personagem, as pinturas eram feitas livremente conforme a vontade do integrante que escolhia as cores e intensidade para caracterizar melhor o personagem, mas a tinta também não foi adapta pelos Mascarados, uma vez que durante a dança a tinta escoria com o suor e o grupo ficava descaracterizado.

O Senhor Dito da Joia (falecido em 1990) morador da comunidade de Poconé, acompanhou o grupo participando da busca para fazer uma máscara adequada a realidade do grupo. Ele desenvolveu uma técnica de confecção em uso até os dias atuais, a má-

cara feita em tela de arame material que encontra-se com facilidade na comunidade. A máscara é simples, sem muitos detalhes nos design, formatos, cores, tamanho, densidade, foi elaborada para representar a comunidade dos negros descendentes de escravos, que por muito tempo se posicionaram frente à religiosidade cristã desempenhando um papel secundário com emoções contidas, sem poderem se expressar.

Nesse contexto a máscara enquanto instrumento de comunicação possibilita a representação do momento histórico vivido pela comunidade. Guarda em si consideráveis diferenças das máscaras utilizadas nos espetáculos teatrais de circulação nacional e das máscaras utilizadas nos carnavais e nas folias de reis. Visto que as feições colocadas nas máscaras usadas pelo grupo representa o rosto de pessoas simples

O Senhor Dito da Joia, para dar forma as máscaras, primeiramente esculpiu um rosto na madeira que tornou-se um molde fixo utilizado na confecção de todas as máscaras, sobre esse rosto esculpido ele moldava a tela de arame, após a configuração do rosto na tela era retirado da madeira, em seguida coberto com várias mãos de tinta preta e logo após a secagem da tinta, a máscara era finalizada com o uso de tintas coloridas, que caracterizava e diferenciava os personagens entre damas ou galãs o processo de confecção demora até uma semana. Após a secagem das tintas é costurado na parte de traz da máscara, um tecido preto que esconde a cabeça dos personagens Mascarados.

Lembrado com saudades pelos integrantes mais antigos no grupo, o Senhor Dito da Joia contribuiu durante muitos anos confeccionando as máscaras do grupo. Após o falecimento do mascareiro (pessoa que confecciona máscaras) estas passaram a ser feitas e reformadas pelos integrantes do grupo, que receberam o molde em madeira doado pela família do falecido. A máscara continua a ser feita seguindo o mesmo processo anterior.

Ao vestirem as máscaras, os integrantes do grupo emanam uma energia acumulada na vida habitual, tornam-se irreconhecíveis, ocorre um processo de deslocamento tratado por Turner (1974, p. 87) “é por meio dele que se pode exagerar intervir nos símbolos dominantes, no processo de ritualização que acontece a ligação entre o baixo e o alto, no contexto social acontece o fim das diferenças de domínio”. Para DaMatta (1997, p.27) ao mencionar o ritual, o mesmo refere-se a uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. Do mesmo modo, para Baitello (1999, p. 40) a amplitude e a complexidade do conceito “cultura” já estão registrado em suas remotas origens antes entendida como cultura do cultivo, hoje entendida com cultura do espírito, designando a forma intelectual do homem por meio da filosofia, da ciência, da ética e da arte.

Ao se tornar um mascarado, este pode extravasar suas energias e ver o mundo por um ângulo especial. Essa experiência é tratada por DaMatta (1997, p. 26) ao afirmar que as máscaras indicam uma situação informal onde as pessoas podem realizar aquilo que desejam porque tem escondidas por trás de um disfarce as suas identidades sociais que

operam na vida diária. Cascudo (1944, p. 78) ao tratar do folclore brasileiro, relata, não permitiam danças desonestas nas procissões dos cristãos, mas eram frequentes as manifestações populares em espaços públicos, em dia de festa de São Gonçalo ou do Santíssimo sacramento, entre tantas outras festas de santo. Impedidos de entrar nas igrejas com suas roupas e máscaras, os negros faziam sua própria manifestação religiosa em frente ao templo dos “brancos”. Com o uso das máscaras não podiam ser reconhecidos.

A máscara nos leva para além do cotidiano, o personagem mascarado que adquire seu ritmo interior suscetível de variar segundo seu estado ou emoção, pois o conhecimento definitivo não existe. Os Mascarados de Poconé reforçam a relação com o personagem, que se desnuda de um papel social da vida cotidiana, e se utiliza de uma nova perspectiva visual e social, tornando um dançarino saltitante e feliz que dá vida a experimentações do corpo e embalado pelo ritmo da música segue os passos e coreografias do grupo.

4 O grupo dos mascarados

O grupo é composto por setenta homens em sua formação, estes são divididos e diferenciados pela idade, ou seja, adultos, jovens e crianças, que se revezam nos ensaios e nas apresentações. É comum ver nas apresentações algumas crianças dançando no grupo jovem, e o mesmo acontece ao ver os jovens nas apresentações dos adultos. Percebe-se, uma forma de entrosamento e transição de fases do menino que estão se tornando jovem e do jovem que esta se tornando adulto. O contato com o outro, permite conhecer profundamente o que está subentendido, apropriar-se para interpretar e estabelecer uma nova realidade.

Cada integrante tem seu ritmo de vida, diferenciado pelas etapas da idade, pois os adultos trabalham e tem uma vida de responsabilidades, os jovens estudam e ajudam nos afazeres domésticos, as crianças em geral estudam, brincam e sonha com as possibilidades próprias da idade, nesse universo amplo de realidades, cada qual segue seu caminho cotidiano, e encontram-se ao participarem do ritual da Dança, pois são inseridos no mesmo contexto, permitindo-se novas formas, corpos e movimentos, assumindo uma identidade de representação. Nesse sentido,

Há um treino corporal necessário, a base de movimento que detalham o corpo em suas posturas significativas, onde cada parte representa separadamente, ser fiel em aumentar os sentidos e não as formas, estas recebem seu sentido ao mover-se, cabe ao ator fazer a ligação misteriosa entre a vida e o mistério que a máscara representa. (LECOQ 1988, P. 103).

O grupo dos Mascarados transita por vários espaços, local, regional ou nacional, entre eles os festivais culturais, festas religiosas, e outros eventos que possibilitam des-

cobertas e criações artísticas. Devido ao número de integrantes em sua composição, rege o acordo que a cada apresentação são escolhidos vinte e oito integrantes, Siqueira (2001, p. 217) afirma: “os homens precisam ser bons dançarinos, visto que as coreografias são extensas e complicadas.” A variabilidade nas peças da dança exige a interação entre os integrantes do grupo, essa prática acontece nos ensaios semanais, o resultado é a sincronia do grupo e o bom desfecho nas apresentações.

Mesmo quem já está há anos no grupo e conhece bem os passos e ritmos da dança, participam dos encontros semanais, mantendo as relações pessoais, onde realizam os ensaios, conversam sobre as apresentações e reforçam a integração entre os componentes zelando pela harmonia entre os participantes, pois além dos ensaios podem partilhar a vivência, as intimidades, que perpassa entre as dificuldades, anseios e rotina.

Na festa onde se apresentam o grupo se reúne em local reservado com o objetivo de preparação, concentração e distanciamento do seu cotidiano, é o momento de transformação de homens comuns em mascarados, dão vida a uma ação particular, saem do seu universo diário para vincular ao momento uma conotação “mítica”. Lotman (apud Machado, 2007), afirma: “as religiões e crenças são modelos da segunda realidade que constituem uma estruturalidade que admitem outros signos”. A Dança dos Mascarados é uma forma de comunicação e linguagem, que possibilita aos integrantes do grupo expandir a história, a vivência de um tempo antigo, de um ritual sagrado transmitido e mantido na comunidade.

Tanto os moradores quanto os integrantes do grupo, reconhecem o valor histórico e social que esse ritual da Dança dos Mascarados tem para comunidade, para Loureiro,

Na festa onde acontece a apresentação podemos observar o quanto esse espetáculo mexe com a imaginação do povo, é uma dança que mescla a contradança europeia, dança indígena e ritmo negro, suas regras e perspectivas se entrelaçam e se transformam numa outra coisa. (LOUREIRO, 2006, p.18).

Os dançantes são pessoas da comunidade, alguns trabalhadores, estudantes e pais de família, cada um com suas atividades cotidianas. Ao prepararem-se antes da apresentação, os integrantes são despidos de suas vestes comuns, transformando-se em personagens que não são fixos. Jonathan³ integrante do grupo há cinco anos relata que durante o processo de transformação, os Mascarados são livres para escolher qual papel irão desempenhar durante a dança (galã ou dama) essa escolha, dependerá da inspiração e disposição artística de cada um.

As possibilidades no ritual da Dança dos Mascarados não cessam de engendrar novas formas. Cohen (2009, p. 39) ao tratar sobre o papel do ator, que está em cena tra-

³ Jonathan tem dezessete anos de idade está no grupo há cinco anos, conta sobre as experiências que experimenta ao se tornar dançante no grupo dos Mascarados.

balhando sobre sua máscara ritual, diferente de sua pessoa no dia-a-dia afirma “o ritual permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas que a própria sociedade, deseja situar como parte de seus ideais eternos”. Buscando dar ao dançante a possibilidade de transitar entre duas realidades, entre o indivíduo social e cultural envolto em uma estrutura complexa, no entanto,

Os rituais são divididos em sagrado e o secular. Os rituais sagrados são aqueles associados com a expressão ou a promulgação de crenças religiosas, que envolve o comunicar, orar e até convocar forças sobrenaturais. Rituais seculares são aqueles associados com cerimoniais de estado, vida diária, e outras atividades de caráter não religioso. Mas essa divisão não é pura e genuína, e muitos rituais são tanto seculares quanto sagrados e estéticos. Não estão isolados uma da outra, mas se sobrepõem ou convergem frequentemente. (SCHECHNER 2012, p. 55)

Ao tornarem-se os Mascarados, essas pessoas perdem sua identidade cotidiana, pois podem ampliar seus gestos e atitudes marcando o momento privilegiado. As máscaras alteram as percepções cotidianas, geralmente centralizada na face faz com que o indivíduo conscientizar-se instantaneamente do corpo esquecido ocorre o ocultamento daquele que a veste, tornando-se fragmento de outra linguagem simbólica e representativa, o processo é gradual, há uma preparação do grupo, antes desse momento de transformação, pois, para que o ritual aconteça é preciso os integrantes estar na mesma sintonia, seguindo um conjunto de regras e códigos que fazem parte do contexto do grupo.

Mateus Domingues⁴, integrante do grupo há oito anos, relata as possibilidades, propiciadas ao se tornar Mascarado, “no dia-a-dia sou muito tímido, converso pouco, mas gosto de dançar e participar do grupo e quando estou caracterizado, posso agir de maneira diferente, divirto-me, sem ninguém saber que sou eu”. Certamente as experiências são vivenciadas de maneiras diferentes pelos integrantes do grupo que se transformam e transportam-se para outra realidade. Segundo DaMatta (1997, p. 29) “o ritual é uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores”. Na imagem abaixo a ocupação do espaço público a rua, como possibilidade de disseminar a cultura regional.

⁴ Mateus Domingues nasceu em Poconé- MT está no grupo há oito anos, é integrante do grupo jovem dos Mascarados.



Figura 01 - Mascarados dançando na rua em frente a casa do Sr. Carlinhos. (Poconé – MT). Fotografia digital. Ivoneides Amaral. 15/08/13.

Durante as festividades nas quais o grupo irá se apresentar (em determinado momento da festa combinado previamente com o grupo), anuncia-se que irá começar a apresentação dos Mascarados, na rua a comunidade forma um círculo, deixando o espaço do centro para os dançantes adentrarem, dando início à apresentação, entram os tocadores da banda⁵ que acompanham o grupo, estes se posicionam com seus instrumentos e logo em seguida entram dois marcadores⁶ e um baliza conhecido como o carregador da Bandeira (símbolo da religiosidade cristã) traz na bandeira a imagem religiosa do Santo⁷ São Benedito pintado em tecido, mostrando a comunidade, o padroeiro do grupo. Em seguida entram os Mascarados, formando doze pares, entre damas e galãs, posicionam-se frente a frente, começando a Dança com o cumprimento entre os casais.

As apresentações são realizadas de forma alegre e descontraídas, atraindo a comunidade, transeuntes e turistas que queiram participar. O Sr. João Benedito ao falar da relação do grupo com público, afirma, “a Dança é feita para o povo e por ele transformado”. Cada pessoa faz a releitura do espetáculo a partir da livre associação dos elementos contextualizados e partilhados.

⁵ A banda que acompanha o grupo é formada por dez tocadores, funcionários da prefeitura da cidade Poconé – MT.

⁶ Os marcadores são dois Mascarados, que fazem a abertura das danças, eles não participam com o grupo durante a Dança ficam observando.

⁷ Os Santos foram pessoas que viveram em algum período da história. Se tornando um modelo de vida conforme a vontade de Deus. E intercede sem cessar junto a Deus pelo que lhes pedem. São Benedito nascido de família pobre era descendente de escravo vindo da Etiópia. Viveu na Itália, aos 21 anos de idade entrou para o mosteiro durante sua vida se dedicou a ajudar aos pobres, morreu aos 65 anos. (Fonte [http://pt.wikipedia.org/wiki _Benedito](http://pt.wikipedia.org/wiki/_Benedito)).

5 Considerações finais

O espetáculo dos Mascarados transforma o espaço, a cidade em vários aspectos, fazendo conexão entre o que se vê e o que a ação representa, possibilitando a comunicação e a compreensão de uma construção coletiva. Os caminhos, sensações, crenças e ritual são transmitidos por séculos aos integrantes do grupo, desejam preservar essa tradição que potencializam os indivíduos e a comunidade, mantendo a cultura popular, que criam e recriam valores e símbolos de acordo com a necessidade da auto-expressão.

No processo de travessia, a utilização das máscaras provoca um mundo de possibilidades, emana a energia acumulada na vida habitual, possibilitando novas experiências. Sentida, apreendida e apreciada pelo público que entre a curiosidade e o respeito pelas apresentações usam a imaginação para tentar descobrir quem são os mascarados, apreciando a apresentação de forma a interagir com o grupo, mantendo o ritual cultural, onde a arte e a vida se encontram. O valor representativo e simbólico do coletivo propaga a cultura, a identidade e a utilização do espaço social pela comunidade.

Referências

AMARAL, Ana Maria. *Teatro das formas animadas, máscara, bonecos e objetos*. São Paulo: USP, 2009.

BAITELLO, Junior Norval. *O animal que parou o relógio: ensaio sobre comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 1999.

BARBEIRO, Jesús Martin. *Dos meios as mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Martins, 1944.
COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LECOQ, Jacques. *O papel da máscara na formação do ator*. Paris: CRNS, 1988.

LOUREIRO, Roberto. *Cultura mato-grossense: festa de santo e outras tradições*. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

MACHADO, Irene (Org). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2007.

SÃO Benedito. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Benedito>. Acesso em: 14 nov. 2013.

SARTORI, Donato; PIZZI, Paola. *A Máscara teatral na arte dos Sartori*. Rio de Janeiro: Instituto Italiano de Cultura, 2008.

SCHECHNER, Richard. *Performance e Antropologia*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *História de Mato Grosso: dos ancestrais aos dias atuais*. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

TURNER, Victor W. *O processo ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Obras da Copa e GPS: usos e produções de sentidos¹

Claudia Moreira de Jesus Silva²
Neemias Souza Alves³
Lucia Helena Vendrusculo Possari⁴

Resumo: O Sistema de Posicionamento Global (GPS) é um dispositivo de orientação que veio para auxiliar os condutores em seus deslocamentos pela cidade e entre as cidades. Neste texto analisamos como se deu o uso deste dispositivo em Cuiabá, especificamente no período em que a cidade se preparava para receber os jogos da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014, quando foram realizadas diversas obras de mobilidade urbana, que acabaram submetendo os condutores a inúmeros desvios de trajeto. Entender o GPS enquanto hipermídia e verificar seu comportamento neste contexto, é o objetivo deste artigo. O material empírico de análise está constituído de uma netnografia e de depoimentos obtidos através de entrevistas semiestruturadas, concedidas por dezenove motoristas profissionais.

Palavras-chave: GPS. Copa do Mundo. Hipermídia. Interatividade.

1 Introdução

A cidade de Cuiabá foi uma das sedes da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014⁵, o maior evento esportivo do mundo, fato que desencadeou uma série de obras de mobilidade urbana e, conseqüentemente, uma transformação significativa no fluxo viário da cidade. Dentre as obras tivemos as construções de trincheiras, pontes, viadutos, implantação do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), que juntamente com outras intervenções, acabaram por gerar um ambiente de caos no trânsito viário de Cuiabá.

Cada obra iniciada provocou uma série de transformações, as principais avenidas da cidade, por exemplo, foram total ou parcialmente interditadas, sendo criados caminhos

¹ Ensaio elaborado para a disciplina de Tópicos Especiais em Comunicação e Mediações Culturais IV: Convergência de mídias, divergências nas produções de sentidos, ministrada pela Prof.^a Dra. Lucia Helena Vendrusculo Possari.

² Publicitária por formação acadêmica e aluna especial na disciplina Tópicos Especiais em Comunicação e Mediações Culturais IV: Convergência de mídias, divergências nas produções de sentidos.

³ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO/UFMT.

⁴ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atua nas áreas de comunicação, educação, linguagem, cultura, cibercultura e educação a distância. É coordenadora do NÚCLEO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E CULTURA - NUCOM - do departamento de Comunicação Social e também professora e orientadora do Programa de Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO/UFMT.

⁵ Nome oficial do evento segundo a Federação Internacional de Futebol Associado - FIFA.

alternativos para garantir que o condutor chegasse ao seu destino. Vale ressaltar que esses caminhos mudavam repentinamente conforme o andamento das obras.

Diante deste cenário, voltamos o nosso olhar para o Sistema de Posicionamento Global (GPS), buscando conhecer as diversas possibilidades deste dispositivo. Primeiramente, neste artigo, conceituaremos o objeto em análise e mostraremos os seus usos na contemporaneidade, para em seguida, verificarmos se o mesmo tem sido utilizado pelos motoristas profissionais no atual contexto da cidade de Cuiabá.

Realizamos uma pesquisa netnográfica, que permitiu, através de reportagens e vídeos disponíveis na internet, uma aproximação técnica com o objeto investigado. E, visando uma abordagem qualitativa e exploratória, elaboramos uma entrevista semi-estruturada, que foi aplicada a 19 (dezenove) motoristas profissionais, sendo: 5 (cinco) taxistas que trabalham no entorno do Shopping 3 Américas, 8 (oito) motoristas do Setor de Transporte da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e 6 (seis) motoristas de ônibus da empresa Expresso Norte Sul. Durante a pesquisa de campo também fotografamos os pontos de desvio, registros esses que ajudam a compor o nosso material empírico.

A análise se faz pela perspectiva da Semiótica e autores como Santaella (2004), Lévy (2007), Possari (1999), entre outros, dão suporte teórico ao texto.

2 O que é o GPS?

A sigla GPS se refere a Global Positioning System, que na tradução para o português significa Sistema de Posicionamento Global ou Geo-Posicionamento por Satélite. Este sistema de navegação por satélite foi desenvolvido pelas Forças Armadas dos Estados Unidos da América, no ano de 1973, a fim de superar as limitações dos sistemas anteriores de navegação e localizar potenciais alvos.

O GPS fornece informações precisas sobre posicionamento individual no globo terrestre. As coordenadas são obtidas em tempo real e os dados podem ser utilizados em uma vasta gama de serviços, de mapas à dispositivos de localização ponto a ponto. Assim é o GPS veicular, extremamente útil para auxiliar motoristas a encontrarem seus destinos.

Comumente associamos o GPS àquele aparelho instalado nos para-brisas e painéis de veículos, porém este é apenas mais um dos dispositivos que fazem uso do Sistema de Posicionamento Global, sistema este que através de 24 satélites instalados ao redor da Terra, mapeia e localiza pontos em toda a superfície terrestre. Pode ser utilizado em smartphones, notebooks, câmeras digitais, e no GPS veicular, que por ter o Sistema de Posicionamento Global como o seu principal serviço, acabou se apropriando do mesmo nome.

Os aparelhos de GPS são, hoje, multifuncionais. Além do sistema de navegação por satélite oferecem as funções de bluetooth, mp3, localizadores de estabelecimentos,

câmera de ré, alerta de radar, bate papo, TV digital, entre outras. Percebemos nessas funções o uso de diferentes mídias como áudio, vídeo, imagem estática e texto verbal escrito.

Para Possari (1999, p.29), o *resultado de um hipertexto - onde a variedade de códigos (multimídia) se imbricam, é a hipermídia que permite ao autor/leitor interagir com o texto e modificá-lo de acordo com suas intenções para fazer-se significar*. Dessa forma, cada uma das funções do aparelho GPS é um código, e ao ser possível acessá-las em um único dispositivo, este se configura como uma hipermídia e os códigos como um hipertexto.

Um dos exemplos desta interação é a relação entre o aparelho GPS e o smartphone, na qual é possível, através da tecnologia bluetooth, fazer o pareamento entre os dois dispositivos, permitindo ao motorista atender as ligações pelo aparelho GPS. Esta possibilidade de diálogo entre dois aparelhos é uma característica da hipermídia, e proporciona, neste caso, conforto e segurança ao motorista, pois pode manter as mãos ao volante enquanto atende a uma chamada.

Contudo, registramos que dentre os 19 entrevistados apenas 1 (um) diz utilizar outra função do aparelho GPS, além daquela que lhe oferece informações sobre o posicionamento global. Vejamos:

O meu (aparelho) tem Wi-Fi, se eu chegar em um lugar que tem eu posso conectar. (Motorista “F” da UFMT)

Esta declaração indica que o uso do Wi-Fi pelo motorista (F) ocorre de forma esporádica e que apenas a função de localização lhe é fundamental. Os demais entrevistados, mesmo alegando ter conhecimento de outras funções do aparelho GPS, afirmam usá-lo apenas para se deslocarem por lugares desconhecidos. Todos os motoristas da Universidade Federal de Mato Grosso, revelaram que utilizam o GPS apenas em viagens fora do estado.

Surpreende também o fato de todos os motoristas afirmarem que não utilizam o GPS como instrumento auxiliar para encontrar novos caminhos diante dos desvios e interdições oriundos das obras da Copa. Alegam que para chegarem ao destino estabelecido, usam apenas o próprio conhecimento sobre o traçado da cidade.

Nós que moramos aqui, e a gente conhece a cidade, o GPS só indica o endereço pra gente. (Motorista “B” da UFMT)

Só conhecimento mesmo, aqui eu conheço quase tudo. (Motorista “D” da UFMT)

Praticamente eu não estou usando porque a gente já tem o conhecimento básico do local, da cidade né? Quando a gente viaja para fora, em determinados locais a gente usa. (Motorista “H” da UFMT)

No grupo dos taxistas, três deles declararam não utilizar o aparelho GPS, alegando conhecimento efetivo dos caminhos e das rotas alternativas que facilitam a fuga do trânsito caótico ocasionado pelas obras.

Os motoristas de ônibus da empresa Expresso Norte Sul, disseram que os veículos são cotidianamente rastreados pelo GPS localizado na central da empresa, mas que eles não possuem o aparelho GPS como instrumento individual de trabalho.

Só eles da administração é que veem nosso trajeto e localização. A gente aqui não vê nada. Se a gente sair fora da rota é punido. (Motorista “C” da Expresso Norte Sul)

O rastreamento de veículos é mais uma das funções oferecidas pelo GPS, permitindo as empresas maior controle e segurança no trabalho dos motoristas. Na entrevista com o gerente de transportes da UFMT, o mesmo afirmou que o setor está solicitando um rastreador, visando os seus significativos benefícios:

O rastreador vai me dizer aonde o veículo está. Serve exclusivamente para controle de veículo, velocidade e desvio de função. (Gerente de transportes da UFMT)

Os depoimentos nos permite afirmar que o GPS não foi utilizado pelos motoristas profissionais como instrumento de auxílio na procura de novas rotas diante das obras da Copa. E, por mais estranha e inesperada que tal resposta possa parecer, ela encontra respaldo no fato dos mapas do GPS não serem imediatamente atualizados, pois não reconhecem automaticamente os caminhos (desvios) que surgem repentinamente. A atualização somente ocorrerá quando os novos trajetos forem auditados pelas empresas⁶ fornecedoras de mapas. Em relação a este processo registramos alguns depoimentos:

A tela manda você para um lado e você vai para o outro, tá desse jeito! Não bate mais, a atualização dele já tá antiga né? (Motorista “A” da UFMT)

Se tivesse o GPS, como mudou as obras, eles não iam usar né? O GPS, por exemplo, o do iPhone, ele vai mandar você entrar e, se você for, vai encontrar na rua fechada. Ele não foi e nem vai ser atualizado. (Motorista “E” da UFMT)

Aqui eu não uso porque eu já moro aqui, eu já conheço, mas igual esse menino que tá aí da Paraíba, ontem mesmo eu tive que sair com eles por aí porque o GPS não marca os desvios. Hoje você passa aqui na avenida, numa rua, amanhã eles já interditam aqui, já passa por outra. Então, o GPS não marca isso aí. (Motorista “F” da UFMT)

⁶ O Google Maps, o Apontador e o MapBox são exemplos de empresas fornecedoras de mapas.

No grupo dos taxistas encontramos respostas diferentes mas não contraditórias. Apenas dois dos cinco profissionais declararam possuir o GPS, e demonstraram insegurança em relação ao uso do mesmo, visto que nada sabiam sobre a atualização dos mapas locais. Disseram ainda, que utilizam o GPS apenas em locais que não possuem os desvios provenientes das obras de mobilidade urbana.

Ainda que tenhamos constatado o não uso do Sistema de Posicionamento Global por parte dos motoristas profissionais de Cuiabá, não podemos deixar de enfatizar o quanto a multifuncionalidade desta hipermídia intensifica a comunicação. Tal característica pode ser percebida quando o usuário-operador, através de um comando de voz, ordena ao GPS que trace uma rota até um determinado local. O GPS, por sua vez, toma lugar de comando e guia o usuário-operador, também se valendo de comandos sonoros. Durante o caminho ele avisa onde e quando o motorista deve virar, alerta para os obstáculos do percurso e também informa a distância que falta para se chegar ao destino. Além da praticidade, esta função contribui para a segurança do condutor, pois evita que o mesmo tenha que olhar para a tela do aparelho enquanto dirige.

Outro serviço possibilitado pelo GPS é o alerta de radares, que avisa ao condutor onde estão localizados os próprios radares no decorrer do percurso, sinalizando ao motorista que trafegue dentro do limite de velocidade da via.

Funções de TV e álbum de fotos também são possíveis e interessantes, pois enquanto o condutor dirige, os passageiros podem tirar proveito dessa função para passar o tempo.

Podemos perceber então que a multifuncionalidade do GPS é a sua principal característica, essa sua capacidade de reunir várias funções provenientes de diferentes mídias, é o que faz dele uma hipermídia.

3 Virtual e interatividade

O aparelho GPS nos coloca diante de uma realidade virtual, definindo-se como uma hipermídia interativa. À medida que o veículo no qual o GPS está acoplado se desloca, o caminho mostrado na tela se atualiza, acompanhando o deslocamento. Temos aqui a interatividade da qual fala Pierre Lévy (2007, p. 80), pois assim como o condutor reage à imagem do caminho mostrada pelo GPS, o GPS também reage às ações do condutor.

O virtual aqui, se refere ao mundo virtual que o dispositivo informacional GPS, nos apresenta. Nele a *mensagem é um espaço de interação por proximidade dentro do qual o explorador pode controlar diretamente um representante (sic) si mesmo.* (LÉVY, 2007, p. 74)

Podemos entender a interatividade como a capacidade que o sistema possui de acolher as necessidades do usuário e de satisfazê-lo. Podemos perceber este efeito de forma clara, quando diante da necessidade do motorista de se chegar a determinado local, o GPS

fornece o caminho. Já em uma situação onde o condutor saiba o caminho, pode ser que o GPS ofereça um caminho diferente, essa também é uma característica da interatividade.

[...] nunca se tem a certeza de que a construção desejada será espelhada no que construímos. Existem escolhas potenciais pré-estabelecidas pelo sistema (o programa que está sendo usado) que se entrecruzam com os caminhos trilhados (escolhidos) pelo leitor. (POSSARI, 1999, p. 30)

Esse é o caminho traçado pelas hipermídias e, no caso do dispositivo GPS, mesmo que o seu uso mais frequente seja nos automóveis, a cada instante sua interatividade com o leitor é ampliada. Nos aparelhos portáteis de comunicação podemos ver esta amplitude de forma clara, pois, através de um smartphone ou tablet, equipados com GPS, desenvolvedores conseguem integrar os dados de localização a diversos aplicativos, permitindo a interação em mapas e redes sociais, a partir dos quais é possível encontrar amigos ou até mesmo iniciar e manter um flerte. Aplicativos como o Foursquare, Tinder, Google Maps e o Waze são bons exemplos destas possibilidades.

O Foursquare é um aplicativo gratuito que intensifica a relação entre pessoas e lugares. Não importa onde se esteja, pode ser em um bar, restaurante, museu, padaria ou mesmo uma praça. Em qualquer lugar, em qualquer parte do mundo, o usuário terá a opção de fazer o check-in, isto é, de avisar a todos os contatos de sua rede o local onde está naquele exato momento e, inclusive, deixar um comentário dizendo se a comida é boa, se a música é alta, se a bebida é saborosa ou de manifestar qualquer opinião que revele a sua avaliação sobre determinado lugar. Todos que tenham o aplicativo terão acesso a tais informações e poderão usar essas avaliações como critério na escolha de um local para ir, ou mesmo ir porque já sabem que alguém que ele conhece está lá.

O Foursquare utiliza os mapas do MapBox que são criados com dados fornecidos pelo “OpenStreetMap: O Wiki⁷ de Mapas Livres” e também por colaboradores. Segundo o próprio site do OpenStreetMap⁸, este “é um mapa livre e editável do mundo todo. Ele é feito por pessoas como você. Os dados são livres para baixar e usar sob sua licença aberta.”

É importante registrar que mais de 40 milhões de pessoas em todo o mundo utilizam o Foursquare, e que através dele já foram realizados mais de 4,5 bilhões de check-ins. Número que aumenta em milhões a cada dia.

⁷ Os termos wiki e WikiWiki são utilizados para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o software colaborativo usado para criá-lo. O termo “wiki” significa rápido, ligeiro, veloz e o termo “Wiki wiki” significa “extremamente rápido” no idioma havaiano. Este software colaborativo permite a edição coletiva dos documentos usando um sistema que não necessita que o conteúdo seja revisto antes da sua publicação.

⁸ Disponível em: <<http://www.openstreetmap.org>>.

A rede social Tinder também está em crescimento constante, e no Brasil são cerca de 20 mil novos usuários por dia. O Tinder declara que seu objetivo é ajudar o usuário a encontrar um parceiro, namorado ou apenas um amigo. O aplicativo foi desenvolvido para smartphones e utiliza o sistema GPS para rastrear pessoas que também possuem o aplicativo e que estejam em um raio de até 100 km. Em síntese, funciona assim: na tela do smartphone aparece a foto da pessoa rastreada, dando ao usuário a opção de clicar no ícone do coração para sinalizar que gostou da pessoa ali apresentada, ou caso não tenha interesse, basta clicar no ícone do xis. Quando os dois usuários envolvidos clicam no ícone do coração, revelando assim um interesse recíproco, abri-se uma tela de bate papo para que ambos conversem. O Tinder também utiliza os mapas do MapBox.

Já o Google Maps explora ainda mais as possibilidades do GPS. Através dele pode-se consultar os caminhos possíveis entre dois pontos, podendo inclusive escolher a forma em que se dará esse deslocamento (carro, transporte público, a pé, bicicleta ou avião). A rota é traçada conforme a opção selecionada, informando a distância e o tempo de viagem. O Google Maps também fornece informações sobre o trânsito, transporte público, estabelecimentos comerciais e locais públicos.

Outro recurso do Google Maps é o Street View, que transporta virtualmente o usuário para dentro do mapa, dando a ele a sensação de estar caminhando pelo local desejado, ou seja, o Street View simula a presença física, pois, na tela é possível ver, de maneira tridimensional, casas, árvores, carros e tudo mais que esteja em volta.

O último de nossos exemplos é o Waze, a rede social do trânsito. Este aplicativo une o uso convencional do GPS com a rede social. Além de mostrar a navegação em tempo real o usuário passa a fazer parte da rede social Waze e, através do seu smartphone, visualiza os outros usuários que estão em trânsito nas proximidades. Essa rede permite a troca de informações referentes ao trânsito, de tal forma que ao se deparar com algum bloqueio, acidente, engarrafamento ou obras, o usuário tenha a opção de lançar um alerta que automaticamente notificará todos os outros motoristas da rede que forem passar por este mesmo local. Através deste alerta o Waze altera a rota destes outros motoristas, sugerindo um melhor caminho.

A partir do momento em que se faz uso do Waze, ele apreende os caminhos do usuário e passa a mostrar automaticamente as melhores rotas. O aplicativo também permite que se formem grupos de amigos e, em uma situação onde todos tenham combinado de se encontrarem em um determinado local, o Waze, automaticamente, localiza tais amigos e revela a distância em que cada um se encontra, e em quanto tempo chegarão ao ponto determinado.

4 Considerações finais

Podemos concluir que o aparelho GPS possui um caráter polivalente e que não mais é usado apenas pela sua função convencional de fornecer rotas de um ponto a ou-

tro. Neste mesmo aparelho temos tecnologias como o bluetooth, mp3, localizadores de estabelecimentos, câmera de ré, alerta de radar, bate papo, TV digital, entre outras. Este imbricamento intensifica a interação entre dispositivos e seres humanos, e nos leva a perceber o aparelho GPS como uma hipermídia. Concordamos aqui com Santaella (2004, p. 35), pois de forma semelhante, assim como o nosso cérebro faz a combinação entre os sentidos, a hipermídia faz a combinação entre as diversas mídias, sejam elas manifestas através de vídeo, áudio, imagem estática ou mesmo texto verbal escrito.

Percebemos também que o GPS, enquanto sistema de posicionamento global, está presente em outras hipermídias como smarthphones, tablets e notebooks, sendo aplicado para outros fins que não seja a navegação por satélite, como por exemplo: intensificar a nossa relação com um determinado lugar, como no caso do Foursquare; propor uma nova forma de se iniciar um relacionamento, como acontece no Tinder; e a associação do uso convencional do GPS com o de uma rede social, como demonstra o Waze. Esta nova interação com a tecnologia interfere nos nossos hábitos cotidianos, trazendo assim, um novo jeito de fazer as mesmas coisas.

A hipermídia tem agora à sua frente um novo leitor, chamado por Santaella (2004, p. 23) de leitor imersivo, aquele que não tem mais o lugar passivo da recepção e constrói um ou mais sentidos dentro das regras de linguagem. Em relação ao aparelho GPS, o leitor imersivo é o motorista, que diante das várias funções que o dispositivo oferece e das inúmeras rotas possíveis de se traçar, tem uma produção incessante de sentidos. Inclusive o sentido revelado neste trabalho, onde o motorista, mesmo tendo à sua disposição um dispositivo de alta tecnologia como o GPS, opta por deslocar-se valendo apenas do conhecimento que já tem dos caminhos da cidade.

Há que se levar em conta que essa tecnologia ainda não responde aos anseios dos motoristas, visto que o GPS não tem seus mapas atualizados imediatamente, de forma a indicar os desvios ou novos caminhos que surgem na cidade de Cuiabá, em tempo real. Mas, ainda assim, podemos dizer que ele esboça uma reação, pois mesmo sem a devida atualização, GPSs como o do aplicativo Waze, permitem que o usuário lhe ensine os novos caminhos, os quais rapidamente, graças à internet, são compartilhados com todos. Estamos diante de uma interatividade onde *o texto é um processo permanente, que dependerá das modificações e contribuições do leitor* conforme indica Possari (2009, p. 30).

Assim, é possível entender os caminhos que surgem em uma cidade como um processo permanente, estejam eles relacionados às obras da Copa ou a outros fatores.

Referências

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2007.

POSSARI, L. H. V. *Comunicação e informação em EaD*. Curitiba: UFPR, 1999.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Palus, 2004.

Sites consultados

Aplicativo de “namoro” Tinder ganha 20 mil usuários no Brasil por dia. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/aplicativo-de-namoro-tinder-ganha-20-mil-usuarios-no-brasil-por-dia,ec15de4bbc682410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Como escolher seu GPS. Disponível em: <<http://www.proteste.org.br/tecnologia/gps/noticia/como-escolher-seu-gps>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

MACHADO, Jonathan D. *O que é GPS?* Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/conexao/215-o-que-e-gps-.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

O que é o Foursquare? (vídeo). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pFWza8CUrSs>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

PEREZ, Muniz. *Waze ou Google Maps: quais as vantagens e desvantagens de cada um?* Disponível em: <<http://canaltech.com.br/dica/software/Waze-ou-Google-Maps/#ixzz2m46tEHFG>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

Significado de GPS. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/gps/>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

Sistema de posicionamento global. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_de_posicionamento_global>. Acesso em: 25 nov. 2013.

Site do Foursquare. Disponível em: <<https://pt.foursquare.com/>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Site do OpenStreetMap. Disponível em: <<http://www.openstreetmap.org>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Wiki. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki>>. Acesso em: 26 nov. 2013.



SEMIOSES

DO COTIDIANO À CIBERCULTURA